

TERCEIRA EDIÇÃO

A COSMOLOGIA EGÍPCIA

O UNIVERSO ANIMADO



UMA PUBLICAÇÃO DA FUNDAÇÃO DE PESQUISAS TEHUTI POR
MOUSTAFA GADALLA



Atualizada 2018

A Cosmologia Egípcia

O Universo Animado

Terceira Edição

Por Moustafa Gadalla



Fundação de Pesquisa TEHUTI.
Sede International: Greensboro, NC, U.S.A.

A Cosmologia Egípcia

O Universo Animado

Terceira Edição

por Moustafa Gadalla

Traduzido do Inglês por Marcelo Cavicchioli

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravado ou por qualquer armazenamento de informação e sistema de recuperação sem a permissão escrita do autor, exceto para a inclusão de breves citações em uma revisão.

Copyright 2017 e 2018 por Moustafa Gadalla, Todos os direitos reservados.

Publicado por:

Fundação de Pesquisa Tehuti

P.O. Box 39491

Greensboro, NC 27438, U.S.A.

CONTEÚDOS

[SOBRE O AUTOR](#)

[Prefácio](#)

[DEFINIÇÕES E TERMINOLOGIA](#)

[MAPA DO EGITO](#)

[Parte I : O Monoteísmo Místico Egípcio](#)

[Capítulo 1 : Os Mais Religiosos](#)

[1.1 A Consciência Cósmica dos Egípcios](#)

[1.2 A Unidade da Multiplicidade do Universo](#)

[1.3 Amen-Renef: O Indeterminado](#)

[Parte II : Os Princípios da Creação](#)

[Capítulo 2 : As Energias de Animação do Universo](#)

[2.1 No Início da Pré-Creação – Nun – O Nada](#)

[2.2 Deixar Iniciar a Creação](#)

[2.3 Som e Forma](#)

[2.4 Atam—A Energia Cósmica Manifestada](#)

[2.5 A Existência do Todo – Tornando-se Um](#)

[2.6 Neteru—As Energias Divinas](#)

[2.7 Maat: A Ordem Divina](#)

[2.8 A Matriz da Energia Universal e Einstein](#)

[2.9 Neteru e Anjos](#)

[2.10 Chamando Pelo Nome](#)

[2.11 O Ciclo da Creação](#)

[2.12 Sirius e seu Acompanhante: o Centro da Creação](#)

[Capítulo 3 : As Contas do Processo da Creação Egípcio](#)

[3.1 Os Vários Aspectos/ Formas da Manifestação](#)

[3.2 A Cosmologia Egípcia e Suas Alegorias](#)

[3.3 As Três Fases Primárias do Ciclo da Creação](#)

[Parte III : Os Códigos Numéricos Da Creação](#)

[Capítulo 4 : A Numerologia do Processo da Creação](#)

[4.1 Tudo É Número – O Misticismo dos Números](#)

[4.2 A Progressão Natural – A Sequência Ordenada do Ciclo da Creação](#)

[4.3 O Número Universal Dois – Isis, o Princípio Feminino](#)

[4.4 O Número Universal Três – Osíris, o Princípio Masculino](#)

[4.5 A Trindade & a Dualidade Universal](#)

[4.6 O Número Universal Cinco – Hórus, o Fenômeno](#)

[4.7 A Sequência Numérica da Creação 2,3,5 ... A Série Somatória](#)

[Capítulo 5 : A Natureza Dualística](#)

[5.1 A Natureza Dualística da Creação – O Dois do UM](#)

[5.2 O Animal Arquetípico – A Serpente de Duas-Cabeças Neheb Kau](#)

[5.3 As Principais Aplicações do Princípio da Dualidade](#)

[5.3.A A Dualidade e seu Aspecto Formativo/Creação](#)

[5.3.B Os Aspectos da Unificação](#)

[5.3.C Os Aspectos Cíclicos](#)

Capítulo 6 : O Três - A Trindade Unificada

6.1 O Primeiro Número Impar

6.2 O Três-Em-Um

6.3 Outras Aplicações da Trindade no Egito

Capítulo 7 : A Estabilidade do Quatro

Capítulo 8 : A Quinta Estrela

8.1 O Fenômeno Numérico Universal

8.2 As Cinco Fases de Hórus.

8.3 O Destino – A Estrela de Cinco Pontas

Capítulo 9 : O Seis Cúbico

Capítulo 10 : O Sete Cíclico

Capítulo 11 : O Oito - A Oitava

Capítulo 12 : As Nove Vidas

12.1 O significado Universal do Número Nove

12.2 Os Nove Níveis da Matriz Universal

12.3 Os Nove Níveis do Homem

Capítulo 13 : O Dez - O Novo Um

Parte IV : Como É Acima É Abaixo

Capítulo 14 : O Ser Humano - A Réplica Universal

14.1 O Uno Unido

14.2 As Funções Metafísicas/Físicas das Partes do Corpo.

14.3 Os Nove Componentes do Homem

Capítulo 15 : A Consciência Astronômica

15.1 A Consciência Cósmica e a Astronomia

15.2 Kepler e a Astronomia Egípcia

15.3 Observações e Gravações Astronômicas

15.4 A Marcação Egípcia do Tempo Real

15.5 O CICLO DO ZODÍACO

15.6 Em Ritmo Com as Eras Zodiacais

15.7 O CICLO SOTÍACO – A Estrela Principal

Parte V : De Mortais à Imortais

Capítulo 16 : A Nossa Viagem Terrena

16.1 O Nosso Propósito na Terra

16.2 Do Mortal ao Imortal

16.3 Vá à Sua Maneira (Ma-at)

16.4 A Prática Faz a Perfeição

16.5 O Benefício da Alquimia Avançada – Meta de Ouro – Sufismo

16.6 A Meta de Ouro – A Alquimia

Capítulo 17 : Subindo a Escada Celestial – A Vida Após a Terra

17.1 A Transmigração da Alma

17.2 Avaliação de Desempenho

17.3 Os Textos Transformacionais

17.4 A Entrada Para o Novo Reino

17.5 A Glória

Glossário

Bibliografia

Fontes

Publicações da F.P.T.(Fundação de Pesquisa Tehuti)

SOBRE O AUTOR

Moustafa Gadalla é um egípcio-americano e egiptólogo independente, que nasceu em 1944 no Cairo, Egito. Ele possui formação de Bacharel em Engenharia Civil pela Universidade do Cairo.

Gadalla é autor de vinte e dois livros publicados e aclamados internacionalmente. Abordando os vários aspectos da história Egípcia Antiga, Gadalla narra sobre a civilização e a suas influências em todo o mundo.

Ele é o fundador e presidente da Fundação de pesquisa Tehuti (<https://www.egypt-tehuti.org>) — uma organização internacional baseada nos EUA, sem fins lucrativos, dedicada aos estudos do Antigo Egito. Gadalla também é o Fundador e Chefe da Universidade Místico-Egípcia online (<https://www.EgyptianMysticalUniversity.org>).

Desde a sua infância, Gadalla persegue suas raízes Egípcias Antigas com paixão, através do contínuo estudo e pesquisa. A partir de 1990, ele passou a dedicar e concentrar todo o seu tempo à Pesquisar e escrever.

PREFÁCIO

Quase todos os egiptólogos interpretaram, e continuam a interpretar os escritos Egípcios Antigos e outros modos de expressão (arte, arquitetura, ... etc.) sem tentar entender os pensamentos e crenças neles expressos. Suas explicações continuam a ser superficiais, o que reflete em suas noções pré-concebidas dos Antigos Egípcios como sendo primitivos, e inferiores ao mundo Ocidental moderno.

Em torno de meio século atrás, Alexandre Piankoff resumiu o estado deteriorado da Egiptologia nas seguintes declarações de seu livro, *The Tomb of Ramses VI* de 1954:

“Para os primeiros Egiptólogos esta religião era altamente misteriosa e mística. Eles os viam com os olhos de um Pai Kircher. Então ocorreu uma reação súbita: estudiosos perderam todo o interesse na religião, assim como passaram a olhar para os textos religiosos apenas como fonte de material para a pesquisa filológica-histórica.

Sob a influência de um Alto Criticismo, os textos foram decompostos e sua gênese ansiosamente estudada ... O valor intrínseco da composição religiosa e dos pensamentos foram sistematicamente ignorados e, conseqüentemente, temporariamente perdido. Estudiosos Egípcios desde Champollion viram na mais antiga tradição religiosa da humanidade, fundamentalmente uma coleção de dados históricos distorcidos, os quais se esforçaram por toda uma vida na reconstrução da história do Antigo Egito “.

É hora de desfazer a distorção.

Este livro sendo sua Terceira Edição, é uma edição revista e ampliada da segunda edição da *Cosmologia Egípcia: O Universo Animado*, publicado em 2001.

A Primeira Edição [1997] foi originalmente publicado como *A Cosmologia Egípcia: A Absoluta Harmonia*, que foi alterado para refletir melhor o conteúdo expandido do livro.

Este livro examina a aplicabilidade dos conceitos cosmológicos Egípcios para a nossa compreensão moderna sobre a natureza do universo, a criação, a ciência e a filosofia. A cosmologia Egípcia é humanista, coerente, abrangente, consistente e lógica, analítica e racional. O leitor irá descobrir o conceito Egípcio da matriz energética universal, como as estruturas sociais e políticas eram o reflexo do universo, e as interações entre os nove reinos universais, ... etc.

O objetivo deste livro é fornecer uma explanação tal que, embora baseada em conhecimentos sólidos, apresenta as questões em linguagem compreensível para os leitores não especializados. Os termos técnicos foram mantidos num nível mínimo. Estes são explicados no glossário, quando não for possível tecnicamente. O livro está dividido em cinco partes, contendo um total de 17 capítulos.

Parte I: O Monoteísmo Místico Egípcio consiste de um capítulo:

Capítulo 1: *Os Mais Religiosos* irá cobrir o significado místico profundo do monoteísmo para os Egípcios que são profundamente religiosos, bem como uma visão geral de sua consciência cósmica.

Parte II: Os Princípios da Creação consiste em dois capítulos – 2 e 3:

Capítulo 2: *As Energias Animadoras Do Universo* irá cobrir a compreensão científica dos Egípcios sobre o estado do mundo antes da Creação, e sobre as energias de animação divinas do ciclo da criação.

Capítulo 3: *As Contas no Processo da Creação Egípcia* irá cobrir uma visão geral das três fases primárias do Ciclo da Creação.

Parte III: Os Códigos Numéricos da Creação tem cinco capítulos – os capítulos de 4 a 8:

Capítulo 4: *A Numerologia do Processo da Creação* irá cobrir o misticismo numérico dos Egípcios Antigos, e a análise dos números dois, três e cinco.

Capítulo 5: *A Natureza Dualística* cobrirá a natureza dual da criação e fará a análise de 14 diferentes aplicações no sistema Egípcio Antigo.

Capítulo 6: *O Três – A Trindade* irá cobrir este primeiro número ímpar [o um não é um número], a importância do triplo poder de uma trindade no universo; e algumas aplicações deste princípio no sistema Egípcio Antigo.

Os Capítulos 7 ao 13 irão cobrir os **aspectos místicos dos números quatro a dez**.

Parte IV: Como é Acima é Abaixo possui dois capítulos – 14 e 15:

Capítulo 14: *O Ser Humano – A Réplica Universal* irá cobrir como os componentes físicos e metafísicos do homem são imagens de toda a criação.

Capítulo 15: *A Consciência Astronômica* irá cobrir o conhecimento avançado de astronomia e tempo mantidos no Egito Antigo, dos ciclos do zodíaco e do sotíaco; bem como a natureza da harmonia das (sete) esferas, e a participação da população em sua manutenção.

Parte V: De Mortais à Imortais possui dois capítulos – 16 e 17:

Capítulo 16: *A Nossa Viagem Terrena* irá cobrir os caminhos individuais disponíveis para se alcançar a reunião com a Fonte Divina, incluindo o Sufismo, a Alquimia, etc.

Capítulo 17: *Escalando a Escada Celestial* irá cobrir a vida após a terra, a transmigração da alma, a progressão ao longo dos vários reinos para a reunificação e a deificação.

Moustafa Gadalla

DEFINIÇÕES E TERMINOLOGIA

1.A Antiga palavra Egípcia, *neter*, e sua forma feminina *netert*, tem sido indevidamente e, possivelmente de maneira intencional, traduzida para *deus* e *deusa* por quase todos os acadêmicos. *Neteru* (plural de *neter* / *netert*) são os princípios e funções divinas do Deus Uno Supremo.

2.Você pode encontrar variações de escritas em semelhantes termos Egípcios Antigos, como *Amen/Amon/Amun* ou *Pir/Per*. Isso ocorre porque as vogais que você vê em textos Egípcios traduzidos são apenas aproximações de sons, que são usados pelos Egíptólogos ocidentais para ajudá-los a pronunciar os termos/palavras Egípcias Antigas.

3.Nós estaremos usando as palavras mais comumente reconhecidas pelas pessoas que falam Português (ou Inglês), e que identificam um *neter/netert* [deus, deusa], como um faraó ou uma cidade; seguido de outras “variações” de tal palavra/termo.

Deve-se notar que os nomes reais das deidades (deuses, deusas) foram mantidos em segredo, de modo a proteger o poder cósmico da divindade. A *Neteru* foi referida pelos epítetos que descrevem sua (s) particularidade (s), qualidade (s), atributo (s) e / ou o (s) aspecto (s) dos seus papéis. O mesmo aplica-se em todos os termos comuns, como *Isis*, *Osíris*, *Amun*, *Re*, *Hórus*, etc.

4.Ao utilizar o calendário Latino, iremos usar os seguintes termos:

BCE – Antes da Era Comum (abreviativo de ‘Before Common Era’ no inglês). Também se observa em outras referências como **BC**.

CE – Era Comum (abreviativo de ‘Common Era’ do Inglês). Também se

observa em outras referências como AD.

5.O termo Baladi será utilizado ao longo deste livro para designar a atual maioria silenciosa dos Egípcios que aderem às tradições Egípcias Antigas, com uma fina camada exterior do Islã. [Leia *Ancient Egyptian Culture Revealed* por Moustafa Gadalla para obter mais informações detalhadas.]

6.Havia/há nas escritas/textos dos Antigos Egípcios que foram categorizados pelos próprios egípcios como “religioso”, “funerário”, “sagrado”, ... etc. A academia Ocidental deu nomes arbitrários para textos Egípcios Antigos, como o “Livro Disso”, ou “Livro Daquilo”, “divisões”, “declarações”, “feitiços”, ... etc. A Academia ocidental ainda decidiu que um certo “Livro” tinha uma “Versão de Tebas” ou “isto é uma versão do período de tempo”. Depois de crer em suas próprias inventivas criações, a academia acusou os Antigos Egípcios de cometerem erros e excluïrem partes de seus escritos!!!?

Para facilitar a consulta, vamos mencionar a categorização acadêmica arbitrária Ocidental comum dos textos Egípcios Antigos, embora os Egípcios Antigos nunca o fizeram.

MAPA DO EGITO



PARTE I : O MONOTEÍSMO MÍSTICO EGÍPCIO

CAPÍTULO 1 : OS MAIS RELIGIOSOS

1.1 A CONSCIÊNCIA CÓSMICA DOS EGÍPCIOS

O historiador Grego Heródoto (500 BCE) afirmou:

“De todas as nações do mundo, os Egípcios são os mais felizes, mais saudáveis e mais religiosos”.

O excelente condicionamento físico dos Egípcios era devido ao uso e aplicação de realidades metafísicas em sua vida diária – em outras palavras – sua completa consciência cósmica

As cenas de atividades diárias encontradas dentro de túmulos Egípcios, mostram uma forte correlação perpétua entre a terra e o céu. As cenas mostram representações gráficas de todos os tipos de atividades: caça, pesca, agricultura, tribunais de justiça, e de todos os tipos de artes e ofícios. Ao retratar estas atividades diárias, na presença da *neteru* (deuses, deusas), ou com a seu auxílio, significava sua correspondência cósmica.

Os Egípcios Antigos mais religiosos nunca, dentre as centenas de papiros – e em outras escritas de superfícies – referiram-se a um ser humano como um “descobridor” ou como um “inventor”.

O Divino era e é a fonte de toda a sua existência. O Divino é a origem de tudo o que existe e é através das Forças Divinas que o universo foi criado e está sendo mantido. É por isso que todos os aspectos do conhecimento no Egito Antigo são creditados aos atributos/aspectos/qualidades do Divino, ou seja, a *neteru* (deuses/deusas).

Esta correlação perpétua – consciência cósmica – ecoou no Asleptus III (25) dos Textos Herméticos:

“... No Egito todas as operações das forças que governam e trabalham no céu foram transferidos para a terra abaixo ... ele deve sim ser dito que todo o cosmos habita nele [Egito] como em seu santuário ...”

Cada ação, não importa quão mundana, era em certo sentido, um ato de correspondência cósmica: lavrar, semear, colher, fabricação de cerveja, o dimensionamento de uma caneca de cerveja, a construção de navios, ao travar-se guerras, jogar os jogos, todos eram vistos como símbolos terrenos para atividades divinas.

No Egito, o que hoje chamamos de religião, era tão amplamente reconhecida que nem sequer precisava de um nome. Para eles, não se percebia diferenças entre o sagrado e o mundano. Todo o seu conhecimento que era baseado nessa consciência cósmica foi incorporado em suas práticas diárias, as quais se tornaram tradições.

Aos visitantes estrangeiros que vão para o Egito, e que não estão familiarizados com a profundidade cósmica das tradições dos nativos, é imprudência rotular precipitadamente os Egípcios Antigos ou os Baladi como “supersticiosos”.

Fazemos muitas coisas na vida, como operar um computador, sem a maioria de nós saber como ele funciona. Isto não invalida o nosso uso do computador como sendo não-científico. Da mesma forma, as práticas dos Antigos Egípcios e dos Baladi não deve ser descartada, porque nem todo mundo sabe a base científica dessa ação cósmica perpétua.

Em qualquer sociedade, relativamente apenas umas poucas pessoas especializadas conhecem a base científica de como/por que as coisas funcionam de determinadas maneiras.

1.2 A UNIDADE DA MULTIPLICIDADE DO UNIVERSO

A palavra “cosmologia” significa o estudo do universo como um todo, e de sua forma e natureza como um sistema físico.

Nós encontramos a essência da palavra, cosmologia, na *Ladainha de Re* dos Egípcios Antigos, onde Re – o Princípio Divino da Creação – é descrito

como:

***“O Uno Unido Junto,
Quem Sai para Fora de Seus Próprios Membros “.***

A definição Egípcia Antiga de Re é a representação perfeita da Unidade que compreende a junção de muitas entidades diferentes, ou seja, O Uno que é o Todo.

A *Ladainha de Re* descreve os aspectos do princípio da criação: sendo reconhecida como neteru (deuses, deusas), cujas ações e interações, por sua vez, criaram o universo.

Vamos mesmo olhar para a palavra “religião” que teve seu significado original corrompido.

A raiz da palavra religião é “religio”, o que significa *para ligar ou amarrar*, o que novamente é consistente com a definição de Re nos textos Egípcios.

1.3 AMEN-RENEF: O INDETERMINADO

Os Egípcios profundamente religiosos, reconhecendo que nenhum ser humano pode definir o indefinível, acreditavam na presença de uma potência desconhecida e ilimitada, tão majestosa para se comunicar com o universo criado, e que sem esse poder, nenhuma criação pode existir.

Fora do universo e de sua natureza cíclica, é o que os Egípcios Antigos denominavam por ‘Amen-Renef’, o qual não é um nome de qualquer entidade, mas uma sentença que significa, *O Que possui Essência Desconhecida*. Neste reino do incognoscível, não há palavras, qualquer expressão do pensamento humano poderia ser falada, e os Egípcios profundamente religiosos nunca o fizeram, e só poderia ser transmitida pela negação de todas as qualidades, os Egípcios diriam:

- ***Cujo nome é desconhecido por toda neteru*** (deuses, deusas)
- ***Aquele que não tem definição***, [ou seja, não pode ser definido/descrito por qualquer termo humano]
- ***Aquele que não possui imagem***.

- *Aquele que não tem forma.*
- *Aquele sem começo e sem fim; etc, etc.*

Como tal, a *expressão* Egípcia Antiga, Amen-Renef, transcende até mesmo a qualidade do ser. Amen-Renef não é o Creador ou a Causa-Primeira. Todos os termos: Deus, Creador, Mestre do Universo, Causa Primeira, O Primeiro, são princípios mais baixos e separado de Amen-Renef.

Os Egípcios não murmuravam nunca sobre o mesmo – e assim reservadamente, apelavam sempre para o profundo sentimento por trás das palavras – e que Amen-Renef está em toda parte, no sentido de que, sem a sua Supra Existência nada poderia ser.

Agora reconhecendo Amen-Renef, cuja essência é desconhecida, podemos entrar nos reinos do Ciclo da Criação, o qual fazemos parte.

PARTE II : OS PRINCÍPIOS DA CREAÇÃO

CAPÍTULO 2 : AS ENERGIAS DE ANIMAÇÃO DO UNIVERSO

2.1 NO INÍCIO DA PRÉ-CREação – NUN – O NADA

Cada texto Egípcio sobre a criação começa com a mesma crença básica, de que antes do início das coisas havia um abismo-liquido primitivo em todos os lugares, sem fim e sem limites ou direções. Os Egípcios chamavam este oceano cósmico/caos aquático, Nu/Ny/Nun – o estado não-polarizado da matéria. A água é desforme, e por si mesma ela não assume qualquer forma, tampouco resiste a ser moldada.

Os cientistas concordam com os Egípcios Antigos sobre a descrição da origem do universo como sendo um abismo. Os cientistas se referem a esse abismo como a sopa de nêutrons, onde não há nem elétrons nem prótons, somente nêutrons formando um enorme núcleo extremamente denso.

Tal caos no estado da pré-creação, foi causado pela compressão da matéria, isto é, os átomos não existiam em seus estados normais, mas foram espremidos tão proximamente juntos, que muitos núcleos atômicos estavam amontoados em um espaço anteriormente ocupado por um único átomo normal. Sob tais condições, os elétrons desses átomos foram expulsos de suas órbitas e moveram-se livremente, ou seja, sob um estado degenerado caótico.

Nu / Ny / Nun é o “Ser-Subjetivo”, o símbolo da não-formação, indeterminado, energia/matéria indiferenciada, inerte ou inativa, o estado não-creado antes da criação; ele em si não pode ser a causa de sua transformação.

O termo “infinito”, é claro, é sinónimo de “não finito”, indefinido, ilimitado, sem forma, indiferenciado, e assim por diante. Isto significa que a

energia/matéria da qual todas as coisas são formadas deveriam estar no seu estado fundamental, sem forma, indeterminada, indiferenciada, etc. Se a base material do mundo teve quaisquer definições essenciais (formações), estes agiriam como fatores limitantes à sua capacidade de ser transformado infinitamente. Sua falta essencial de definição é um requisito absoluto para a onipotência criativa de Deus.

2.2 DEIXAR INICIAR A CREAÇÃO

A energia condensada na sopa de nêutrons da pré-criação foi continuamente sendo construída. Esta energia condensada atingiu a concentração ideal de energia acumulada, o que levou à sua explosão e sua expansão para fora, há cerca de 15 bilhões de anos atrás.

O som alto dessa explosão foi o que causou o rompimento das partes constituintes do universo.

Os textos Egípcios Antigos igualmente sublinham repetidas vezes que a divina voz comandante, ou seja, o Som Divino foi a causa da criação.

2.3 SOM E FORMA

Os primeiros textos Egípcios Antigos recuperados há 5.000 anos atrás mostram a crença de que a Palavra causou a criação do Mundo. No livro Egípcio chamado *O Livro da Revelação pela Luz* (erroneamente e comumente traduzido como *O Livro dos Mortos*), o texto escrito mais antigo do mundo, afirma:

“Eu sou o Eterno ... Eu sou aquele que creou a Palavra ... Eu sou a Palavra ... “

Também encontramos no Livro da Vaca Divina (encontrado nos santuários de Tut-Ankh-Amen) que os céus e os seus anfitriões vieram a existir meramente pelo pronunciamento da palavra, e cujo som por si só evoca coisas. Assim que o seu nome é pronunciado, logo as coisas passam a existir.

Para o nome é a realidade, a coisa em si. Em outras palavras, cada som

particular foi/é a sua forma correspondente. A ciência moderna tem confirmado uma relação direta entre a frequência de onda sonora e as formas.

A palavra (qualquer palavra) é cientificamente um elemento vibracional complexo, o qual é um fenômeno de onda, caracterizado pelo movimento de frequência e intensidade variáveis. Em outras palavras, o som é causado pela compressão das partículas do ar, pela reorganização do espaço e do movimento das partículas de ar, ou seja, criando as formas. Cada frequência de onda sonora possui a sua própria e correspondente forma geométrica.

O som divino transformou o potencial inerte da energia/matéria em Nun nas partes do universo como diferenciada, ordenada, e estruturou – energia cinética – as formas dos objetos, dos pensamentos, das forças, dos fenômenos físicos, etc.

Transformar um tipo de energia (potencial) em outro tipo (cinética) fez universo vir a vida, no todo e em suas partes constituintes.

É tudo uma questão de energias.

2.4 ATAM—A ENERGIA CÓSMICA MANIFESTADA

Como vimos, a criação surgiu do estado de não-criação. Os Egípcios chamaram-no de Nun. Nenhum ou nulo também representam o estado da pré-criação do universo. É um NÃO universo: NENHUM-NULO-ZERO. Tal estado do universo representa o Ser Subjetivo – sem forma, indefinido, a energia/matéria indiferenciada. Sua energia inerte é inativa.

Por outro lado, o estado da criação é ordenado, formado, definido e diferenciado. A totalidade da energia divina durante o estado da criação é chamado pelos Egípcios de Atam.

Criação é a triagem para fora (dando definição de / para trazer a ordem ao) de todo o caos (a energia/matéria indiferenciada e a consciência) do estado primitivo. Todos as contas da criação dos Antigos Egípcios exibiam isso de maneira bem definida, e fases claramente demarcadas.

A primeira etapa da criação foi a autocriação do Ser Supremo como o

criador e Ser, ou seja, a passagem do Ser Subjetivo (Nu/Ny/Nun) ao Ser Objetivo (Atam). Em termos humanos simplificados, isto é equivalente ao momento em que se passa do dormir (estado inconsciente, ser subjetivo) para se estar consciente de si mesmo (ganhando consciência, ser objetivo). É como ficar de pé em terra firme.

Esta fase da criação foi representada pelos sábios Egípcios como Atam/Atum saindo para fora da Nu/Ny/Nun. Nos textos do Unas (também chamado da Pirâmide), existe a seguinte invocação:

**Saudação a ti, Atam,
Saudação a ti, o que vem a ser por si mesmo!
Tu és alto neste teu nome em Alto Monte,
Tu viestes para a existência neste teu nome Khepri (Tornando-se Um).
[§1587]**

Atam significa a *Uni-dade de tudo*, o completo. Atam está conectado com a raiz, ‘tam’ ou ‘tamam’, que significa “*ser completo*” ou “*para dar fim ao*”.

Em textos Egípcios Antigos, Atam significa aquilo que termina ou aperfeiçoa, e na Ladainha de Re, Atam é reconhecido como *o Uno Completo, o TODO*.

Os textos Egípcios Antigos enfatizam que o Uno Completo contém tudo. Nos textos Antigos Egípcios se lê:

“Eu sou muitos nomes e muitas formas, e meu Ser existe em cada neter”.

Numericamente, um não é um número, mas a essência do princípio subjacente aos números, todos os outros números seriam feitos à partir dele. Um representa Unidade: o Absoluto como energia não-polarizada. Atam como o número Um não é nem diferente nem igual, mas ambos. Atam não é nem feminino nem masculino, mas ambos.

Atam é a totalidade da energia matriz ordenada durante o estágio da criação, enquanto Nun é o componente da energia desordenada – o Ser Subjetivo. O total da energia divina dentro universo é chamado Nun em seu estado caótico,

e Atam em sua criação ordenada é um ponto do seu estado/processo.

Atam representa o lançamento, em uma sequência ordenada, das energias existentes dentro de Nun, ou seja, trazendo-o para a vida. Isto representa o Ser Objetivo.

Nun e Atam são imagens um do outro, como os números 0 e 1 – 0 não é nada, nulo, e 1 significa todos.

2.5 A EXISTÊNCIA DO TODO – TORNANDO-SE UM

A criação é a triagem para fora (dando definição de / para trazer a ordem ao) de todo o caos (a energia/matéria indiferenciada e a consciência) do estado primitivo. Todos as contas da criação dos Antigos Egípcios exibiam isso de maneira bem definida, e fases claramente demarcadas.

A semente da criação – da qual tudo se originou é Atam. E assim como a planta está contida no interior da semente, então tudo o que é criado no universo também é Atam.

Atam, O Um que é o Todo, como o Mestre do Universo, declara, no papiro Egípcios Antigos vulgarmente conhecido como Papiro Bremner-Rhind.

**“Quando Eu me manifestei na existência, a existência existiu.
Eu entrei para a existência na forma do Existente, que entrou na
existência pela Primeira Vez.
Vindo para a existência de acordo com o modo de existência do
Existente, eu, portanto passei a existir.
E foi assim então que o Existente veio a existência”.**

Em outras palavras, quando o Mestre do Universo veio para a existência, toda a criação veio para a existência, porque o Um Completo contém o todo.

2.6 NETERU—AS ENERGIAS DIVINAS

Nós acabamos de ver que quando o Mestre do Universo veio para a existência, toda a criação veio para a existência, porque o Um Completo contém o todo.

O ciclo da criação é causado e mantido por forças ou energias divinas. Estas energias, como o perpétuo ciclo da criação passa por um processo de transformação do nascimento-vida-crescimento-envelhecimento-morte e renascimento. Nós, como seres humanos, temos forças de vida semelhantes e que mudam ao longo da nossa vida. Nossos corpos humanos consistem em numerosos ciclos que governam nossa existência na vida. Todas as forças morrem quando morremos.

Os Egípcios chamavam estas forças divinas de neteru. O tema principal do universo é a sua natureza cíclica. A NeTeRu são as forças da NaTuReZa, as quais fazem o mundo girar, por assim dizer. Simplesmente chamá-los de deuses e deusas dá uma falsa impressão.

A energia Divina que se manifesta por si mesma no ciclo da criação é definida por seus aspectos constituintes de energia que foram chamados neteru pelos Antigos Egípcios. Para que a criação possa existir e ser mantida, esta energia divina deve ser pensada em termos de princípios masculino e feminino.

Entretanto, os Antigos Egípcios expressavam as forças da energia cósmica nos termos de netert (princípio feminino) e neter (princípio masculino).

A palavra Egípcia ‘neter’ ou natureza, ou ‘netjer’, significa *um poder que é capaz de gerar vida e mantê-la depois de gerada.* Como todas as partes da criação passam pelo ciclo de nascimento-vida-morte-renascimento, assim são conduzidas as energias durante as fases deste ciclo. É por isso que os Antigos Egípcios se referiam a neteru como sendo energias divinas que passaram e continuam a passar pelo mesmo ciclo de nascimento-morte-crescimento e renovação. Tal entendimento foi comum a todos, como foi observado por Plutarco, que a multitude das forças da natureza conhecidas como neteru são nascidas ou creadas, e sujeitas a mudanças contínuas, envelhecem e morrem e renascem.

Podemos dar o exemplo da lagarta que nasce, que vive, em seguida, constrói seu próprio casulo, onde ela morre ou melhor ainda, se transforma em uma borboleta, que põe ovos, e assim por diante. O que nós temos aqui é a transformação cíclica de uma forma/estado de energia para outro.

Outro exemplo é o ciclo da água – a água que evapora, formando nuvens que chovem de volta à terra. É tudo uma transformação de energias cíclicas e ordenadas em várias formas.

Quando você pensa em neteru – não como *deuses* e *deusas* -mas como forças da energia cósmica, qualquer um pode ver o sistema dos Antigos Egípcios como uma representação brilhante do universo. Filosoficamente, esta transformação natural cíclica é aplicável ao nosso ditado:

“Quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas”.

Nos círculos científicos, isto é conhecido como **a lei natural da conservação da energia**, que é descrita como: *o princípio em que a energia nunca é consumida, mas apenas muda de forma, e que o total da energia em um sistema físico, tal como no universo, não pode ser aumentado ou diminuído.*

2.7 MAAT: A ORDEM DIVINA

Para as pessoas profundamente religiosas do Egito, a criação do universo não foi um evento físico que simplesmente aconteceu. Foi um evento ordenado que foi pré-planejado e executado de acordo com uma Lei Divina ordenada que governa os mundos físico e metafísico. Assim, lemos no *Livro do Conhecimento da Creação de Ra e Superação de Apep* (Apophis), conhecido como o *Papiro de Bremner-Rhind*:

Eu ainda não tinha encontrado um lugar em que Eu podia permanecer. Eu concebi o Plano Divino da Lei ou Ordem (Maa) para fazer todas as formas. Eu estava sozinho, Eu ainda não tinha enviado Shu, nem Eu tinha ainda enviado Tefnut, nem existia qualquer outro que poderia atuar junto comigo.

Ma-at é o netert (deusa), que representa o princípio da ordem cósmica. Este conceito é que não só os homens, mas também a neteru (deuses, deusas) em si foram governados e sem os quais neteru (deuses, deusas) não possuem função.

2.8 A MATRIZ DA ENERGIA UNIVERSAL E EINSTEIN

Esta matriz de energias veio como resultado do ato inicial da criação, e de seus efeitos subsequentes ao da criação do universo. Esta matriz é constituída por uma hierarquia organizada. Cada nível da hierarquia da existência é uma teofania – a criação pela consciência do nível do ser acima dela. A autocontemplação por cada estágio da existência traz à existência cada fase inferior. Como tal, a hierarquia das energias está inter-relacionada, e cada nível é sustentado pelo nível abaixo dela. Esta hierarquia de energias está definida perfeitamente em uma vasta matriz de leis naturais profundamente interligadas. É ao mesmo tempo físico e metafísico.

Os Antigos Egípcios e os Baladi Egípcios não fizeram/fazem qualquer distinção entre o estado metafísico de um ser com o seu corpo material. Tal distinção é uma ilusão mental. Nós existimos em um número de níveis diferentes de uma só vez, partindo do mais físico ao mais metafísico. Einstein concordava com os mesmos princípios.

Desde a teoria da relatividade de Einstein, tem sido conhecido e aceito que a matéria é uma forma de energia, uma coagulação ou condensação dessa energia. Como resultado, a lei natural da conservação da massa ou matéria afirma, da mesma maneira, que a matéria não pode ser criada nem destruída durante qualquer alteração física ou química.

A energia é composta de moléculas que giram ou vibram em várias taxas de velocidade. No mundo “físico”, as moléculas giram a uma taxa muito lenta e constante de velocidade. É por isso que as coisas parecem ser sólidas para os nossos sentidos terrenos. Quanto mais lenta for a velocidade, mais densa ou sólida é a coisa. No mundo metafísico (espírito), as moléculas vibram muito mais rápido ou na dimensão etérea – onde as coisas são mais livres e menos densas.

Sob esta luz, universo é basicamente uma hierarquia de energias, em diferentes ordens de densidade. Nossos sentidos têm algum acesso a forma mais densa de energia, que é a matéria. A hierarquia é inter-relacionada, e cada nível é sustentado pelo nível abaixo dele. Esta hierarquia de energias está definida perfeitamente em uma vasta matriz de leis naturais profundamente interligadas. É ao mesmo tempo físico e metafísico.

A matriz (matrix) de energia universal engloba o mundo como um produto de

um complexo sistema de relações entre as pessoas (vivos e mortos), dos animais, das plantas e dos fenômenos naturais e sobrenaturais. Esta lógica é muitas vezes chamada de animismo por causa de sua premissa central de que todas as coisas são animadas (energizadas) pela força da vida. A cada minuto partículas de tudo estão em constante movimento, ou seja, energizadas, tal como foi reconhecida na teoria cinética. Em outras palavras, tudo é animado (energizado) – animais, árvores, rochas, pássaros, até mesmo o ar, o sol e a lua.

Quanto mais rápida a forma das energias – aquelas energias invisíveis no universo – estas são chamadas por muitos de espíritos. Os espíritos/energias são organizados em diferentes ordens de densidades, que diz respeito às diferentes velocidades das moléculas. Estas energias mais rápidas (invisíveis) habitam certas áreas, ou estão associadas a um determinado fenômeno natural em particular. Os espíritos (energias) existem em grupos de tipo-família (ou seja, relacionados entre si).

As energias podem ocupar, à vontade, uma energia mais condensada (matéria), como a humana, a animal, a vegetal, ou qualquer outra forma. O espírito anima o corpo humano ao nascer, e deixa-o no momento da morte. Às vezes, mais de um espírito de energia entra em um corpo.

Muitas vezes ouvimos uma pessoa dizer “não se sentir ele/ela mesma”, ou está “temporariamente insana ‘,’ possuído ‘,’ fora de si ‘, ou uma pessoa que tem múltiplas personalidades. As energias (espíritos) têm um efeito sobre todos nós, a um determinado grau ou outro.

A presença da energia em tudo era reconhecida por muito tempo pelos Egípcios Antigos e pelos Baladi. Que existem energias cósmicas (neteru) em cada pedra, mineral, madeira, etc., isso está claramente indicado na Shabaka Etele (8° Século BCE):

“E assim neteru (deuses deusas)entraram em seus corpos, na forma de todo tipo de madeira, de cada tipo de mineral, como todo o tipo de argila, e como tudo o que cresce sobre ele (significando a terra)”.

2.9 NETERU E ANJOS

A *neteru* (deuses, deusas) são as energias/poderes/forças divinas que, através de suas ações e interações, criaram, mantiveram, e continuam a manter o universo.

A *neteru* (deuses, deusas), e suas funções, foram reconhecidas posteriormente por outros como *anjos*. O Cântico de Moisés no Deuteronômio (32:43), como aquele encontrado em uma caverna em Qumran perto do Mar Morto, menciona a palavra *deuses* no *plural*:

“Alegrai-vos, Ó céus, com ele; e faze reverência a ele, ó deuses”.

Quando a passagem é citada no Novo Testamento (Hebreus, 1: 6), palavra *deuses* é substituído por ‘anjos de Deus’.

As esferas de *neteru* (também conhecidas como anjos e arcanjos no Cristianismo) são hierárquicas entre os níveis/reinos do universo.

2.10 CHAMANDO PELO NOME

Como afirmado anteriormente, os textos da criação Egípcios enfatizam repetidamente a crença da criação pela Palavra. Descobrimos que no Livro da Vaca Divina (encontrado nos santuários de Tut-Ankh- Amen), Re criou os céus e seus hóspedes, simplesmente pronunciando algumas palavras cujo som, por si só, evocaram os nomes das coisas, e estas coisas em seguida, apareceram ao seu comando. Assim que o seu nome é pronunciado, logo as coisas passam a existir. Para eles o nome é a realidade, a coisa em si.

O papel do nome para os Egípcios Antigos e os Baladi não era, de acordo com nosso pensamento moderno, um *mero rótulo*. O nome de um *neter*, de pessoa, animal, ou princípio, representa um resumo ou sinopse das qualidades da pessoa ou de objetos. Ao conhecer e pronunciar o verdadeiro nome da *neteru* (deus, deusa), homem, ou animal, é para exercer o poder sobre ele. É assim, portanto, que os Egípcios Antigos têm nomes reais “secretos” para tudo e todos, a fim de proteger a pessoa ou a coisa.

A história tradicional do *Mistério do Nome Divino* é encontrada em um papiro Egípcio Antigo, agora no Museu de Turim. Na história, Re recusou-se a dizer mesmo o mais amado dos Seres, Isis, seu nome real (secreto). Os

eventos da história terminam com Re “divulgando” o seu nome “secreto” como sendo *Amen*. Deve se notar que Amen significa *secreto/escondido*. Em outras palavras, sob todas as circunstâncias difíceis, Re (como um modelo para todos) não divulgou o seu verdadeiro nome, mas apenas afirmou que o seu nome secreto era [Amen] *segredo*.

Os cultos e as pessoas mais confiáveis de uma comunidade Egípcia sabiam/conheciam o grande e o real (ou secreto) nome da *neteru* (deuses, deusas) e de outras forças cósmicas, e usavam esse conhecimento para manter a ordem no mundo.

Os nomes reais das deidades (deuses deusas) foram mantidos em segredo. O nome real foi/está imbuído de poderes e de propriedades mágicas. Ao conhecer e pronunciar o nome real de um *neter/netert* (deus/deusa) é exercer poder sobre ele. Para guardar o poder cósmico da divindade, os Antigos Egípcios frequentemente usavam “nomes” com conotações religiosas. Baal simplesmente significa Senhor ou governante, e assim que ouvimos do Baal ou do Baalat (Senhora) de tal e tal cidade. Da mesma forma, uma divindade será chamada de Melek, significando Rei. Assim também para Adon, que significa Senhor ou Mestre. Melqart significava o Rei da Cidade. Outros “nomes” significavam aquele favorecido pelos deuses ou concedido pelos deuses, e foram traduzidos para o latim como *Fortunatus*, *Felix*, *Donatus*, *Concessus*, assim por diante.

2.11 O CICLO DA CREAÇÃO

O sistema da criação é um sistema da necessária emanção, procissão, ou irradiação, seguida pela necessária aspiração ou reversão-para-fonte: todas as formas e fases da existência fluem da Divindade e todos se esforçam para voltarem para lá e para permanecerem lá.

Como consequência do Big Bang, as forças de expulsão, que foram a causa de todas as galáxias se deslocam para fora, estão sendo rejeitados pelas forças gravitacionais/contracionais, que puxam as galáxias juntas. No presente momento, as forças para fora excedem as forças contracionais, e, por conseguinte, os limites do universo ainda estão em expansão.

Os cientistas nos dizem que em um certo ponto no tempo no futuro, universo irá parar de se expandir e começar a diminuir. A radiação de micro-ondas da bola de fogo do Big Bang (que ainda está girando ao redor) irá começar a se achatar, aquecer e mudar de cor novamente, até que se torne visível mais uma vez. O céu irá tornar-se vermelho, e irá em seguida ficar laranja, amarelo, branco, ... e irá finalizar no Big Crunch, ou seja, todo o estado e toda a radiação no universo irão colidir juntas, em uma unidade.

Portanto, não é surpreendente que os textos Egípcios Antigos também descreveram, nos habituais e simbólicos termos Egípcios: o Big Crunch e o Big Bounce.

Os textos do caixão Egípcio, Spel (Feitiço) 130 nos diz que,

“Depois que os milhões de anos de criações diferenciadas, o estado de caos anterior à criação irá retornar. Apenas Completo Uno [Atam] e Aus-Ra irão permanecer. . . não mais separados no espaço e no tempo “.

Os textos Egípcios Antigos nos dizem sobre dois pontos. O primeiro é o retorno do universo criado ao caos no final do ciclo da criação, o que significa o Big Crunch. O segundo ponto é o potencial para um novo renascimento cíclico do universo, como simbolizado pela presença da Aus-Ra.

Vamos fazer uma pausa aqui por alguns minutos para aprender sobre o que foi anunciado como os “nomes” das divindades no Egito.

Aus-Ra é composta por duas palavras. A palavra **Aus** significa *o poder de*, ou *a raiz da*. Como tal, Aus-Ra, significa *o poder de Ra*, ou seja, o *re-nascimento de Ra*.

O princípio que faz vida surgir da morte aparente foi/é chamado de Aus-Ra, que simboliza o poder de renovação. O tema principal dos textos Egípcios Antigos é a natureza cíclica da criação do ser, nascendo, vivendo, morrendo e se regenerando novamente.

2.12 SIRIUS E SEU ACOMPANHANTE: O CENTRO DA CRIAÇÃO

Durante os períodos mais remotos da história dos Antigos Egípcios, Isis era associada com estrela Sirius, a estrela mais brilhante no céu, que era chamada, como ela, de *o Grande Provedor*. O calendário engenhoso e muito preciso do Egito era baseado na observação e no estudo dos movimentos de Sirius no céu.

Podem ser encontrados numerosos monumentos em todo Egito Antigo, locais que comprovam sua plena consciência e conhecimento da cosmologia e astronomia. Um tipo sistemático de observação astronômica começou entre os Egípcios Antigos num momento muito anterior. Informações foram compiladas pelos Antigos Egípcios, fazendo mapas das constelações, com base em observações e gravações da *estrela que segue Sirius*.

Os Gregos, os Romanos e outras fontes antigas afirmavam que os Egípcios consideravam Sirius como sendo o grande fogo central, sobre o qual orbita nosso sistema solar. Os movimentos de Sirius estão intimamente associados com outra estrela companheira. Sirius e sua companheira estão girando em torno de seu centro de gravidade comum ou, outras palavras, girando em torno uma da outra. O diâmetro de Sirius é inferior a duas vezes o diâmetro do nosso sol. A sua companheira, no entanto, tem um diâmetro cerca de apenas três vezes o diâmetro da terra, ainda que pese cerca de 250 mil vezes mais do que a terra. Seu material é compactado com tanta força juntos, que é cerca de 5.000 vezes mais densa que o chumbo. Tal compressão da matéria significa que os átomos da companheira de Sirius não existem em seus estados normais, mas são espremidos tão estreitamente juntos, que muitos núcleos atômicos ocupam um mesmo espaço anteriormente ocupado por um único átomo normal, ou seja, os elétrons destes átomos foram expulsos para fora de suas órbitas e movem-se livremente ao seu redor (um estado degenerado). Este é o Nun Egípcio, a sopa de nêutron – a origem de toda matéria e energia no universo.

O movimento do companheiro de Sirius sobre seu próprio eixo, e em torno de Sirius, sustenta toda a criação no espaço, e, como tal, é considerado o ponto de partida da criação. Os registros do estado Egípcio Antigo deram início com período Sotíaco (de Sirius) correspondendo com princípio do mundo – o início do ciclo do zodíaco com cerca de 26.000 anos.

CAPÍTULO 3 : AS CONTAS DO PROCESSO DA CREAÇÃO EGÍPCIO

3.1 OS VÁRIOS ASPECTOS/ FORMAS DA MANIFESTAÇÃO

Como foi mostrado anteriormente, a matriz de energias universal surgiu como resultado do ato inicial da criação e de seus efeitos subsequentes deste universo creado. Esta matriz é constituída por uma hierarquia organizada. Cada nível da hierarquia da existência é uma teofania – a criação pela consciência do nível do ser acima dela. Como tal, a hierarquia das energias está inter-relacionada, e cada nível é sustentado pelo nível abaixo dela. Esta hierarquia de energias está definida perfeitamente em uma vasta matriz de leis naturais profundamente interligadas. É ao mesmo tempo físico e metafísico.

A origem do mundo e da natureza da neteru (deuses, deusas) que participaram na sua criação eram assuntos de interesse constante para os Egípcios.

Os Egípcios Antigos tinham quatro principais centros de ensino cosmológico em: Heliópolis, Memphis, Tebas e Khmunu (Hermopolis). Cada centro revelou um dos princípios, fases ou aspectos da gênese. Como tais relatos da criação, todos são consistentes com a formação ordenada de/ dentro da matriz da energia universal.

3.2 A COSMOLOGIA EGÍPCIA E SUAS ALEGORIAS

A totalidade da civilização Egípcia foi construída sobre um entendimento completo e preciso das leis universais. Esta compreensão profunda manifestou-se em um sistema consistente, coerente e inter-relacionados, onde a arte, ciência, filosofia e religião estavam entrelaçados, e foram empregados

simultaneamente em uma única Unidade orgânica.

A cosmologia Egípcia era baseada em princípios científicos e filosóficos coerentes. O conhecimento cosmológico do Antigo Egito foi expresso em uma forma de história, que é um meio superior para expressar conceitos físicos e metafísicos. Qualquer bom escritor ou professor sabe que as histórias são melhores do que exposição para explicar o comportamento das coisas, porque as relações de peças de um para o outro, e em relação ao todo, é melhor assimilado pela mente. Informação por si só é inútil, a menos que seja transformada em entendimento.

As sagas Egípcias transformavam nomes factuais comuns e adjetivos (indicadores de qualidades), em nomes próprios, porém conceituais. Estes eram, adicionalmente, personificados de modo que pudessem ser tecidos em narrativas coerentes e significativas. A personificação era baseada em seu conhecimento que o homem foi feito à imagem de Deus e, como tal, os homens representavam a imagem criada de toda a criação.

A alegoria é um meio intencionalmente escolhido para comunicar o conhecimento. As alegorias dramatizam as leis cósmicas, os princípios, os processos, as relações e funções, e expressam-nos de uma maneira fácil de entender. Uma vez que os significados internos das alegorias são revelados, eles se tornam maravilhas científicas e filosóficas em plenitude, de forma simultânea e concisa. Quanto mais eles são estudados, mais ricos se tornam. A “dimensão interior” dos ensinamentos incorporados em cada história é capaz de revelar várias camadas de conhecimento, de acordo com o estágio de desenvolvimento do ouvinte. Os “segredos” são revelados conforme se evolui para o alto. Quanto maior ficamos, mais nós vemos. Ele está sempre lá.

Os Egípcios (os Antigo e os atuais Baladi) não acreditavam/acreditam em suas alegorias como fatos históricos. Eles acreditavam NELES, no sentido de que eles acreditavam na verdade sob as histórias.

Ao longo deste livro, vários temas serão explicados em formas de história, utilizando quatro conceitos personificados: Isis, Osíris, Hórus e Seth. Os tais quatro temas serão:

- 1- Os princípios solares e lunares assim representados por Isis e Osíris.
- 2-Os quatro elementos do mundo (água, fogo, terra e ar), equiparado a Osíris, Seth, Isis e Hórus, respectivamente.
- 3- O quadro do modelo social é expresso no lendário conto de Osíris e Isis, seu filho Hórus, e seu tio, Seth.
- 4-A numerologia e trigonometria, bem como o papel cósmico da trindade/ tríade/ triângulo, conforme descrito no relacionamento entre o pai [Osíris], a mãe [Isis], e o filho [Hórus] são análogos ao ângulo reto do triângulo 3: 4: 5.

Os bem-trabalhados mistérios Egípcios são peças de um significado intencionalmente escolhido, para comunicar o conhecimento.

O significado e a experiência mística não estão vinculados a uma interpretação literal dos eventos. Uma vez que os significados internos das narrativas são revelados, eles se tornam maravilhas científicas e filosóficas em plenitude, de forma simultânea e concisa. Quanto mais eles são estudados, mais ricos se tornam.

E, enraizada na narrativa como tudo, a parte não pode nunca ser confundida com o todo, nem pode o seu significado funcional ser esquecido ou distorcido.

3.3 AS TRÊS FASES PRIMÁRIAS DO CICLO DA CREAÇÃO

A sequência do ciclo da criação nos textos Antigos Egípcios é delineado para cobrir as três fases primárias. Os mesmos delineamentos foram mais tarde repetidos nos escritos Sufi (e em outros).

As três principais fontes Egípcias Antigas para tal delimitação tripla são as seguintes;

A-Os textos da Pirâmide: Consistente com o tema das três fases do ciclo da criação, descobrimos que há pelo menos 5.000 anos atrás, os textos da pirâmide já revelavam a existência de três grupos de deuses, e cada grupo

consistia em 9 neteru (deuses, deusas). Através de todos os textos da Pirâmide, é feita a frequente menção de um grupo, ou de 2 ou 3 grupos, dos 9 neteru (deuses, deusas).

Os textos Egípcios falam de três Enéadas – cada um representando uma fase do ciclo da criação. Nove é o número de cada uma das fases – cada fase gera a fase seguinte em termos de 9.

A primeira (Grande) Enéade representa o estágio conceitual ou divino. Esta é governada por Re.

A segunda Enéade representa o estágio da manifestação. Esta é governada por Osíris.

A terceira Enéade representa o retorno à Fonte – combinando ambos Re e Osíris.

No Livro da Revelação pela luz, tanto as almas de Osíris e Re se encontram, e são unidas para formar uma entidade, descrita de forma tão eloquente:

Eu sou Suas Duas Almas em seu Gêmeos.

B-A Ladainha de Re: Depois de um breve prefácio, a Litania abre com setenta e cinco invocações às Formas de Re, seguido por uma série de orações e hinos em que a identidade de Re e Osíris é estressada constantemente.

O ciclo perpétuo de Osíris e Re domina os textos Egípcios Antigos. A primeira etapa é a manifestação de Re em suas formas. A segunda etapa é a manifestação de Osíris em suas formas. A terceira e última etapa ocorre em terras baixas, para juntos unir e ressuscitar como o novo Re-Herukhuti dos Dois Horizontes.

C-O Papiro Leiden J350: este documento Egípcio Antigo sobrevivente é datado de, pelo menos, desde o Império Antigo (2575-2150 BCE), a cópia da qual foi reproduzido durante o reinado de Ramsés II no 13º século BCE.

O Papiro Leyden J350 consiste em uma extensa composição, descrevendo os

principais aspectos das antigas narrativas da criação. O sistema de numeração, no Papiro, identifica o princípio/aspecto da criação, e cada um tem correspondência com seu número simbólico.

O manuscrito é dividido em uma série de “estrofes” numeradas, cada uma delas é intitulada “Mansões [da lua] número xx”.

O sistema de numeração deste Papiro Egípcio por si é significativo. Eles são numerados em três níveis – de 1 a 9, e depois os poderes de 10, 20, 30, até 90 para constituir as bases energéticas das formas físicas – e o terceiro nível são numerados no 100, ou na casa centesimal.

Este sistema de numeração mostra as três fases do ciclo da criação.

1. A Fase / Enéade da Concepção cujo tema é a objetivação de uma área circunscrita do indiferenciado de energia / matéria, em que o mundo irá se manifestar.
2. A Fase/ Enéade da Manifestação Ordenada lida com a criação dos planos numênico e fenomenal – as duas grandes subdivisões do mundo manifestado.
3. A Fase/ Enéade da Reunificação cujo tema é o retorno à Fonte e subsequente processo de reunificação que leva a um NOVO Alpha.

[Para saber os detalhes sobre as três fases ciclo da criação ver *Egyptian Alphabetical Letters of Creation Cycle* por Moustafa Gadalla.]

PARTE III : OS CÓDIGOS NUMÉRICOS DA CREAÇÃO

CAPÍTULO 4 : A NUMEROLOGIA DO PROCESSO DA CREAÇÃO

4.1 TUDO É NÚMERO – O MISTICISMO DOS NÚMEROS

Os Antigos Egípcios tinham um sistema científico e orgânico de observar a realidade. A ciência moderna é baseada na observação de tudo como sendo morto (inanimado). As fórmulas físicas modernas em nossos estudos de ciência quase sempre excluem os fenômenos vitais em todas as análises estatísticas. Para os Egípcios Antigos e os Baladi, o universo – no todo e em suas partes – é animado.

No mundo animado dos Egípcios Antigos, os números não se limitavam a designar quantidades, mas em vez disso eram considerados definições concretas de princípios formativos energéticos da natureza. Os Egípcios chamaram estes princípios energéticos de *neteru* (deuses, deusas).

Para os Egípcios, os números não eram apenas pares e ímpares – eles eram masculinos e femininos. Toda parte do universo era/ é um macho ou uma fêmea. Não existe *neutros* (as coisas). Ao contrário do Português, onde algo é *ele, ela*, ou *ele/ela* usado para coisas ou objetos, no Egito havia apenas *ele* ou *ela*.

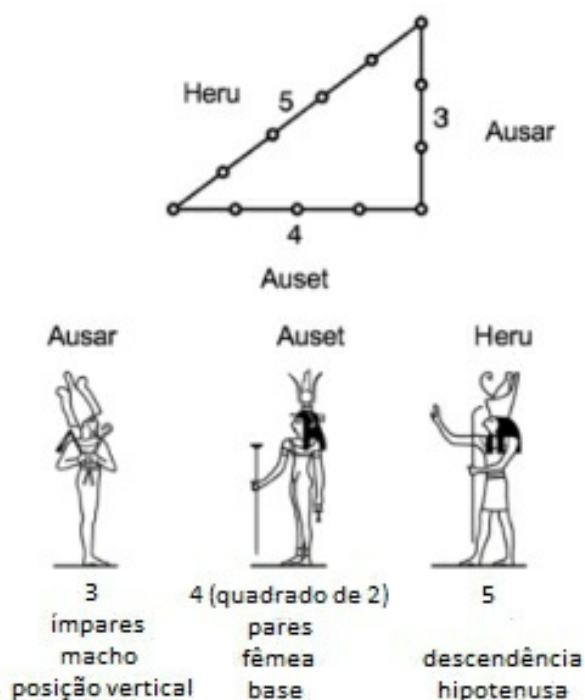
Os Egípcios manifestavam seu conhecimento do misticismo dos números em todos os aspectos de suas vidas. A evidência de que o Egito possuía esse conhecimento sempre prevalece. Alguns exemplos:

1 – O conceito de números animados no Antigo Egito foi eloquentemente referido por Plutarco, em sua *Moralia Vol. V*, descrevendo o triângulo 3:4:5:

A posição vertical, por conseguinte, pode ser comparada à do sexo

masculino, a da base para o sexo feminino, e a hipotenusa à criança de ambas, e assim Osíris pode ser considerada como a origem, Isis como o destinatário, e Hórus como resultado aperfeiçoado. O Três é o primeiro número ímpar perfeito: o quatro é um quadrado cujo lado é o mesmo número dois; mas o cinco é em alguns aspectos, como o seu pai, e, e em outros aspectos, como a sua mãe, sendo composto de três e dois. E panta [todos] é um derivado do penta [cinco], e eles falam da contagem como uma “numeração de cinco em cinco”.

O cinco faz um quadrado de si mesmo.



A vitalidade e as interações entre esses números mostram como eles são do sexo masculino e feminino, ativo e passivo, vertical e horizontal, ... etc.

2 – Plutarco observou que Um, para os Egípcios, não era um número (ímpar), quando escreveu, *otrês é o primeiro número ímpar perfeito*. Para os Egípcios, um não era um número, mas a essência do princípio subjacente dos números, todos os outros números foram feitos à partir dele. O Um representa a Unidade: o Absoluto como energia não polarizada. O Um não é nem ímpar nem par, mas ambos, porque se adicionado a um número ímpar torna-se par,

e vice-versa. Assim, ele combina os opostos de pares e ímpares, e todos os outros opostos no universo. A Unidade é uma perfeita, eterna e indiferenciada consciência.

3 – O título do papiro Egípcio Antigo conhecido como o *Papirode Rhind* (também chamado de “Matemático”) (1848-1801 BCE) se lê,

Há regras para investigar a natureza e para saber tudo o que existe, cada mistério, cada segredo.

A intenção é muito clara – que os Egípcios Antigos acreditavam e definiram as regras para os números e suas interações (também chamadas de matemática) como a base para ***“tudo o que existe”***.

4 – O modo Egípcio Antigo de cálculo tinha uma relação direta com os processos naturais, bem como com os metafísicos. Mesmo as linguagens empregadas nos papiros Egípcios servem para promover essa sensação de vitalidade, de interações vivas. Vemos esse entendimento como um exemplo no Item nº 38 do Papiro Egípcio conhecido como o *Papirode Rhind* (também chamado “Matemático”), onde se lê:

Eu vou três vezes para o hekat (um barril, como unidade de volume), um sétimo de mim é adicionado à mim e Eu retornarei plenamente satisfeito.

5 – O famoso hino Egípcio Antigo do Papiro de Leiden J350 confirma esse simbolismo numérico ter sido praticado no Egito, pelo menos desde o Império Antigo (2575-2150 BCE). O Papiro de Leyden consiste em uma composição ampla, descrevendo os principais aspectos das narrativas sobre a antiga criação. O sistema de numeração, no Papiro, identifica o princípio/aspecto da criação, e cada um tem correspondência com seu número simbólico.

Este Papiro Egípcio consiste em 27 estâncias, numeradas de 1 a 9, e em seguida, em dezenas de 10 a 90, em seguida, em centenas de 100-900; apenas 21 foram preservados. A primeira palavra de cada um é uma espécie de trocadilho com o referido número.

Algumas partes do Papiro de Leiden serão discutidas em conjunto com a

avaliação/mística dos números no próximo capítulo. Entretanto, uma análise completa pode ser encontrada em *Egyptian Alphabetical Letters of Creation Cycle* por Moustafa Gadalla.

6 – O nome Egípcio Antigo para o maior templo no Egito, a saber, o complexo do templo de Karnak, é **APet-sut**, e que significa **O Enumerador dos Lugares**. O nome do templo fala por si. Este templo foi iniciado no Reino Médio em ca. 1971 BCE, e foi continuamente incrementado durante os 1.500 anos seguintes. O design e a enumeração, neste templo, é consistente com os códigos numéricos da criação.

O conceito Egípcio dos simbolismos numéricos foi posteriormente popularizado no Ocidente por, e através do estudante-Egípcio Pitágoras (ca. 580–500 BCE). É um fato conhecido que Pitágoras estudou por cerca de 20 anos no Egito.

Pitágoras e seus seguidores imediatos não deixaram nada de sua própria escrita. No entanto, a Academia Ocidental atribuiu a Pitágoras aos assim chamados de *Pitagóricos*, uma lista aberta de grandes realizações. Elas foram emitidas como um cheque em branco pela academia Ocidental.

Pitágoras e seus seguidores disseram para olhar os números como conceitos divinos, ideias do Deus que criou o universo de uma variedade infinita, e satisfazendo uma ordem, um padrão numérico.

Os mesmos princípios foram declarados há mais de 13 séculos antes do nascimento de Pitágoras, no texto Egípcio intitulado de *Papiro de Rhind*, e que proclamava,

Há regras para investigar a natureza e para saber tudo o que existe, cada mistério, cada segredo.

Alguns dos números e seus significados simbólicos serão brevemente descritos nos capítulos seguintes.

4.2 A PROGRESSÃO NATURAL – A SEQUÊNCIA ORDENADA DO CICLO DA CREAÇÃO

Creação é a triagem para fora (dando definição de/para trazer a ordem ao) de todo o caos (a energia/matéria indiferenciada e a consciência) do estado primitivo. **Todos as contas da criação dos Antigos Egípcios exibiam isso ordenadamente, de maneira bem definida, e fases claramente demarcadas.** O primeiro estágio da criação foi representado pelos Egípcios como Atam/Atum/Atem emergindo da Nu/Ny/Nun – a sopa de nêutrons.

Ao longo dos textos Egípcios Antigos, nós sempre encontramos como um estado do ser se desenvolve, ou melhor ainda, como emerge para o próximo estado do ser. E nós sempre encontraremos que quaisquer dois estados consecutivos são imagens um do outro. Isso não só é cientificamente correto, é ordenado, natural e poético. Os Egípcios foram famosos por escrever esses assuntos científicos e filosóficos em formas poéticas.

Os números em conformidade com a disposição das coisas naturais, e para a maioria das coisas naturais, foram estabelecidas pelo Creador em ordens. Os números não são nem abstrações, nem entidades em si mesmos. **Os números são nomes aplicados às funções e princípios sobre os quais o universo é criado e mantido.**

4.3 O NÚMERO UNIVERSAL DOIS – ISIS, O PRINCÍPIO FEMININO

Temos visto como uma criação ordenada – na forma de Atam, o Um Completo – surgiu a partir da pré-criação, o estado caótico do Nun – o nada.

Vimos também como um estado do ser se desenvolveu, ou surgiu para o próximo estado do ser, e como a cada dois estágios consecutivos são imagens um do outro. Nun e Atam são imagens um do outro, como os números 0 e 1 – 0 não é nada, nulo, e 1 significa todos.

A primeira coisa que se desenvolveu a partir da luz da unidade do Um Completo foi a força da Razão Ativa, como Ele fez o dois surgir a partir do um, pela repetição.

Este pensamento da razão ativa divina é a primeira “coisa” do qual a existência pode proceder como o ato, a descendência, e a imagem do primeiro – Atam. A capacidade de conceber, tanto mentalmente quanto fisicamente –

foi naturalmente representada pelo princípio feminino – Isis – sendo o lado feminino da unidade de Atam. Isto foi confirmado claramente nos escritos de Plutarco, onde ele escreveu em seu *Moralia Vol. V*,

“... , uma vez que, devido à força da Razão. Isis transforma-se nisto ou naquilo e é receptiva de todos os tipos de formas e formatos. “

E Isis sendo esta Mente-Divina ou Intellecto-Divino, ou Princípio-Intellectual-Divino, começa a existência da Pluralidade, ou da Complexidade, ou da Multiplicidade.

A relação entre o mestre do universo – O Completo Uno – a mãe de criação, é melhor descrito em termos musicais. A relação entre Atam – O Completo Uno – e a sua imagem feminina (sendo Isis) é como a relação entre um som de uma nota e a sua nota oitava. Considere-se uma cadeia de uma determinada unidade de comprimento. Faça-a vibrar; e ela produz um som. Pare a corda em seu ponto médio e faça-a vibrar. A frequência das vibrações produzidas é o dobro daquela gerada por toda a cadeia, e o tom é aumentado em uma oitava. O comprimento da corda foi dividido por dois; e o número de vibrações por segundo foi multiplicado por dois: uma metade (1:2) como o seu oposto criado no espelho (2:1), 2/1. Esta relação harmônica é representada por Atam e Isis.

O número de Isis é o dois, que simboliza o poder da multiplicidade, o feminino mutável, recipiente, horizontal, representando a base de tudo.

No pensamento dos Egípcios Antigos, Isis como o número dois é a imagem do primeiro princípio – o intelecto divino.

A relação entre o intelecto com o Um Completo, Atam, é como a relação da luz do sol difundindo do sol. Os textos Egípcios Antigos descrevem Isis como sendo a luz do sol divino, pois ela é chamada

- A filha do Senhor universal.***
- O feminino Re.***
- A Luz-doadora no céu com Re.***

Sendo assim Isis é a energia emanada do Uno Completo. Como o princípio

feminino no universo, só ela pode conceber e entregar o universo criado.

Em outras palavras, Isis é a imagem do impulso criativo cósmico – reconhecido pelo termo Re. Assim, quando se fala de Re, o texto Egípcio Antigo diz:

“Tu és os corpos de Isis.”

Isto implica que Re, a energia creativa, aparece também nos diferentes aspectos do princípio cósmico feminino Isis. Como tal, Isis é reconhecida como:

- ***O feminino Re.***
- ***A Senhora do início dos tempos.***
- ***O protótipo de todos os seres.***
- ***A maior das neteru – [significando as Forças Divinas].***
- ***A Rainha de toda a neteru.***

Isis é reconhecida nos textos Egípcios Antigos como o Deus-Mãe.

Quão amoroso Isis é – o nosso Deus-Mãe. Ela – o princípio feminino – é a matriz do universo criado. Matriz (Matrix em Inglês) expressando um termo maternal, mater-x.

No nível intelectual, o primeiro pensamento é o de conceber um plano ordenado. Os Antigos Egípcios enfatizaram que o carácter ordenado e harmônico do processo da criação, como Maat representando a Ordem e a Harmonia Divina. Maat é uma das manifestações do princípio feminino – Isis.

Assim, o papiro Egípcio Antigo conhecido como o Papiro Bremner-Rhind, explica-nos qual é o plano.

“Eu concebi em meu próprio coração, de onde surgiu um grande número de formas de seres divinos, como as formas das crianças e as formas de seus filhos.”

O primeiro passo para começar a criação foi conceber o conceito de

múltiplos (seres divinos) para fora do Uno. O Deus-Mãe Isis concebeu o plano – metafisicamente ou intelectualmente – em seu coração amoroso. Isso é tanto eloquente quanto poético, porque o coração era/é considerado um símbolo da percepção intelectual, da consciência e da coragem moral. Isis como tal, é também reconhecido como o **Coração Poderoso**.

O quão eloquente é a Divina Mãe Isis, que em sendo útero do universo, é também aquela que concebeu o plano da criação, e assim oferece as suas partes – sendo *os filhos dela os seus filhos*.

Os textos Egípcios Antigos enfatizam uma sequência ordenada da criação, que é basicamente um sistema de necessidade de emanção, progressão, ou irradiação acompanhada pela necessidade de aspiração ou reversão – para – a fonte. Todas as formas e fases da Existência fluem da Divindade e todos se esforçam para voltar para lá e para permanecer lá.

4.4 O NÚMERO UNIVERSAL TRÊS – OSÍRIS, O PRINCÍPIO MASCULINO

Agora, com o plano da criação sendo concebido na Razão Divina, o próximo passo lógico é trazê-lo à vida. Por conseguinte Isis – o Pensamento Divino engendra o poder apto à realização de seu Pensamento. O trazer da vida ou a animação do plano da criação é trazido por todas as Almas, ou pela Alma Universal do Todo. A alma universal era representada no Egito Antigo por Osíris – o terceiro na sequência da criação e o número 3 foi comunicado através dele. Osíris é a emanção eterna e a imagem da Segunda Hipóstase, o Princípio-Intelectual.

Todas as fases da criação tende a gerar uma imagem de si mesmo; ele também tende a voltar para o subsequente mais elevado, do qual ele próprio é uma sombra ou uma manifestação inferior – por Isis ser uma imagem do primeiro princípio, e sua sombra é Osíris. Como é esclarecedor!

Na sequência ordenada de criação, era o princípio feminino Isis que depois de conceber o plano, deu vida a ele. Tal qual, Isis é chamada:

- *Isis, a Concedora da Vida.*
- *Isis, a Senhora da Vida.*
- *Isis, a Doadora da Vida.*

– *Isis, aquela que habita a Neteru.*

4.5 A TRINDADE & A DUALIDADE UNIVERSAL

Como vimos, leva-se três componentes para criar e trazer algo para a vida. Assim, o protótipo de geração engloba três elementos da Trindade Creadora, que são, na breve descrição:

O primeiro é o Um, ou o Primeiro Existente – chamado Atam pelos Egípcios. O Completo Uno – Aquele que é o todo.

O segundo é o princípio feminino chamado Isis que contém a Mente Divina, ou o Primeiro Pensador e Pensamento, o lugar da concepção metafísica e física – o útero, a câmara, o universo inteiro.

O terceiro é o masculino, animado, vívido, dinâmico, o princípio energético chamado de Osíris, como a Alma Universal.

Os Antigos Egípcios reconheceram a importância da trindade no processo de criação. Como tal, os textos Egípcios Antigos renderam a trindade como uma unidade expressa pelo pronome singular – é o Três que são Dois que é Um.

A Tríade é a Divindade, e é o Divino. É a expressão da energia de saída da Divindade. Tal como é eloquentemente expresso no texto Egípcio Antigo, conhecido como o *Papiro Bremner-Rhind*:

***Eu era anterior aos Dois Anteriores que Eu fiz,
pois Eu tenho prioridade sobre os Dois Anteriores que Eu fiz,
por meu nome ter sido anterior ao deles,
para Eu ter feito ele anterior aos Dois Anteriores ...***

O texto Egípcio nos mostra que Unidade, tornando-se consciente de si mesmo, criou a energia polarizada: dois novos elementos, cada um dos quais compartilham da natureza de Um e de Outro. Em outras palavras, cada um dos princípios feminino e masculino participam um do outro.

No nível intelectual, o princípio feminino é tanto passivo e ativo, para Isis conceber o plano em um modo passivo, então ela fornece vida para o plano,

refletindo assim a sua atuação efetiva como uma extensão de sua passividade, ou seja, o intelecto e mundo da alma permanecem na relação do intelecto ativo e passivo.

O intelecto é o que é, sempre o mesmo, repousando numa atividade estática. Este é um atributo feminino. O movimento em direção a ele e em torno dele é o trabalho da Alma, procedente do Intelecto para a Alma e fazendo a Alma intelectual, não fazendo outra natureza entre o Intelecto e Alma.

E no nível da alma, Isis é a alma passiva e Osíris é a alma ativa.

Novamente e de novo, encontramos que a sequência da criação é baseada num estágio sendo uma progressão natural, bem como a imagem da etapa seguinte – e no seu sentido inverso. Do ativo-passivo para o passivo-ativo, é uma reação em cadeia (por assim dizer) da criação.

O tempo é apresentado como sendo a “vida” da Alma, em contraste com a Eternidade, que é o modo de existência do Intelecto. No entanto, a Alma é uma entidade que se estende por vários níveis de realidade, e nós encontramos no momento do aspecto mais elevado, pelo menos, da Alma, em grande medida equiparada ao intelecto.

A relação da alma para o intelecto é como a relação da luz da lua para a luz do sol. Somente quando a lua fica cheia da luz do sol é que a sua luz se torna uma imitação da luz do sol, da mesma forma quando a alma recebe a efusão do intelecto, suas virtudes se tornam perfeitas e seus atos imitam os atos do intelecto. Quando suas virtudes se tornam perfeitas, então se conhece a sua essência ou eu, e a realidade da sua substância.

As forças combinadas da mente divina e da alma divina fazem a criação do mundo natural ser possível. Isis como o Princípio-Intellectual-Divino tem dois atos – o da contemplação do Uno acima, e o da ‘geração’ de Todas as Almas menores abaixo. Da mesma forma, o Todo-Alma tem dois atos: de uma só vez contemplar o Princípio Intelectual e ‘gerar’ na generosidade de sua própria perfeição o Aspecto-Natureza e a Alma Generativa, cujo funcionamento é para gerar ou moldar os mais abaixo, o Universo material inferior no modelo dos Divinos-Pensamentos, as ‘Ideias’ previstas no âmbito da Mente-Divina. O Todo-Alma é a causa móvel do movimento, bem como

da Forma, ou material, ou o Universo sentido-compreendido, que é a Lei da Alma e a emanação, imagem e “sombra”.

Com as forças combinadas de energias femininas e masculinas, o plano da criação pode vir a vida.

4.6 O NÚMERO UNIVERSAL CINCO – HÓRUS, O FENÔMENO

O Dois simboliza o poder da multiplicidade – o feminino, receptáculo mutável, enquanto o Três simboliza o masculino. Esta era a música das esferas – as harmonias universais extraídas por entre esses dois símbolos fundamentais masculino e feminino de Osíris e Isis, cujo casamento celeste produziu a criança, Hórus (o número 5).

Todos os fenômenos, sem exceção, são polares na natureza, e agudos em princípio. Portanto, cinco é a chave para a compreensão do universo manifesto, que Plutarco explicou no contexto Egípcio,

... E panta (todos) é um derivativo de pente (cinco) ...

O significado e função do número cinco, no Egito Antigo, é indicado pela forma em que foi escrito. O número cinco no Antigo Egito foi escrito como dois **II** e acima o três **III**, (ou, por vezes, como uma estrela de cinco pontas). Em outras palavras, o número cinco (o filho-Hórus) é o resultado da relação entre o número dois (a mãe-Isis) e número três (o pai-Osíris).

4.7 A SEQUÊNCIA NUMÉRICA DA CREAÇÃO 2,3,5 ... A SÉRIE SOMATÓRIA

A sequência da criação numérica de Isis, seguido por Osíris, seguido de Hórus é 2,3,5, ...

É uma série progressiva, onde você começa com os dois números primários no sistema Egípcio Antigo, ou seja, 2 e 3. Em seguida, adicione o seu total ao número anterior, e assim por diante – qualquer número é a soma dos dois anteriores. A série, portanto, seria:

3
5 (3+2)
8 (5+3)
13 (8+5)
21 (13+8)
34 (21+13)
55 (34+21)
89, 144, 233, 377, 610, . . .

A Série Somatória se reflete em toda a natureza. O número de sementes em um girassol, as pétalas de qualquer flor, o arranjo de pinhas, o crescimento de um escudo do náutilus, etc., todos seguem o mesmo padrão dessas séries.

[Ver mais informações sobre esta Série Somatória e o seu uso no Antigo Egito há pelo menos 4.500 anos em *The Ancient Egyptian Metaphysical Architecture* por Moustafa Gadalla.]

CAPÍTULO 5 : A NATUREZA DUALÍSTICA

5.1 A NATUREZA DUALÍSTICA DA CREAÇÃO – O DOIS DO UM

O mundo, tal como o conhecemos, é mantido unido por uma lei que se baseia na natureza dual equilibrada de todas as coisas (totalidades, unidades). Entre os pares polarizados visíveis temos: macho e fêmea, pares e ímpares, negativo e positivo, ativo e passivo, luz e escuridão, sim e não, verdadeiro e falso – cada par representa um aspecto diferente do mesmo princípio fundamental da polaridade. E cada aspecto participa da natureza da unidade e da natureza da dualidade.

A expressão mais eloquente da natureza dupla está presente no texto Egípcio Antigo, conhecido como o *Papiro Bremner-Rhind*:

“Eu era anterior aos Dois Anteriores que Eu fiz, pois Eu tenho prioridade sobre os Dois Anteriores que Eu fiz, por meu nome ter sido anterior ao deles, para Eu ter feito ele anterior aos Dois Anteriores”

5.2 O ANIMAL ARQUETÍPICO – A SERPENTE DE DUAS-CABEÇAS NEHEB KAU

A serpente representa o princípio da dualização, a capacidade de Um dividir-se em Dois.

Olhando para uma serpente, ela representa a Unidade com o seu comprimento indiferenciado.

É a Unidade que contém o poder que resulta na dualidade.

A serpente, que é um animal individualista notável, tem tanto uma língua bifurcada (dualidade verbal) e um pênis duplo (dualidade sexual).

A serpente sendo o animal mais flexível representa o provedor de todas as formas variadas da criação..

Neheb Kau – o que significa *o provedor de formas/atributos/qualidades* – foi o nome dado à serpente que representa a serpente/espiral primordial no Egito Antigo.



Neheb Kau é retratada como uma serpente de duas cabeças, indicativo da natureza espiral dupla do universo.

5.3 AS PRINCIPAIS APLICAÇÕES DO PRINCÍPIO DA DUALIDADE

A dupla natureza universal da criação manifesta-se em várias aplicações, como identificado no Egito Antigo.

Cada aspecto dualizante do processo de criação é representado por dois atributos divinos – neteru. Dependendo de cada aspecto específico, a neteru dualizante [mas sempre uma combinação solar e lunar] pode ser:

- O feminino e o masculino
- 2 femininos
- 2 masculinos
- 2 metades de unisex

Um breve resumo e amostra das aplicações Egípcias são mostrados aqui para três áreas:

A- Aspectos Formativos – Creação

B- Aspectos da Unificação

C- Aspectos Cíclicos

5.3.A A DUALIDADE E SEU ASPECTO FORMATIVO/CREAÇÃO

5.3.A.i *As Dualidades da Pré-Creação do gênero Gêmeos.*

Os textos Egípcios afirmam que Nun – o caos pré-criação – possuía características que foram identificadas com quatro pares de poderes/forças primordiais. Cada par representa os duplos primitivos – gêneros gêmeos – os aspectos masculino/feminino.

Os quatro masculinos dos pares são representados como sapos. Os quatro femininos dos pares são representados como serpentes. Os oito seres são retratados com as pernas amarradas, indicativo da sua natureza essencial como sendo a ação, mas enquanto no reino subjetivo (antes da criação) são inertes. Tendo as pernas amarradas, isso representa suas energias potenciais. [Mais sobre o significado do simbolismo animal, em outras publicações do mesmo autor, como em *Egyptian Divinities*]

5.3.A.ii *Shu e Tefnut*

A dupla Shu e Tefnut representa o ato inicial da criação-formação da bolha universal. O par Shu e Tefnut são representados como um marido e sua mulher, é a maneira característica Egípcia de expressar a dualidade e a polaridade. Esta dupla natureza se manifestou nos textos Egípcios Antigos e nas tradições, desde os achados arqueológicos recuperados.

Os textos mais antigos do Reino Antigo, ou seja, os Textos da Pirâmide §1652, expressam a natureza dupla:

... e, ainda que fizeste cuspir como Shu, e te cuspir para fora como Tefnut.

Esta é uma analogia muito poderosa, porque usamos o termo “imagem viva” para significar *exatamente como a origem*.



Tefnut

Shu

No conceito Egípcio Antigo o universo é como uma caixa. A primeira coisa que o Divino criou foi uma espécie de bolha, de uma outra forma, um oceano infinito de água. O céu é a pele do infinito oceano que contém o que chamamos de atmosfera, o que foi causado por duas forças que os Antigos Egípcios chamaram de Shu e Tefnut. Ambos Shu (calor) e Tefnut (água / umidade) significam atmosfera. Nun (o oceano cósmico da pré-criação) é a raiz da qual Shu e Tefnut foram criados.

O Calor (Shu) e a água (Tefnut) são os dois principais fatores universais que moldam as formas de vida. Estes termos correspondem ao fogo (calor) e umidade, respectivamente, e devem ser entendidos como metáforas e correspondências efetivas para as qualidades abstratas as quais representam. Shu, representado pelo fogo, ar e calor, corresponde à qualidade de expansividade, subindo, as forças centrífugas, o positivo, o masculino, de saída, extroversão ao exterior, etc.

Tefnut, representado pela umidade, é a base material objetiva da manifestação (Nut, o seu sufixo), corresponde a contração, movimento de queda, as forças centrípetas, o negativo, o feminino, o receptivo, o interior, a introspecção, etc.

O conceito Egípcio Antigo acima concorda com os cientistas modernos, que nos dizem que as galáxias estão sujeitas nesse momento a duas forças principais que são opostas: 1) as forças de expulsão, que fazem com que

todas as galáxias se afastem de nós; e 2) as forças contracionais/gravitacionais, que puxam as galáxias para permanecerem juntas.

5.3.A.iii Isis e Néftis

As duas deidades femininas Isis e Néftis aparecem juntas em vários lugares nos registros Egípcios. Elas podem ser consideradas irmãs gêmeas – ou melhor ainda, a natureza dupla do princípio feminino.

No nível universal, Isis representa o útero ativo em expansão que é chamado de universo, e sua irmã gêmea Néftis representa os limites exteriores ou perímetro da bolha universal. Ambas garantem o alargamento e a contração ordenada desta bolha universal.

As irmãs gêmeas são imagens de espelho uma da outra. Isis representa a parte do mundo que é visível, enquanto Néftis representa aquilo que é invisível.

Isis e Néftis representam, respectivamente, as coisas que são e as coisas que ainda estão por vir a ser – o início e o fim – nascimento e morte ...



Isis simboliza o nascimento, o crescimento, o desenvolvimento e o vigor. Néftis representa a morte, a decadência e a imobilidade. Néftis está associada com a entrada para a existência da vida e que brota da morte. Isis e Néftis estão sempre associados, inseparavelmente uma da outra, e em todas as questões importantes que dizem respeito ao bem-estar do falecido; elas agem juntas, e elas aparecem juntas nos baixos-relevos e nas vinhetas Egípcias.

Esta é a natureza dual do sexo feminino, como representada pelas *Irmãs*

Gêmeas.

5.3.A.iv *Maati*

Os Egípcios percebiam o universo em termos de um dualismo entre Ma-at – Verdade e Ordem – e a desordem. Amen-Renef convocou o cosmos para fora do caos indiferenciado, pela distinção dos dois, dando voz ao ideal supremo da Verdade. Ma-at, como mostrado aqui, é geralmente retratado na forma dupla – Maati.



Nas cenas Egípcias Antigas do Dia do Julgamento, a alma do morto é conduzida à Sala de Julgamento do *Duplo-Ma-at*. Ela é dupla porque a escala equilibra apenas quando há uma igualdade de forças opostas. O símbolo de Maat é a pena de avestruz, representando julgamento ou verdade. Sua pena está habitualmente colocada na balança. O coração, como uma metáfora para a consciência, é pesado contra a pena da verdade, para determinar o destino do falecido. [Mais detalhes sobre este processo adiante, no final deste livro.]

5.3.A.v *Re & Thoth*

Nos textos da criação dos Egípcios sublinham repetidamente a crença da criação pela Palavra. Quando nada existia exceto o Uno, ele criou o universo com seu comando de voz. No livro Egípcio chamado *O Livro da Revelação pela Luz* (erroneamente e comumente traduzido como *O Livro dos Mortos*), o texto escrito mais antigo do mundo, afirma:

“Eu sou o Eterno ... Eu sou aquele que criou a Palavra ... Eu sou a Palavra ... “

No Egito Antigo, as palavras de Re, reveladas através de Thoth, tornaram as coisas e as criaturas deste mundo, isto é, as palavras (que significa ondas sonoras) criou as formas no universo.

A energia da palavra (som) de Thoth transformou o conceito/impulso da criação de Re (simbolizado em um círculo) em uma realidade física e metafísica. Tal transformação é refletida no processo Egípcio Antigo da **“quadratura do círculo”**, como é evidenciado em todos os seus papiros “matemáticos”. Em todos estes papiros Egípcios, a área de um círculo era obtida encontrando o seu quadrado equivalente. O diâmetro foi sempre representado como 9 cúbitos. Os papiros Egípcios Antigos equiparavam o círculo de diâmetro de 9 cúbitos a um quadrado com lados de 8 cúbitos.

O número 9, como o diâmetro, representa a Grande Enéade – o grupo de 9 neteru (deuses, deusas). O 9 são todos os aspectos de Re, a força criativa cósmica primordial, cujo símbolo é/era o círculo.

Como será mostrado mais tarde, 8 representa a criação manifestada, como tal é representado pelo *Mestre do Oito*, ou seja, Thoth.

Musicalmente, a proporção de 8:9 é chamada (apropriadamente) O Tom Perfeito. Os santuários dos templos, tal como no santuário no topo do Templo de Luxor, possuem o formato retangular 8:9.

5.3.A.vi Isis & Osíris—O Duplo Dinâmico

Isis e Osíris são o duo (duplo) dinâmico que regula a ação dentro da bolha universal, que contém toda a criação.

Os aspectos mais importantes desta dualidade são melhor descritos por Diodoro da Sicília, que escreveu em seu livro, *Volume I*,

“Isis e Osíris sustentam, eles regulam todo o universo, dando tanto a nutrição como dão crescimento a todas as coisas ...”

[Mais informação foi mostrado anteriormente no Capítulo 4, e informações adicionais serão apresentadas nos próximos Capítulos deste livro.]

5.3.A.vii Seth e Hórus & Osíris — O poder da Oposição

O estado de pré-criação [como descrito anteriormente] foi causado pelo efeito da força gravitacional/contração que puxou e esmagou os átomos para fora de suas órbitas.

O ato de criação foi/é trazer a ordem para os átomos, pela contraposição/oposição as forças de esmagamento. Portanto, para os Antigos Egípcios, as forças de oposição eram uma necessidade da criação e da sua continuidade.

O neter (energia/potência/força), Seth, representa o papel universal de oposição.

O mundo, tal como o conhecemos – desde a menor partícula ao maior planeta – é mantido em equilíbrio por uma lei que se baseia na natureza dual e equilibrada de todas as coisas. Sem o equilíbrio entre as duas forças opostas, não haveria criação, isto é, nenhum universo.

É por isso que Seth não é o mal no sentido estrito. Ele representa o conceito de oposição em todos os aspectos da vida (física e metafisicamente).

Ao contrário dos teólogos Cristãos, a questão da natureza e da existência de Seth não trouxe aos Egípcios nenhum problema, afinal.

Hórus e Seth

Existem basicamente duas forças dentro de cada um de nós: uma puxa-nos para dentro da caixa, e a outra nos puxando para fora da caixa. Esta luta arquetípica interna no modelo Egípcio é simbolizada pela luta entre Hórus e Seth. É a luta arquetípica entre forças opostas. Hórus, neste contexto, é o homem divino, nascido da natureza, que deve fazer a batalha contra Seth, seu próprio parente, representando o poder de oposição e não o mal em sentido estrito. Set representa o conceito de oposição em todos os aspectos da vida (física e metafisicamente).

Devemos continuamente aprender e evoluir, como Hórus – cujo nome significa *Aquele que Está Acima*. Em outras palavras, devemos nos esforçar para chegar cada vez mais alto. Aprendemos a agir pela afirmação da Hórus em cada um de nós, e negando o Seth dentro de nós. Os obstáculos dentro de cada um de nós, representados por Seth, devem ser controlados e/ou superados – lutando contra os inimigos (impurezas) de dentro.

Osíris e Seth

Osíris como o Manifestação da Verdade sempre recebeu a oposição de Seth. Na forma de uma típica história Egípcia Antiga. Plutarco escreveu em sua obra *Moralia, Vol. V* (356, 13), sobre como Osíris foi convidado por Seth para uma festa onde Seth e seus cúmplices enganaram Osíris, para que fosse colocado num caixão improvisado. Plutarco continua com ...

... e aqueles que estavam na trama correram até ele e bateram com a tampa para baixo, a qual eles prenderam com pregos do lado de fora e também usando chumbo derretido. Em seguida, eles levaram o baú para o rio e enviaram-no em seu caminho para o mar ... os Egípcios dizem também que a data deste feito foi feita no 17º dia de Athor [27 de Novembro], quando o sol passa por Escorpião.

Os acontecimentos de 17 de Hatoor/Athor (27 de novembro), conforme relatado por Plutarco, tem todos os elementos da Última Ceia do Jesus bíblico, ou seja, uma conspiração, uma festa, amigos, e traição. No entanto, para os Antigos Egípcios, há outros significados para a história. Plutarco, em sua *Moralia Vol. V* (366, 39D), escreveu:

A história contada acima do fechamento de Osíris no baú, parece significar nada mais do que a fuga e o desaparecimento da água. . . no momento quando. . . Nilo recua para o seu nível baixo e a terra torna-se desnudada. Tal qual as noites ficam mais longas, a escuridão aumenta, e a potência da luz é abatida e subjugada. . .

A relação *antagônica* entre Osíris e Seth – no que se refere as condições ambientais, é mencionada por Plutarco, *Moralia Vol. V* (364, 33B), como tal:

... Os Egípcios simplesmente dão o nome de Osíris a toda a origem e

faculdade creadora de umidade, acreditando ser esta a causa da geração e da substância produtora de vida das sementes; e o nome de Seth eles dão para tudo o que é seco, ardente e árido em geral, e antagônico à umidade. . . .

. . . A usurpação e a intriga insidiosa de Seth, dessa forma, é o poder da seca, que ganha o controle e dissipa a umidade, a qual é a fonte do Nilo e da sua subida.

5.3.B OS ASPECTOS DA UNIFICAÇÃO

i – As “Duas Plantas”

ii – Hórus e Thoth

ii – Dois Hapis [Unisex]

iv – Qareens das Duas Terras

5.3.B.i As “Duas Plantas”

Ao longo dos templos Egípcios Antigos, você vai encontrar várias representações simbólicas que são referidos como, Unindo as Duas Terras, onde duas divindades (deidades) são mostradas amarrando uma linha de brotos aberta com uma outra linha de brotos fechada. Eles são erroneamente referidos como as plantas de papiro e de lótus. Nenhuma das plantas é nativa de qualquer área específica no Egito.

Ambas as formas – abertas e fechadas – estão encontradas em cenas de pântanos. E ambas as formas são também mostradas alternando-se ao longo dos perímetros das redes- em todas as épocas da história Egípcia.

A forma fechada representa o metafísico – escondido – não manifestado. A forma aberta representa o físico – o que se manifesta.

5.3.B.ii- Hórus e Thoth – As Faculdades Cósmicas

Uma das aplicações da dualidade mais visível nos monumentos Egípcios é a ação combinada de Hórus e Thoth – representados nas numerosas ilustrações nos templos Egípcios Antigos, realizando a simbólica *Unificação das Duas Terras*.



Hórus representa a consciência, a mente, o intelecto, e é identificado com o coração. Thoth representa a manifestação e a libertação, e é identificado com a língua.

Nas tradições Egípcias Antigas, as faculdades ativas de Atam eram a inteligência, a qual foi identificada com o coração e representada como Hórus – um neter solar (deus), e a ação, que foi identificado com a língua e representado como Thoth – um neter lunar (deus).

Os neteru solares e lunares enfatizam o seu caráter universal.

No Shabaka Stele (datado no 8º século BCE, mas que é uma reprodução de um texto da 3ª Dinastia), lemos:

Onde veio existência como sendo o coração (Hórus), e onde veio existência como sendo a língua (Thoth), na forma de Atam.

Um pensa com o coração, e age com a língua, como descrito na Shabaka Stele:

O Coração pensa tudo o que ele deseja, e a Língua oferece tudo o que ela deseja.

5.3.B.iii Os Dois Hapis [Unisex]

Os Faraós Egípcios foram sempre referidos como o *Senhor das Duas Terras*.

A academia Ocidental arrogantemente afirmou que as Duas Terras são o *Alto e o Baixo Egito*. Não há uma única referência Egípcia Antiga para confirmar essa sua noção, ou até mesmo para definir qualquer tipo de uma fronteira entre o Alto e o Baixo Egito

Ao longo de templos Egípcios Antigos, você vai encontrar várias representações simbólicas que são referidas como, Unindo as Duas Terras, onde duas divindades (deidades) são mostradas amarrando uma linha de brotos aberta com uma outra linha de brotos fechada. Eles são erroneamente referidos como as plantas de papiro e de lótus. Nenhuma das plantas é nativa de qualquer área específica no Egito.



Ao adotarmos um olhar mais atento para Hapi, encontramos que Hapi parece ser uma divindade unissex, retratado como uma figura masculina com um peito feminino.

5.3.B.iv Qareens das Duas Terras

O termo, *Duas Terras*, é muito familiar aos Baladi Egípcios, que se referem a ele em sua vida diária. É a sua forte crença de que existem *Duas Terras* – aquela em que vivemos, e a outra onde os nossos gêmeos idênticos (do sexo oposto) vivem. Os dois estão sujeitos às mesmas experiências a partir da data do nascimento até a data da morte. Você e seu gêmeo “Siamês”, que “aparentemente” foram separados no nascimento, irão se reunir novamente no momento da morte.

Os Recenseadores Baladi Egípcios descrevem, nas suas lamentações, após a morte de uma pessoa, como o falecido está sendo preparado para se juntar a

sua contraparte (do sexo oposto), COMO SE FOSSE uma cerimônia de casamento. Esta é uma reminiscência das muitas ilustrações simbólicas no Antigo Egito, de amarrar o nó das Duas Terras. Ser casado é amarrar o nó.

Na linguagem comum Egípcia, a palavra, Qareen, significa um cônjuge.

Há tempos atrás, como nos Textos do Unas (também chamado “Pirâmide”), encontramos que o Faraó Unas (2356-2323 BCE) uniu-se/juntou-se com Isis imediatamente após sair do reino da terra. Isto é baseado na premissa de que uma vez que cada homem é Osíris em sua forma de “morto”, cada um se junta à sua contraparte (Isis no caso de um homem), no momento da partida terrena.

5.3.C OS ASPECTOS CÍCLICOS

i – Osíris e Hórus

ii – Re e Osíris

5.3.C.i Osíris e Hórus

Pai ‘e’ Filho

Na alegoria Egípcia, a esposa de Osíris, Isis, foi capaz de conceber seu filho Hórus sem a impregnação de Osíris. Foi a imaculada concepção registrada pela primeira vez na história.

Os Egípcios olhavam para Osíris e Hórus como Um – em duas formas complementares.

Esta relação intercambiável entre o Pai e o Filho é eloquentemente ilustrado aqui, onde Hórus está nascendo para fora de Osíris, depois da morte de Osíris – com o disco solar nascente com o recém-nascido.



Este conceito é traduzido para a expressão comum,

“O Rei está morto. Vida longa ao Rei.”

Como se dissesse: ***“Osíris está morto. Vida longa à Hórus”.***

Nem Osíris assim como Hórus foram sempre considerados como históricos.

Osíris representa homem mortal carregando dentro de si a capacidade e o poder da salvação espiritual.

Osíris simboliza o subconsciente – a capacidade de agir, de fazer. Enquanto Hórus simboliza a consciência, o seguir, o potencial de agir, de fazer.

No Dia do Juízo, Hórus, filho de Isis atua como um mediador entre o falecido e O Pai Osíris. Todos os Egípcios queriam/querem que O Filho de Deus Hórus traga-os (da morte) para a vida – como descrito nestes túmulos Egípcios.

O Ciclo da Água de Osíris e Hórus

A dualidade de Osíris e Hórus são refletidas no ciclo da água, conforme representado nos quatro elementos universais – Água, Ar, Fogo e Terra.

Os quatro elementos do mundo (água, fogo, terra e ar), como citado por Plutarco em sua *Moralia Vol. V*:

Os Egípcios simplesmente dão o nome de Osíris a toda a origem e faculdade creadora de umidade, acreditando ser esta a causa da geração

e da substância produtora de vida das sementes; e o nome de Seth eles dão para tudo o que é seco, ardente e árido em geral, e antagônico à umidade .. Assim os Egípcios consideram o Nilo como a efusão de Osíris, assim eles mantêm e acreditam que a Terra seja o corpo de Isis, não todo ele, mas o suficiente dele, como as coberturas do Nilo, fertilizando-o e se unindo com ele. Desta união eles fazem Hórus nascer. Toda a conservação e fomento da Hora, que é a têmpera sazonal do ar circundante, é Hórus. E o intrigante esquema e usurpação de Seth, então, é o poder da seca, que ganha o controle e dissipa a umidade que é a fonte do Nilo e de sua nascente.

Aqui vemos como o ciclo da água é representado em uma história.

A água original é Osíris – que devido ao calor de Seth faz com que a água evapore no ar – sendo Hórus.

Mais tarde, no devido tempo, o crescente vapor de água de Hórus voltará por condensação sob a forma de água – sendo Osíris.

E assim por diante ...

5.3.C.ii Re e Osíris

Os textos Egípcios referem-se a Re e Osíris como as *Almas Gêmeas*.

Etimologicamente, a relação entre a Re/Ra e Osíris torna-se evidente. A palavra Egípcia para Osíris é Aus-Ra.

A palavra Aus significa *o poder de*, ou *a raiz da*. Como tal, o nome Ausar consiste em duas partes, Aus-Ra, o que significa *o poder de Ra*, no sentido do *re-nascimento de Ra*.

O ciclo perpétuo da existência – o ciclo da vida e da morte – é simbolizado por Ra (Re) e Ausar (Osíris). Ra é o neter vivo que desce para a morte para se tornar Ausar – o neter dos mortos. Ausar sobe e vem à vida novamente como Ra. A criação é contínua: é o fluxo da vida progredindo em direção à morte. Mas fora da morte, um novo Ra está para nascer, brotando uma nova vida. Ra é o princípio cósmico de energia que se move em direção à morte, e Ausar

representa o processo do renascimento. Assim, os sentidos da vida e da morte se tornam intercambiáveis: a vida significa morte lenta, a morte significa a ressurreição para uma nova vida. A pessoa morta na morte é identificada com Ausar, mas ele vai retornar à vida, e será identificado com Ra.

O ciclo perpétuo de Ausar e Ra domina os textos Egípcios Antigos, tais como:

- Em *O Livro da Revelação pela Luz*, tanto Ausar como Ra vivem, morrem e nascem novamente. No Submundo (ou Mundo do Nada), as almas de Ausar e Ra se encontram-se [veja a ilustração do Papiro de Ani, abaixo], e estão unidas para formar uma entidade, descrita de forma tão eloquente:

Eu sou Suas Duas Almas em seus Gêmeos.



No capítulo 17 do *O Livro da Revelação pela Luz*, o falecido, identificado com Ausar, diz:

Eu sou o ontem, Eu sei o dia de amanhã.

- E o comentário Egípcio para esta passagem explica:

O que é isso? – Ausar é o ontem, Ra é o amanhã?

- No túmulo da rainha Nefertari (esposa de Ramsés II), existe uma representação bem conhecida do neter solar dos mortos (deus), como um corpo mumiforme com a cabeça de um carneiro, acompanhado por uma inscrição, direita e esquerda:



Este é Ra que vem para descansar em Ausar.

Este é Ausar que vem para descansar em Ra.

- A Ladainha de Re é basicamente uma ampliação detalhada de uma curta passagem do Capítulo 17 do *Livro da Revelação pela Luz*, descrevendo a fusão de Ausar e Ra numa *Alma Gêmea*.

CAPÍTULO 6 : O TRÊS - A TRINDADE UNIFICADA

6.1 O PRIMEIRO NÚMERO IMPAR

Como afirmado anteriormente, Plutarco observou que o Um, para os Egípcios, não era um número (ímpar) quando escreveu, três é o primeiro número ímpar perfeito. Para os Egípcios, um não era um número, mas a essência do princípio subjacente dos números, todos os outros números foram feitos a partir dele. O Um representa a Unidade: o Absoluto como energia não polarizada. O Um não é nem ímpar nem par, mas ambos, porque se adicionado a um número ímpar torna-se par, e vice-versa. Assim, ele combina os opostos de pares e ímpares, e todos os outros opostos no universo. A Unidade é uma perfeita, eterna e indiferenciada consciência.

6.2 O TRÊS-EM-UM

Como vimos no Capítulo 5 deste livro, usa-se três componentes para criar e trazer algo para a vida. Os textos Egípcios mostram-nos que a Unidade, tornando-se consciente de si mesmo, cria energia polarizada: dois novos elementos, cada um dos quais compartilham da natureza de Um e de Outro – sendo a imagem de espelho um do outro.

É a expressão da energia de saída da Divindade. Tal como é eloquentemente expresso no texto Egípcio Antigo, conhecido como o *Papiro Bremner-Rhind*:

***Eu era anterior aos Dois Anteriores que Eu fiz,
pois Eu tenho prioridade sobre os Dois Anteriores que Eu fiz,
por meu nome ter sido anterior ao deles,
para Eu ter feito ele anterior aos Dois Anteriores ...***

Assim, o protótipo de geração engloba três elementos da Trindade Creadora.

Os Antigos Egípcios reconheceram a importância da trindade no processo de criação. Como tal, os textos Egípcios Antigos renderam a trindade como uma unidade expressa pelo pronome singular – é o Três que são Dois que são Um.

Os princípios da criação é a unidade, a dualidade e a trindade. Isso fica claro no papiro Egípcio Antigo conhecido como o *Papiro Bremner-Rhind*,

“Depois de tornar-me um neter (deus), havia [agora] três neteru (deuses, deusas) em mim. ..” - referindo-se a tríade de Atam e a dupla Shu e Tefnut.

As várias trindades estão relacionadas com várias naturezas da dualidade dentro de cada trindade. Anteriormente no capítulo 5 deste livro, a Trindade manifestada foi mostrada como sendo Atam-Isis-Osíris.

6.3 OUTRAS APLICAÇÕES DA TRINDADE NO EGITO

Os Antigos Egípcios perceberam o papel físico e metafísico da Trindade, para cada unidade existe um poder triplo e uma natureza dupla. Alguns exemplos da aplicação desta realização pelos Egípcios são:

1 -O ciclo de criação é composto por 3 fases – Conceitual, Manifestação e Retorno à Fonte.

2 -A estrofe 300 do Papiro Egípcio Antigo de Leiden J350, declara a unidade em um Ser de três princípios, Amen, Re e Ptah. A estrofe 300 diz, em parte:

“Três são todos os neteru: Amon, Re e Ptah. Seu nome oculto é Amen. Re pertence a ele como seu rosto, Ptah é o seu corpo. ”

Um impressionante exemplo de uma ‘Santíssima Trindade’.

3 -O santuário triplo é a principal característica em templos Egípcios, para consagrar o poder triplo (três neteru) de cada templo.

4 -Para os Antigos Egípcios, Três/Tríades/Trindades/Tri-ângulos são um e a mesma coisa. Não havia diferença funcional entre triângulos geométricos, tríades musicais, ou qualquer uma das muitas trindades do Egito Antigo. O

exemplo mais claro foi explicado por Plutarco sobre o triângulo 3:4:5, em *Moralia Vol. V*:

“Os Egípcios mantêm em grande honra o mais belo dos triângulos, uma vez que eles gostam que a natureza do Universo esteja mais próxima a eles ...”

Em outras palavras, triângulos/tríades em suas diferentes formas representam diferentes naturezas no universo.

5 -O calendário Egípcio é dividido em 3 (não 4) estações, para corresponder à variação do fluxo do rio Nilo. O Nilo é considerado como o derrame de Osíris [conforme relatado por Plutarco, em sua *Moralia, Vol. V*].

6 -Na numerologia Egípcia Antiga, Osíris representa o número 3.

CAPÍTULO 7 : A ESTABILIDADE DO QUATRO

Quatro é número significando a solidez e a estabilidade. Uma propriedade especial do quatro é que é o primeiro quadrado perfeito, porque é o produto de dois multiplicado por si mesmo, e qualquer número que é multiplicado por si só é uma raiz (quadrada) e o produto é um quadrado perfeito. O significado do número 4 é mostrado nos seguintes exemplos no Antigo Egito:

1. Os textos Egípcios afirmam que Nun – o caos pré-criação – possuía características que foram identificadas com quatro pares de poderes/forças primordiais. Cada par representa o gênero-dual primitivo gêmeo – os aspectos masculino/feminino. Os quatro pares são equivalentes às quatro forças do universo (a força fraca, a força forte, a gravidade e o eletromagnetismo).

2. Os Egípcios Antigos tinham quatro principais centros de ensino cosmológico em: Heliópolis, Memphis, Tebas, e Khmunu (Hermopolis). Cada centro revelou um dos princípios, fases ou aspectos da gênese.

O Egito tem agora 4 Formas de Ensino Sufi, que foram criados no 11º século CE, para manter as tradições Egípcias Antigas sob o domínio Islâmico.

3. Os Egípcios usavam os quatro fenômenos simples (fogo, ar, terra e água) para descrever os papéis funcionais dos quatro elementos necessários para a matéria. A água é a soma – o princípio composto do fogo, terra e ar. A água também é uma substância sobre e acima deles.

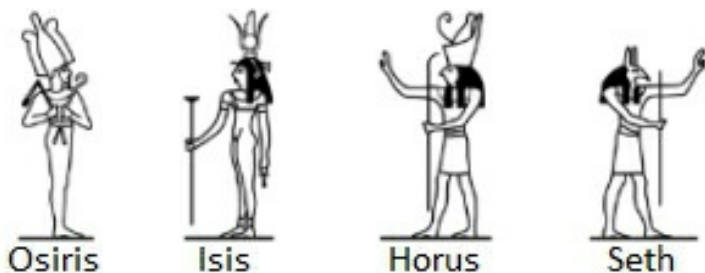
Estes conceitos foram expressos nos textos Egípcios Antigos como sendo Nu/Nun, a água (líquida) primordial que contém todos os elementos do

universo. Plutarco confirmou à cerca dos Antigos Egípcios, em sua *Moralia Vol. V*:

Para a natureza da água, sendo a fonte e a origem de todas as coisas, creou-se fora de si três substâncias materiais primordiais: a Terra, o Ar e o Fogo.

Os quatro elementos do mundo (água, fogo, terra, e ar), como citado por Plutarco em *Moralia Vol. V*:

Os Egípcios simplesmente dão o nome de Osíris a toda a origem e faculdade creadora de umidade, acreditando ser esta a causa da geração e da substância produtora de vida das sementes; e o nome de Seth eles dão para tudo o que é seco, ardente e árido em geral, e antagônico à umidade .. Assim os Egípcios consideram o Nilo como a efusão de Osiris, assim eles mantêm e acreditam que a terra seja o corpo de Isis, não todo ele, mas o suficiente dele, como as coberturas do Nilo, fertilizando-o e se unindo com ele. Desta união eles fazem Hórus nascer. O todo – conservando e fomentando Hora, o qual é a têmpera sazonal do ar circundante, é Horus. A usurpação e a intriga insidiosa de Seth, dessa forma, é o poder de seca, que ganha o controle e dissipa a umidade, a qual é a fonte do Nilo e de sua subida.



4. A estrofe 40 do Papiro Egípcio Antigo Leiden J350 introduz o ‘Tornando-se’, referindo-se ao Artesão Divino do Universo, simbolizado como Ptah, *O Manifestador das Formas*.

No Antigo Egito, Ptah era a força modeladora cósmica, o doador da forma (smith). Ele era o coagulador, o fogo criativo, simultaneamente a causa (do

mundo criado) e efeito (da cisão).

O principal centro cosmológico de Ptah ficava em Memphis, que foi um dos quatro principais centros cosmológicos no Antigo Egito.

5. O pilar Tet (Djed), símbolo do suporte à criação, tem quatro elementos.

6. Outras aplicações são: os quatro filhos do neter (deus) Geb (representando o aspecto material/físico universal), os 4 pontos cardeais, as 4 regiões do céu, os 4 pilares do céu (apoio material do reino do espírito), os 4 discípulos (filhos) de Hórus, os 4 canopos em que os 4 órgãos eram colocados após a morte.

CAPÍTULO 8 : A QUINTA ESTRELA

8.1 O FENÔMENO NUMÉRICO UNIVERSAL

O significado e função do número cinco, no Egito Antigo, é indicado pela forma em que foi escrito. Número 5 Antigo foi escrito como o 2 (II) e acima o 3 (III), ou como uma estrela de cinco pontas. Em outras palavras, o número 5 é o resultado da relação entre o número 2 e número 3.

O Dois simboliza o poder da multiplicidade – o feminino, receptáculo mutável, enquanto o Três simboliza o masculino. Esta era a música das esferas – as harmonias universais extraídas por entre estes dois símbolos fundamentais masculino e feminino de Osíris e Isis, cujo casamento celeste produziu a criança, Hórus (o número 5).

Plutarco confirmou esta sabedoria Egípcia em sua *Moralia Vol. V*:

O Três é o primeiro número ímpar perfeito: o quatro é um quadrado cujo lado é o mesmo número dois; mas o cinco é em alguns aspectos, como o seu pai, e, e em outros aspectos, como a sua mãe, sendo composto de três e dois. E panta [todos] é um derivado do penta [cinco], e eles falam da contagem como uma “numeração de cinco em cinco”.

O Cinco incorpora os princípios de polaridade (II) e de reconciliação (III). Todos os fenômenos, sem exceção, são polares na natureza, e agudos no princípio. Portanto, o cinco é a chave para a compreensão do universo manifesto, tanto por Plutarco, como no pensamento Egípcio.

... E panta (todos) é um derivativo de pente (cinco)

O Cinco é o bloco de construção no processo da criação.

O número ‘cinco’ é considerado o mais importante número na matemática, na filosofia e na música. [Mais detalhes sobre pode ser encontrado em outras publicações pelo mesmo autor.]

Cada número possui uma ou mais propriedades especiais significando as qualidades particulares do objeto descrito, o qual nada compartilha com ele. Uma propriedade especial de cinco, é que ele é o primeiro número recorrente, também chamado de esférico.

Cinco é primeiro número recorrente porque quando é multiplicado por si mesmo ele retorna a si mesmo, e se esse número é multiplicado por si mesmo, ele novamente retorna à sua essência e dessa forma para sempre. Assim, por exemplo, cinco vezes cinco é vinte e cinco, e se este número é multiplicado por si mesmo, o produto é seiscentos e vinte e cinco, e se este número é mais uma vez multiplicado por si mesmo, o produto é 390,625, e se este número é multiplicado por si mesmo, o produto é um outro número que termina em vinte e cinco. O cinco conserva-se por si mesmo e tudo o que dele é eternamente derivado, seja onde se consiga atingir.

O cinco pode também ser chamado o primeiro número ‘universal’. O cinco remete para a ‘criação’. É o que concebe, acelera, desenvolve e produz todas as coisas percebidas e é estabelecido pelo Santo Espírito.

8.2 AS CINCO FASES DE HÓRUS .

Hórus é a personificação da meta de todos os ensinamentos iniciáticos e, portanto, está associado com o número cinco, pois ele é o quinto, depois de Isis, Osíris, Seth e Néftis. Hórus é também o número 5 no ângulo direito do triângulo de 3:4:5, como foi confirmado por Plutarco.

Hórus declarou, em *O Livro Egípcio da Revelação pela Luz* (conhecido incorretamente como *O Livro Egípcio dos Mortos*) [c. 78],

“Eu sou Hórus em glória”, “Eu sou o Senhor da Luz”, “Eu sou o único vitorioso. . . Eu sou o herdeiro de tempo infinito”; “Eu sou aquele que conhece os caminhos do céu”

Os versos do Antigo Egito acima foram repetidos mais tarde nas palavras de

Jesus, “*Eu sou a luz do mundo*”, e novamente “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida.*”

Hórus, no idioma Egípcio Antigo, significa – *Aquele que está acima*. Como tal, Hórus representa o princípio divino realizado. Hórus é a personificação da meta de todos os ensinamentos iniciáticos, que é sempre retratado acompanhando a alma realizada à Fonte.

Como o modelo da existência terrena, Hórus é representado em diversas formas e aspectos – para corresponder com as etapas do processo de espiritualização.

As cinco formas mais comuns de Hórus são:

1. Hor-Sa-Auset, que significa Hórus, o Filho de Isis. Horsiesis (ou Harsiesis). Ele é muitas vezes apresentado como um bebê sendo amamentado por Isis, que é idêntica à representação Cristã posterior da Madonna e seu filho. No tempo de vida de uma pessoa, esta é a idade da total dependência.
2. Heru-p-Khart/Hor-Pa-Khred, o que significa Hórus Criança [Harpócrates]. Ele muitas vezes é mostrado com o dedo indicador em sua boca, simbolizando a tomada de conhecimento. Esta é a era da aprendizagem, com uma mente inquisitiva.
3. Horus Behdetyor [Apollo] é Hórus, que vingou a morte de seu pai e voou para o céu, na forma de um disco alado. Este representa o estágio em nossa vida de trabalho e lutando para alcançar reinos espirituais mais elevados, aquele um que pode voar até o céu – vitorioso. As representações de Horus Behdety são encontradas na maioria das estruturas Egípcias Antigas, porém é mais proeminente no Templo de Edfu.
4. Heru-ur, o que significa Hórus, o Velho, e Hórus o Grande, ou Haroeris/Harueris. Ele é geralmente descrito como uma divindade masculina com cabeça de falcão vestindo uma coroa dupla. Isto representa o estágio em que se atinge a idade da sabedoria, e daí o título, Hórus, o Velho. Hórus, O Velho, é descrito em numerosos templos Egípcios Antigos, mas de forma mais proeminente em Kom Ombo.
5. Hor-Akhti/Horachty [Harmachis], o que significa Hórus no/do Horizonte – na forma de um novo sol da manhã. Hor-Akhti significa a

renovação/um novo começo, um novo dia. Este será manifestado na forma de Re-Hor.Akhti.

8.3 O DESTINO – A ESTRELA DE CINCO PONTAS

As estrofes 50 e 500 do Papiro Egípcio Antigo Leiden J350, cuja primeira palavra *dua* significa, ao mesmo tempo *cinco* e *adorar*, consistem de hinos de adoração exaltando as maravilhas da Creação.



No Egito Antigo, o símbolo para a estrela foi desenhado com cinco pontos. A Estrela era o símbolo Egípcio tanto para o destino como para o número cinco.

A estrela de cinco pontas Egípcia forma os cantos do Pentágono, que é harmoniosamente inscrito no Sagrado Círculo de Re. A Estrela era o símbolo Egípcio tanto para o destino como para o número cinco.

As estrelas de cinco pontas são as casas das almas que partiram com sucesso, como indicado nos *Textos Funerários do Unas* (conhecido como *Textos da Pirâmide*), Linha 904:

ser uma alma como uma estrela viva ...

As estrelas de 5 pontas Egípcias são encontradas em todos os antigos túmulos e templos Egípcios, ao longo de sua história.

CAPÍTULO 9 : O SEIS CÚBICO

O Cúbico Seis fornece a estrutura para a realização da potencialidade. Esta estrutura é o tempo e o espaço. Podemos chamar o Seis como o número do mundo, nesse sentido. O Cinco, ao tornar-se Seis, gera ou cria o tempo e espaço.

Uma propriedade especial do número seis é que ele é o primeiro número perfeito. Ou seja, se aos divisores de um número adiciona-se a ele mesmo, este é chamado um número perfeito, e o seis é o primeiro deles. O Seis tem uma metade que é três, e um terceiro que é dois, e um sexto que é um, e, se estes divisores são somados, a soma é igual a seis.

O número 6 não é autocontínuo como é o cinco. Seu prolongamento é 6 36 1296. Seis vezes seis é trinta e seis; o seis retorna para si mesmo, e trinta aparece. Quando trinta e seis é multiplicado por si mesmo, o produto é 1.296, o seis aparece novamente, mas não o trinta. Por isso, é evidente que o seis se conserva, mas não o que é derivado a partir dele. Mas o cinco conserva-se em si e o que dele deriva eternamente e para sempre.

Seis é o número cósmico do mundo material e, portanto, é o número escolhido pelos Egípcios para simbolizar ambos o tempo e o espaço. O tempo e o espaço são os dois lados da mesma moeda, o que é perfeitamente representado na ciência da astronomia e na sua aplicação – a astrologia. Os cientistas agora concordam que há uma ligação muito estreita entre o espaço e o tempo – tão próximos que você não pode ter um sem o outro.

1. Tempo – Nada tendo a ver com a cronometria, para os Antigos Egípcios, era e é baseado no número seis, ou em seus múltiplos. Um dia inteiro era/é 24 (6 x 4) horas, composto por 12 (6 x 2) horas de dia, e 12 (6 x 2) horas da

noite. A hora era/é de 60 (6 x 10) minutos, e o minuto era/é 60 segundos. O mês era/é de 30 dias (6 x 5). O ano era/é de 12 meses (6 x 2). O Grande Ano do Zodíaco continha 12 Eras Zodiacais (signos).

2.Espaço (Volume) – requer 6 direções de extensão para defini-lo: para cima e para baixo, para trás e para a frente, esquerda e direita. O cubo, é a figura de 6 lados perfeita, era usada no Egito como o símbolo para o espaço (volume).

Os Egípcios eram altamente conscientes da estrutura do tipo-caixa, que é o modelo da terra ou do mundo material. As formas estatutárias chamada de “estátua cubo” são predominantes desde o Reino Médio (2040-1783 BCE). O sujeito era integrado na forma cúbica da pedra. Nestas estátuas cubo, há um sentido poderoso de que o sujeito emerge da prisão do cubo. Seu significado simbólico é de que o princípio espiritual está emergindo do mundo material. A pessoa terrena é colocada de forma inequívoca na existência material.

A pessoa Divina é mostrada sentada diretamente em um cubo, ou seja, a mente sobre a matéria.

Outras tradições, como a Platônica e a Pitagórica, adotaram o mesmo conceito da representação cúbica Egípcia do mundo material.

CAPÍTULO 10 : O SETE CÍCLICO

Universo é construído de acordo com a natureza dos números. O número sete é o primeiro número completo porque o sete combina em si mesmo o significado de todos os números (anteriores). Para todos os números que são par ou ímpar, dois é o primeiro número par, e quatro é o segundo; o três é o primeiro número ímpar e cinco é o segundo. Se o primeiro número ímpar é adicionado ao segundo número par, ou o primeiro número par é adicionado ao segundo número ímpar, a soma é sete. Então, se você adicionar dois, o primeiro número par, o cinco, ao segundo número ímpar, a soma é de sete; da mesma forma, se você adicionar três, que é o primeiro número ímpar ao quatro que é o segundo número par, a soma é sete. E se um, que é a fonte de todos os números, é tomado com seis, que é um número perfeito, a soma é sete, que é um número completo. Esta é a sua tabela: 1 2 3 4 5 6 7. Esta é uma propriedade especial do sete, e que nenhum outro número antes do sete possui.

Os números 7, 9, 12, 28 são os primeiros números que são chamados completos (kamil), o quadrado ímpar, superiores e perfeitos, respectivamente. Além disso, a causa da exclusividade desses números vem, por um lado, do fato de que $7 = 3 + 4$; $12 = 3 \times 4$; $28 = 7 \times 4$ e, por outro lado, $7 + 12 + 9 = 28$.

O significado e a função do número 7 no Egito Antigo é indicado pela forma como eles escreveram. Desde que o 7 significava a união do espírito (Três III) e a matéria (Quatro IIII), foi, portanto, escrito em tal formato.

Uma das formas que tradicionalmente expressa o significado do 7 é a pirâmide, que combina a base quadrada, simbolizando os quatro elementos, e os lados triangulares que simbolizam os três modos do espírito.

Esotericamente, porque todos os números devem ser considerados como divisões da unidade, a relação matemática de um número que o leva à unidade é a chave para a sua natureza. Ambos três e sete são os números de “movimento perpétuo”. Divididos em unidade, eles dividem infinitamente.

$$1/3 = .33333...$$

$$1/7 = .1428571428571...$$

Sete é o número do processo, do crescimento e dos aspectos cíclicos subjacentes do universo. Osíris representa os mesmos princípios exatos e, como tal, ele é associado com o número 7, e com seus múltiplos.

Sete de algo frequentemente faz um jogo completo – os 7 dias da semana, 7 cores do espectro, 7 notas da escala musical, etc. As células do corpo humano são totalmente renovadas a cada 7 anos.

A íntima relação entre Osíris e 7 se reflete nesses poucos exemplos, a partir do Templo de Osíris em Abydos:

1. É o único templo que tem 7 capelas.
2. Existem 7 formas espirituais de Osíris
3. Existem 7 barcos de Osíris.
4. 42 (7 x 6) é o número de avaliadores/jurados no Dia do Julgamento, onde Osíris reside.
5. 42 (7 x 6) é o número de passos que levam a este templo.

• • •

O pilar Tet (Djed), como o símbolo sagrado de Osíris, tem 7 passos. Isso lembra a doutrina dos chakras no sistema kundalini Indiano de yoga, que é muito mais jovem do que as tradições Egípcias Antigas. Os chakras são centros na estrutura psicofísica do homem que obedecem aos 7 constituintes do homem, juntamente com a ligação que os reúne, ou seja, a espinha dorsal humana.

Os 7 centros de Tet (Djed) representam os 7 degraus metafóricos da escada, que conduz da matéria ao espírito. Desde que o homem é um microcosmo do padrão cósmico, Tet representa um microcosmo da cosmologia universal.

É difícil separar o número 7 de Osíris. O princípio que faz a vida surgir da morte aparente era/é chamado de Osíris, que simbolizava o poder da renovação. Osíris representa o processo, o crescimento e os aspectos cíclicos subjacentes do universo. Por isso, ele também foi identificado com os espíritos (energias) de grãos, árvores, animais, répteis, pássaros, etc.

A representação mais impressionante do conceito de regeneração, ou seja, Osíris, é a ilustração que descreve Osíris com 28 hastes de trigo crescendo fora de seu caixão. Também é interessante notar que a vida de Osíris (ou o seu reinado), de acordo com o simbolismo do Modelo Egípcio Histórico, durou 28 (7 x 4) anos.

A natureza cíclica de Osíris o fez estar relacionado com o número 7 e seus múltiplos. Frequentemente encontramos que sete, ou os múltiplos de sete, são necessários para explicar o princípio e a sequência do crescimento. Ao longo de todo o mundo, a menstruação parece estar ligada com a lua, e os cursos da lua são comparados aos cursos de uma mulher. A lua é dessa forma, o símbolo apropriado da fertilidade. Como ela aumenta e diminui, ela é considerada como um ciclo que está morrendo e ressuscitando – o símbolo da morte e do renascimento das culturas. A menstruação nas mulheres, da qual toda a vida humana depende, ocorre em um ciclo de 28 (7 x 4) dias.



Osíris é identificado com a lua, como explicado anteriormente.

Osíris morre (análogo à partida da lua) e ressuscita, ao terceiro dia depois disso. O terceiro dia é o começo de uma lua nova, ou seja, a renovação de

Osíris. Isto é remanescente da celebração da Páscoa, em que, como Osíris, o Jesus bíblico morreu na Sexta-Feira e ressuscitou ao terceiro dia – Domingo – como uma nova vida.

CAPÍTULO 11 : O OITO - A OITAVA

Sete é o fim de um ciclo. Oito é o começo de um novo ciclo – uma oitava.

Conforme mostrado neste livro, os Antigos Egípcios e os Baladi acreditavam que o universo é composto por 9 reinos (7 céus e 2 mundos/terras). Nossa existência terrena é o 8º reino (primeiro mundo/terra).

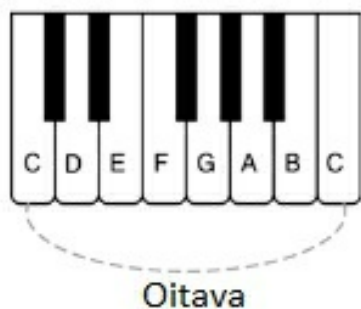
No número 8, encontramos o ser humano criado à imagem de Deus, o Primeiro Princípio. Nossa existência terrena no 8º reino é uma replicação e não uma duplicação – uma oitava. Oitava é o futuro estado do passado. A continuidade da criação é uma série de repetições – oitavas. Oito, então, corresponde ao mundo manifestado físico e como nós o experimentamos.

No Egito, o bem-conhecido texto, o *Caixão de Petamon* [item do Museu do Cairo n°. 1160], afirma:

***Eu sou o Um o qual se torna Dois,
o qual se torna Quatro,
o qual se torna Oito,
e assim eu sou Um novamente.***

Esta nova unidade (Um novamente) não é idêntico, mas semelhante, com a primeira unidade (Eu sou Um). A antiga unidade não é mais, uma nova unidade tomou o seu lugar: *O Rei está Morto, Vida Longa ao Rei*. É uma renovação ou auto replicação.. E para se considerar o princípio da auto replicação, 8 condições são necessárias.

Musicalmente, o tema renovação de 8 condições corresponde à oitava, porque é atingido através de todos os 8 intervalos da escala (das 8 teclas brancas do teclado).



Por exemplo, uma oitava pode ser 2 C sucessivos (Dós) sobre uma escala musical, tal como é ilustrado aqui no teclado.

- O Oito é escrito como IIII sobre IIII.
- Oito é o número de Thoth, e em Khmunu (Hermopolis), Thoth é chamado de ***O Mestre da Cidade do Oito***.

Thoth era o mensageiro da neteru (deuses, deusas) da escrita, da linguagem, do conhecimento. Thoth deu ao homem o acesso aos mistérios do mundo manifesto, que foram simbolizados pelo número Oito.



A estrofe 80 do Papiro Egípcio Antigo de Leiden J350 retrata a Creação como foi dito no Khmunu (Hermopolis), que trata da Ogdoad – O Oito Primordial – que compreendia a primeira metamorfose de Amen-Re, o misterioso, o oculto e o qual é reconhecido como Ta-Tenen em Memphis, em

seguida, Ka-Mut-f em Tebas, ainda que durante todo esse tempo permaneça Um.

Portanto, a manifestação da criação em 8 condições estão presentes em todos os quatro centros cosmológicos Egípcios Antigos:

- Em Memphis, Ptah, em suas 8 formas, criou o universo.
- Em Heliópolis, Atam criou os 8 seres divinos.
- Em Khmunu (Hermopolis), 8 neteru primordiais – o Ogdoad – criaram o universo. Eles eram a representação do estado primordial do universo.
- Em Tebas, Amun/Aman/Amen depois de criar-se em segredo, criou o Ogdoad.

A manifestação da criação através de 8 termos também se reflete no processo místico da quadratura do círculo. [Veja anteriormente os detalhes referente ao tema da dualidade Re e Thoth.]

CAPÍTULO 12 : AS NOVE VIDAS

12.1 O SIGNIFICADO UNIVERSAL DO NÚMERO NOVE

Número nove marca o fim da gestação e o final de cada série de números. Se multiplicado por qualquer outro número, ele sempre se reproduz ($3 \times 9 = 27$ e $2 + 7 = 9$ ou $6 \times 9 = 54$ e $5 + 4 = 9$. e assim por diante).

Nove marca a transição de uma escala (os números de 1 a 9) para uma escala maior (partindo de 10), e por isso é o número de iniciação, que é novamente, similar ao nascimento de um bebê após nove meses.

Uma criança humana é normalmente concebida, formada e nascida em nove meses, um fato que tem muito a ver com o papel e a importância atribuída ao número nove no Egito Antigo.

Correspondentemente, o Egito Antigo refere-se a um grupo de nove divindades como uma unidade – sendo um Enéade. Como afirmado anteriormente, encontramos bem antes, há pelo menos 5000 anos atrás, que os Textos da Pirâmide revelavam a existência de três companhias de *neteru* (deuses, deusas), e cada companhia consistia em 9 *neteru* (deuses, deusas).

Os textos Egípcios falam de três Enéadas – cada um representando uma fase do ciclo de criação, como explicado anteriormente.

Os nove aspectos de um Enéade não são uma sequência, mas uma unidade – interpenetrando, interagindo e entrelaçados.

Número nove marca o fim da gestação e o final de cada série de números.

Na *Ladainha de Re*, Re é descrito como *O Um do Gato* e, como *O GrandeGato*. Os nove reinos do universo se manifestam no gato, tanto para o

gato quanto para a Grande Enéade (ou seja, a unidade-vezes-nove) têm o mesmo termo Egípcio Antigo b.st. Esta relação encontrou o seu caminho para a cultura Ocidental, onde se diz que *o gato tem nove vidas* (reinos).

12.2 OS NOVE NÍVEIS DA MATRIZ UNIVERSAL

Uma vez que o universo creado é ordenado, sua matriz energética é também uma máquina bem lubrificada, com nove reinos que se interpenetram e se interagem.

Os Antigos Egípcios e os Baladi acreditavam que a matriz energética universal consiste em nove reinos, que são comumente classificados como sete céus (reinos metafísicos) e duas terras (reinos físicos).

Os dois reinos terrenos são comumente conhecidos como *As Duas Terras*. No capítulo anterior, mostramos o significado do número 8 como sendo o nosso reino físico (terreno).

O último reino – número 9 – é onde existe o nosso complemento oposto. Os gêmeos Siameses que vivem nos reinos 8 e 9 estão em perfeita harmonia. Em termos musicais, a razão/relação de 8:9 representa o Tom Perfeito.

O conceito de 9 reinos é consistente com o conceito da Grande Enéade – a unidade de 9 – o gerador da criação manifestada.

As energias nos 9 reinos formam uma hierarquia interativa ordenada. [As interações entre energias será mostrada em capítulos posteriores].

12.3 OS NOVE NÍVEIS DO HOMEM

Tal qual nossa vida não termina com a morte, assim, os nossos corpos não estão limitados pela sua forma física externa. Nós existimos em inúmeros e diferentes níveis de uma só vez, a partir do mais físico para o mais espiritual. De fato, num certo sentido, não há diferença entre físico e espiritual, apenas as gradações em que se encontram entre as duas extremidades do espectro.

O homem por inteiro consiste em:

1. uma força vital – SekhemSekhem é a força vital.Re é chamado de *O Grande Sekhem*.
2. um nome —RenRen como um “nome” é a essência de um indivíduo pela qual se distingue uma pessoa da outra. Quando seu nome é chamado – você retorna à Fonte.
3. um Espírito-alma —KhuO Khu é o elemento espiritual mais elevado. É um componente brilhante e luminoso. Khu-s também são os seres celestiais, que vivem com a neteru (deuses, deusas). Cada khu pode, então, ser equivalente ao anjo da guarda.
4. uma sombra —KhaibetO khaibit parece corresponder com a nossa noção de fantasma.Khai = companheiro / irmão
5. um Coração-alma —BaBa representa totalidade das capacidades físicas e psíquicas do homem.E Ba é imortal. Quando o ba parte, o corpo morre. O Ba é representado como um pássaro com cabeça de humano, como o aspecto divino do ser terreno.
6. um duplo —KaO Ka é a combinação de vários subcomponentes entrelaçados. Ele é equiparado ao que se descreve como sendo a personalidade. O Ka não morre com o corpo mortal, embora possa entrar em seus muitos subcomponentes.
7. um coração —AbO coração é a sede do poder, a consciência – o certo e o errado.Hórus é chamado de “o morador dos corações”, ‘o senhor dos corações “.
Ab [como o coração] é a grafia inversa do componente Ba – o coração-alma.
8. um Espírito-corpo —SahuO corpo metafísico que deixa o corpo físico com os direitos funerários apropriados tem o poder de viajar para qualquer lugar, de forma duradoura e incorruptível.Sahu é mostrado como uma múmia deitada num caixão – indica um corpo espiritual que é duradouro e incorruptível.
Ab é o inverso para Ba = alma-cora
9. um corpo natural —KhatKhat significa corruptível – sujeito à deterioração.

Mais detalhes sobre os nove componentes será mostrado num capítulo posterior deste livro.

CAPÍTULO 13 : O DEZ - O NOVO UM

No Antigo Egito, o número 10 simboliza a conclusão e perfeição, porque ele completou a série dos números essenciais e os trouxe de volta à unidade. Na filosofia Egípcia, o processo era simbolizado por Hórus, o Filho Divino.

Como o filho de Isis e Osíris, Hórus foi o décimo neter (deus) da Grande Enéade.

O Dez é o número mais alto da unidade original.

A Grande Enéade emana do Absoluto. Os nove neteru (princípios) circunscritos sobre Um (O Absoluto) torna-se ambos Um e Dez. Esta é a analogia simbólica da Unidade original; é a repetição, o retorno para a fonte.

O Dez é o primeiro número do ranking das dezenas assim como Um é o primeiro número no ranking das unidades. Ele tem uma outra propriedade especial semelhante a uma propriedade do número um, ou seja, só tem um número adjacente a ele, o vinte, e dez é a sua metade – semelhante ao caso de um, que é a metade de dois.

O logaritmo de 10 é Um.

Dez é um novo Um ($\log 10 = 1$)

PARTE IV : COMO É ACIMA É ABAIXO

CAPÍTULO 14 : O SER HUMANO - A RÉPLICA UNIVERSAL

14.1 O UNO UNIDO

Se o homem é o universo em miniatura, logo, todos os fatores no homem são duplicados numa escala maior no universo. Todos os movimentos e forças, que são poderosos no homem, também são poderosos no universo como um todo. De acordo com a consciência cósmica dos Egípcios, acredita-se que cada ação executada pelo homem está ligado a um padrão maior no universo, incluindo espirrar, piscar, cuspir, gritar, chorar, dançar, jogar, comer, beber, e também as relações sexuais.

Para os Antigos Egípcios, o homem, como um universo em miniatura, representa a imagem criada de toda a criação. Desde que Re – o impulso criativo cósmico – é chamado,

Aquele que Tudo Une, Aquele que Sai de Seus Próprios Membros,

de modo que o ser humano (a imagem da criação) é da mesma forma, *O Uno Unido*. O corpo humano é uma unidade que consiste em diferentes partes, unidas entre si. Na *Ladainha de Re*, as partes do corpo do homem divino são, cada uma delas identificadas por um neter (deus) ou um netert (deusa).

O Homem, para os Antigos Egípcios, era a personificação das leis da criação. Como tal, as funções e processos fisiológicos das várias partes do corpo foram vistas como manifestações de funções cósmicas. Os membros e os órgãos tinham uma função metafísica, para além da sua finalidade física. As partes do corpo eram consagradas a um dos neteru (princípios divinos), que apareciam nos registros Egípcios ao longo de sua história que foi recuperada. Além da *Ladainha de Re*, aqui estão outros exemplos:

- O enunciado 215 § 148-149, do Sarcófago da Câmara na Tumba de Unas (nos escombros da pirâmide) em Saqqara, identifica as partes do corpo (cabeça, nariz, dentes, braços, pernas, etc.), cada um com um neteru divino (deuses, deusas).

A tua cabeça é a de Hórus

...

o teu nariz é Anubis

os teus dentes são Sopdu

os teus braços são Happy e Dua-mutef,

...

as tuas pernas são Imesty e Kebeh-senuf,

...

Todos os teus membros são os gêmeos de Atam.

- Do Papiro de Ani, [pl. 32, item 42]:

Meu cabelo é Nun; meu rosto é Re; meus olhos estão Hathor; meus ouvidos são Wep-wawet; meu nariz é Ela que preside sobre a folha de lótus; meus lábios são Anubis; meus molares são Selket; meus incisivos são Isis; meus braços são o Ram, o Senhor de Mendes; meu peito é Neith; minhas costas é Seth; meu falo é Osíris; . . . minha barriga e minha espinha são Sekhmet; minhas nádegas são os Olhos de Hórus; minhas coxas e panturrilhas são Nut; meus pés são Ptah; . . . não há nenhum membro de mim desprovido de um neter (deus), e Thoth é a proteção de toda a minha carne.

O texto acima não deixa dúvidas sobre a divindade de cada um dos membros:

não há nenhum membro da mim desprovido de um neter (deus),

14.2 AS FUNÇÕES METAFÍSICAS/FÍSICAS DAS PARTES DO CORPO.

É um instinto humano em todo o mundo usar um órgão/parte humana para descrever um aspecto metafísico. Os textos e símbolos Egípcios Antigos são permeados pelo completo entendimento de que o homem (ele todo e as suas partes) é a imagem do universo (todo e as suas partes).

Aqui estão alguns exemplos das funções metafísicas/físicas de algumas partes do corpo humano no Antigo Egito:

- O Coração

O coração era/é considerado um símbolo da percepção intelectual, da consciência e coragem moral. O coração é simbolizado por Hórus.

- A Língua

A língua é o músculo mais forte do corpo humano. Um homem de palavra significa como ele comanda com a sua língua aquilo que será manifestado. A língua é simbolizada por Thoth.

- Tanto o coração e a língua se complementam, como é claramente indicado na Shabaka Stele (716-701 BCE), que é uma reprodução da 3ª Dinastia.

o Coração pensa tudo o que ele deseja, e a Língua entrega tudo o que ele desejar.

[Mais informações sobre as funções do coração e da língua ao longo do livro.]

- A Coluna Vertebral e a Barriga

Em nossa sociedade moderna, as entranhas e a coluna vertebral são símbolos da coragem física. Este conceito tem raízes Egípcias Antigas. No *Papiro de Ani* [pl.32 item 42], lemos:

minha barriga e minha espinha são Sekhmet

Sekhmet é um netert com cabeça de leoa (deusa). A leoa é o animal mais destemido.

[As funções metafísicas de algumas outras partes humanas são descritos ao longo do livro.]

14.3 OS NOVE COMPONENTES DO HOMEM

Nós existimos em inúmeros e diferentes níveis de uma só vez, a partir do mais físico para o mais espiritual. De fato, num certo sentido, não há diferença entre físico e espiritual, apenas as gradações em que se encontram entre as duas extremidades do espectro.

Acredita-se que após o nascimento, o ser humano possui um corpo físico (khat) e um duplo imaterial (Ka), que viveu no interior do corpo e era associado estreitamente com o Ba, que habitava o coração, e que parece ter sido associado com a sombra do corpo físico. Em algum lugar do corpo vivia o Khu ou o Espírito-alma, na qual sua natureza era imutável, incorruptível e imortal.

Todos estes foram, no entanto, interligados inseparavelmente, e o bem-estar de qualquer um deles era a causa do bem-estar de todos; e ainda mais atrás, como nos textos do Unas (vulgarmente conhecido como “Pirâmide”), eles são fundidos entre si. Cada um tem sua própria distinção e poderes; mas existem relações bilaterais e trilaterais entre os componentes individuais.

Na cosmologia Egípcia Antiga, todo o homem é composto por nove componentes como se segue:

1. uma força vital – chamada Sekhem
2. um nome [secreto] – chamado Ren
3. um Espírito-alma – chamado Khu
4. uma sombra – chamada Khaibit
5. um Coração-alma [corpo etérico] – chamado Ba
6. um duplo/imagem – chamada Ka
7. um coração [a consciência] – chamado Ab
8. um Espírito-corpo – chamado Sahu
9. um corpo natural – chamado Khat

1. Sekhem Sekhem representa o poder vital.

Re é chamado de *O Grande Sekhem*.

Sekhem é mencionado juntamente com Ba e khu.

O Sekhem está relacionado com [associado com] o Khu.

2. RenRen, como o nome [secreto] de um homem se acreditava existir no céu, e nos textos do Unas (“Pirâmide”) somos informados de que

seu nome, vive com sua Ka.

3. O Espírito-Alma (Khu)O Khu é o elemento espiritual mais elevado. É um componente brilhante e luminoso. Khu-s também são os seres celestiais, que vivem com a neteru (deuses, deusas). Cada khu pode, então, ser equivalente ao anjo da guarda.

O Khu é mencionado em conexão com o Ba e o Khai-bit (alma e sombra), e com o Ba e o Ka (alma e seu duplo), mas fica claro que é algo completamente distinto de Ka, Ba, e de Khaibit, embora em alguns aspectos o qual deve ter possuído características similares a estas entidades imateriais do homem.

4. Khai-bitKhaibit é a sombra ou penumbra – o qual intercepta a luz. Esta parece ter sido uma entidade que serviu para concentrar ou unir os Ka-s inferiores com todos os seus apetites e desejos carnaís. O khai-bit parece corresponder com a nossa noção de fantasma – principalmente aqueles que aparecem nos cemitérios. Os Baladi Egípcios acreditavam que cada pessoa tem uma sombra – uma entidade separada – que o segue na vida, morre e vai para a sepultura com ele.

É interessante notar que a palavra Egípcia “Khai” significa companheiro/irmão.

5. Ba— O Coração-Alma (Corpo Etéreo)Enquanto componente # 3 acima sendo khu a *alma espiritual*, o 5º componente aqui representa a *alma do coração*. Mais tarde vamos encontrar *coração Ab* [Ba soletrado ao inverso] como o 7º componente.

Deve-se sempre lembrar que o termo *coração* não significa um órgão físico humano, mas a consciência.

Portanto Ba como o coração-alma representa a totalidade das forças vitais do homem, que incluem as suas capacidades físicas e psíquicas. Como tal, Ba é retratado como um pássaro com cabeça de homem.

O pássaro Bennu representa a totalidade do conceito de Ba no universo.

No ciclo de criação o qual reflete o papel da dupla Ra e Osíris/Aus-Ra, o pássaro Bennu é referido como ambos, *O Ba de Ra* e *O Ba de Osíris/Aus-Ra* – o todo – englobando BA.

Em resumo, o Ba representa:

- A manifestação externa
- A personificação do poder/força vital

A manifestação do poder, ou o poder manifestado não pode existir de forma independente (do corpo); e, portanto, o Ba humano deve manter contato com o corpo.

6. O Ka ou Duplo (Corpo Astral) Ka é o poder que corrige e torna individual, o espírito que anima aquilo que é BA. Ka é o complexo que contém os poderes atrativos ou magnéticos, cujo resultado é o que hoje chamaríamos de personalidade: o sentido que permeia o “Eu” que habita o corpo, mas que não é o corpo. (O “Eu” pode estar presente mesmo quando o sentido do corpo é perdido inteiramente, como numa paralisia total ou em certos tipos de anestesia.)

O Ka é complexo.

- É o animal Ka preocupado com os desejos do corpo;
- o divino Ka é que atende a chamada do espírito; e
- a intermediação de Ka que fornece o impulso para aqueles no caminho, para ganhar gradualmente o controle do animal Ka e colocá-lo a serviço do Ka divino.

Na raiz de Ka – conceitualmente reside a convicção da consciência, a vida ativa não é a função do corpo, mas sim flui a partir de uma potência mais

elevada que ativa o corpo e é, portanto, o veículo real de vida. O poder vital é o Ka. Não há vida consciente sem ele. Ele existe apenas por meio de seu próprio efeito.

Quando o corpo nasceu, nesse instante entrou em existência com ele uma individualidade abstrata ou ser espiritual, que era completamente independente e distinta do corpo físico, mas seu domicílio era o corpo, cujas ações era supostamente dirigir, e guiar, e manter o olhar sobre ele, e que vivera no corpo até o corpo morrer. Nenhuma criança saudável nunca nasceu sem este ser espiritual, e quando os Egípcios desenhavam figuras dele, sempre o faziam com que se assemelhasse ao corpo a que pertencia; em outras palavras, eles consideravam-no como o seu “DUPLO”. Seu nome em egípcio era Ka.

Sendo duplo, ele é a duplicação/imagem do seu Ba.

7. O Coração (Ab)O Ab é o coração, e que corresponde a consciência. (o reverso de Ba = coração-alma)Hórus é chamado de o “morador dos corações”, o “senhor dos corações”, o “assassino do coração.”

8. SahuSahu é definido como um Espírito-corpo – o corpo metafísico [espiritual].Os Antigos Egípcios nunca esperavam que o corpo físico subisse novamente; pelo contrário, os textos declaram claramente que *“a alma está no céu, o corpo na terra”*. Os Egípcios acreditavam que algum tipo de corpo ressuscitou dos mortos, e continuou a sua existência no Outro Mundo.

O corpo espiritual foi habilitado a subir a partir do corpo físico através dos ritos e cerimônias que eram realizadas sobre ele.

No dia do enterro, através de orações e de rituais próprios, o corpo físico tinha o poder de se transformar num Sahu – o corpo metafísico (espiritual) – Desperto.

Corpo espiritual = duradouro e incorruptível

Nos textos Egípcios Antigos lê-se:

***Eu floresço/broto como as plantas
Minha carne floresce***

O corpo que se torna um Sahu tem o poder de se associar com a alma e de manter uma conversa com ela. Ele pode subir e habitar com a neteru (deuses, deusas) – em sua **Sahus**.

Sahu como múmia deitada num caixão – indica um corpo espiritual que é duradouro e incorruptível.

A palavra “Sahu” parece significar algo como “livre”, “nobre”, “chefe”, e, neste caso, parece ser usada como o nome para um corpo que, por meio das cerimônias religiosas que foram realizados sobre ele, obteve a liberdade do corpo material e o poder através do qual tornou-se incorruptível e eterno.

Daí surgiu a grande importância das cerimônias fúnebres e das ofertas, as quais fazem com que um corpo espiritual salte do corpo físico, e o seu Ka continue sua existência após a morte do corpo a que ele pertencia.

Através de poderes de orações, de rituais, o corpo pode se transformar em Sahu – e como as Duas Irmãs [Isis e Nephthys] despertar (Sahu) Osíris.

Como o corpo físico é o cumpridor da forma – o lugar de Ka e da alma, de modo que ao corpo espiritual foi acreditado para conceder – é uma habitação para a alma, pois é nitidamente dito que “as almas entram em seu Sahu”. E o corpo espiritual tinha o poder para viajar em todos os lugares no céu e na terra.

9. KhatO khat é definido como um corpo físico/natural – corruptível. Khat – Significando corruptível – é o reverso de Akh – luminoso, incorruptível.

Khat está sujeito a deterioração, mas também pode se referir a um corpo mumificado.

Acima foi mostrado os nove componentes, por ordem decrescente da sua origem divina.

À partir da terra e movendo-se para cima através dos níveis, é um processo de derramamento destes diferentes “envólucros”, e movendo-se através dos vários reinos ao ponto mais alto de que a alma é capaz, antes de descer novamente ao renascimento.

CAPÍTULO 15 : A CONSCIÊNCIA ASTRONÔMICA

15.1 A CONSCIÊNCIA CÓSMICA E A ASTRONOMIA

O Egito reconhecia a influência dos céus na terra, e eles observavam os céus com a máxima atenção. Os dados da astronomia eram estudados pelo seu significado, isto é, o estudo de correspondências entre os eventos nos céus e eventos na terra. A astronomia e a astrologia eram, para eles, as duas faces da mesma moeda.

Os registros Egípcios Antigos de todas as matérias mostram uma completa coordenação e correspondência entre as atividades Egípcias na terra e os vários ciclos do universo – como algumas aplicações as quais são descritas ao longo deste livro.

Os Egípcios eram muito conscientes da sua dependência dos ciclos da terra e do céu. Portanto, aos sacerdotes do templo fora atribuída a tarefa de observar os movimentos desses corpos celestes. Eles também eram responsáveis pela observação de outros eventos celestes e de interpretá-los.

Podem ser encontrados numerosos monumentos em todo Egípcio Antigo, locais que comprovam sua plena consciência e conhecimento da cosmologia e astronomia.

Clemente de Alexandria (200 CE) relatou sobre o conhecimento avançado de astronomia no Egito Antigo. Ele referiu-se na astronomia em cinco volumes, sobre o Egito Antigo, relacionados entre si – um contendo uma lista das estrelas fixas, outro sobre os fenômenos do sol e da lua, dois outros na ascensão das estrelas, outro continha uma cosmografia e geografia, o curso do sol, da lua e dos cinco planetas. Estas referências indicam um entendimento completo da astronomia – inigualável mesmo em nossos

tempos atuais.

Enquanto as universidades Ocidentais atribuem o conhecimento de astronomia para os Gregos, os próprios Gregos atribuíram seu conhecimento astronômico aos sacerdotes Egípcios.

O Grande Strabo [64 BCE-25 CE] admitiu em c. 20 BCE (cerca de 100 anos depois de Hipparchus) que,

“Os sacerdotes Egípcios são supremos na ciência do céu ... [os Egípcios] ... transmitiram alguns de seus preceitos, embora eles escondessem a maior parte. [Os Egípcios] revelaram aos gregos os segredos do ano inteiro, a quem estes depois ignoraram, assim como acontece com muitas outras coisas “.

Mais adiante nesse capítulo encontra-se mais sobre o mais preciso calendário anual Egípcio.

Os astrônomos que estudam o Egito há muito argumentam que a astronomia Egípcia era altamente avançada, que a precessão dos equinócios era conhecida por eles, assim como era o sistema heliocêntrico, e muitos outros fenômenos supostamente descobertos só recentemente.

15.2 KEPLER E A ASTRONOMIA EGÍPCIA

Há algumas décadas atrás, aqueles que sugeriram que a astronomia teria atingido um estado avançado, muito antes da invenção do telescópio, eram geralmente ridicularizados ou ignorados. A astronomia “Moderna” atribuiu às obras de Johannes Kepler [1571-1630 CE], e ele é creditado por ter “descoberto” as três leis planetárias, sem o “benefício de um telescópio”.

Lei 1. A órbita de um planeta/cometa em torno do sol é uma elipse, com o centro da massa do sol como um dos focos.

Lei 2. A linha que une um planeta/cometa e o sol varre áreas iguais em intervalos de tempo iguais.

Lei 3. Os quadrados dos períodos dos planetas são proporcionais ao cubo

do seu semi-eixo maior.

Leis planetárias que mostrem as relações entre os planetas, distâncias, variações na velocidade, configurações orbitais, etc. nunca podem ser determinadas sem observações regulares, medições, gravação e análises – ainda nenhum desses acadêmicos ocidentais nos dizem como Kepler chegou (fora do ar rarefeito) a essas leis planetárias. Na verdade, o próprio Kepler vangloriou na imprensa, no final do *Livro V* de sua série, *Harmonia do Mundo*, que ele descobriu as leis perdidas do Egito, como seguir indicados:

“Agora, dezoito meses após a primeira luz, três meses após o verdadeiro dia, mas poucos dias depois, o puro Sol desse mais maravilhoso estudo começou a brilhar, nada me impede, é o meu prazer de ceder à inspirado frenesi, é um prazer insultar os homens mortais com o reconhecimento sincero que eu estou roubando os vasos de ouro dos Egípcios para construir um tabernáculo para o meu Deus a partir deles, longe, muito longe das fronteiras do Egito “.

O jubiloso Kepler não declarou que ele próprio descobriu coisa alguma. Em vez disso, tudo era Egípcio Antigo.

15.3 OBSERVAÇÕES E GRAVAÇÕES ASTRONÓMICAS

Podem ser encontrados numerosos monumentos em todo o Egito Antigo, locais que comprovam sua plena consciência e conhecimento da cosmologia e astronomia. Um tipo sistemático de observação astronômica começou entre os Egípcios Antigos num momento muito anterior. Os Antigos Egípcios compilaram as informações, fazendo mapas das constelações baseados em observações e gravações.

Um tipo sistemático de observação astronômica iniciou em tempos muito antigos. Os textos astronômicos mais antigos, e conhecidos atualmente, são encontrados nas tampas dos caixões de madeira que datam da 9ª Dinastia (c. 2150 BCE).

Estes textos são chamados *calendários diagonais* ou *relógios de estrela diagonais*, o que dá o significado dos objetivos e o conteúdo desses textos – o de observar e documentar a relação entre movimento e o tempo das estrelas.

A palavra diagonal significa a medição dos ângulos, isto é, a distância do segmento do círculo de movimento durante um período de tempo específico.

As medidas angulares estão na junção, pela qual os Egípcios dividiram o céu em 36 segmentos angulares, cada um tendo 10 graus de ângulo central – perfazendo um total de 360 graus.

Estes textos dão os nomes aos decanos (estrelas que aumentavam em intervalos de dez dias, no mesmo tempo que o sol), as quais haviam 36 delas.

Gráficos mais elaborados das estrelas foram encontrados no Novo Reino (1550-1070 BCE) no teto do túmulo de Senenmut, arquiteto da Rainha Hatshepsut, e no teto no templo de Abydos. Nos túmulos de Set I, Ramsés IV, VII e IX, inscrições que se relacionam com o primeiro e o 16º dia de cada mês, dando a posição ocupada por uma estrela a cada uma das 12 horas da noite, em relação a uma figura sentada: sobre a sua orelha esquerda, sobre a sua orelha direita, etc.

15.4 A MARCAÇÃO EGÍPCIA DO TEMPO REAL

O conhecimento Egípcio Antigo da cronometragem se reflete em sua divisão de um dia em 12 horas do dia e 12 horas de noite. O comprimento das horas não era fixado, mas variava de acordo com as estações do ano. Dias longos no verão significa mais horas do dia, e o oposto nos meses de inverno. Em 21 de Março e 23 de Setembro, quando o sol cruza o equador e o dia e a noite possuem comprimento igual em todo lugar, estes são conhecidos como equinócios (noites iguais). A variação do comprimento da hora significa a compreensão do equinócio – bem como a sua plena compreensão da medição do tempo exato, conforme explicado abaixo.

Uma vez que a Terra gira em torno do sol no plano da sua órbita, uma vez por ano, a linha de referência para o sol está mudando constantemente, e o comprimento de um dia solar não é o tempo real de uma rotação da terra. É, decorrente disso, que a astronomia “moderna” reconhece que o tempo real de uma rotação da terra, o qual é conhecido como o dia sidéreo, baseia-se em uma rotação em relação ao vernal equinócio – quando o comprimento do dia e da noite são exatamente o mesmo.

Os Antigos Egípcios conheciam os segredos do tempo, porque eles haviam observado e estudado o movimento aparente das estrelas, da lua e do sol. Porque todos os corpos celestes estão num aparente movimento constante em relação ao observador, é extremamente importante saber a hora exata para uma observação de um corpo celeste – que os Antigos Egípcios dominavam há muito tempo.

O movimento de cada corpo celeste era medido na mudança angular como uma combinação de declinação e ascensão reta, sendo estas as coordenadas dadas para as estrelas num mapa do céu.

As observações eram gravadas e plotados em uma grade, por meio de sobreposição – sob o centro do céu – uma figura humana sentada, na qual o topo de sua cabeça era colocado abaixo do zênite. A grade era tipicamente de 8 segmentos horizontais e 12 segmentos verticais – representando as 12 horas da noite. As estrelas que iam se aproximando do ápice eram referenciadas sobre uma parte desta figura, e sua posição era indicada nas listas de estrelas: sobre a orelha esquerda, sobre a orelha direita, etc.

Os textos astronômicos Egípcios Antigos dão a posição das estrelas durante as 12 horas da noite – em intervalos de 15 dias – e desta informação, a mudança na localização de um ponto específico no céu pode ser medida. Estas frequentes e regulares medições e gravações levou-os a relacionar a taxa da velocidade dos corpos celestes, e, como tal, os Antigos Egípcios foram capazes de gravar irregularidades maiores e menores no movimento percebido desses corpos celestes.

Mapas dos céus e tabelas de estrelas foram feitas no Egito desde datas muito anteriores, estrelas que estavam sendo agrupadas para formar constelações como aquelas retratadas no teto da tumba. Referências astronômicas à importante constelação de Touro (Ursa Maior) – para Sirius – para Orion e outros grupos de estrelas, são encontrados nos Textos da Pirâmide da 5ª e 6ª dinastias.

Listas dos decanos ou dez dias de estrelas (ou grupos de estrelas), associadas com tabelas horárias das estrelas, já estavam em uso na 11ª e 12ª dinastias nos caixões de Assyt.

No caso do túmulo de Ramsés IX (1131-1112 BCE), o teto mostra as posições das várias estrelas com mais de 12 períodos consecutivos de 15 dias. A partir destes mapas de estrelas, os Antigos Egípcios determinavam as posições e mudanças de localização e/ou o tempo de estrelas. Como tal, os Antigos Egípcios estavam cientes do fato de que as estrelas se moviam lentamente e que isso era facilmente mensurável em seu trânsito meridiano, e, assim, os Antigos Egípcios conheciam e trabalhavam na precessão da taxa de mudanças.

Os Antigos Egípcios fizeram referência às estrelas que definem o perímetro das várias constelações, tais como:

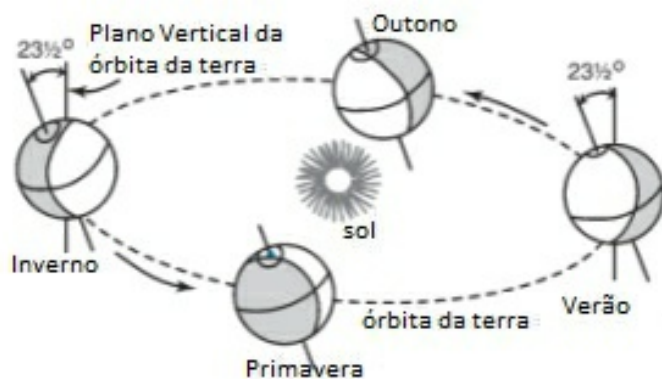
- perna do gigante
- garra do ganso
- cabeça do ganso
- parte-traseira do ganso
- estrela de milhares
- estrela S'ar
- dedo-indicador da constelação S'ah. (Orion)
- as estrelas de S'ah. (Orion)
- estrela que segue Sirius
- dedo-indicador das estrelas-gêmeas
- estrelas da água
- ponto do dedo de S'ah.
- cabeça do leão
- cauda do leão

15.5 O CICLO DO ZODÍACO



A carta de estrela do polo norte do céu, do túmulo de Seti I [1333-1304 BCE] [mostrado acima], reforça o significado Egípcio Antigo da palavra do zodíaco – como um círculo de animais.

A principal razão para a nossa consciência – na terra – do zodíaco é a oscilação da Terra em seus movimentos de órbita em torno do Sol. A Terra gira de oeste para leste sobre o seu eixo polar e gira em torno do Sol em uma órbita elíptica, com o Sol em um dos focos da elipse. Ela completa uma volta num período de 365,2564 dias. A inclinação da terra ($23\frac{1}{2}$ graus perpendiculares ao plano orbital), combinada com a sua revolução em torno do Sol, faz com que os comprimentos do dia e da noite mudem, e também é a causa das diferentes estações [mostrada abaixo].



Se o céu for considerado como uma constelação de pano de fundo, em seguida, por causa da oscilação da Terra sobre o seu eixo, o equinócio vernal de cada ano se levanta contra um fundo, mudando gradualmente de constelação. O efeito não é real, mas aparente, e só envolve as estrelas. As estrelas na verdade, não se movem, mas parecem mover-se por causa da oscilação de precessão da Terra. Os astrônomos chamam isso de *precessão dos equinócios*.

O deslocamento contínuo da posição das estrelas atua como uma espécie de estrela-relógio para o nosso planeta. Para os Antigos Egípcios, pelo conhecimento da taxa exata da mudança de precessão e as coordenadas de uma estrela, eles eram capazes de determinar a sua altitude no meridiano para qualquer tempo ou seu ponto de aparecimento no horizonte oriental.

A precessão dos equinócios, através das constelações, fornece o nome às doze eras do zodíaco. Demora cerca de 2,160 anos para a precessão de um equinócio através de um sinal do zodíaco. Portanto, leva uns 25,920 anos para o equinócio da primavera, para percorrer o circuito completo das constelações dos doze sinais (signos) do zodíaco. Este ciclo completo é chamado de o Ano Grande/Inteiro.

Os signos (sinais) do zodíaco são encontrados em vários locais ao longo da história do Egito Antigo. Aqui, o zodíaco é representado em dois locais no Templo de Hathor em Dendera. É evidente que é Egípcia Antiga, com suas figuras, símbolos, etc. O mesmo simbolismo preciso das idades (eras) representadas pelo zodíaco, nas divindades, figuras, etc., são encontrados em numerosos templos Egípcios Antigos, e em túmulos em todo o país, muito antes do período Greco-Romano.



O zodíaco circular [acima] é retratado no teto do nível superior do templo, onde os sinais são dispostos em forma de espiral.

Pateticamente a academia Ocidental tenta creditar uma origem *Europeia* à essa grande conquista. No entanto, neste caso, Hipparchus (quem nunca

afirmou ser si mesmo a fonte) **nunca poderia, sozinho, ter feito algo que requer observações astronômicas, medidas e gravações ao longo de séculos e milênios.**

Enquanto as universidades Ocidentais atribuem o conhecimento de astronomia para os Gregos, os próprios Gregos atribuíram seu conhecimento astronômico aos sacerdotes Egípcios. O Grande Strabo [64 BCE-25 CE] admitiu em c. 20 BCE (cerca de 100 anos depois de Hipparchus) que,

“Os sacerdotes Egípcios são supremos na ciência do céu ... [os Egípcios] ... transmitiram alguns de seus preceitos, embora eles escondessem a maior parte. [Os Egípcios] revelaram aos gregos os segredos do ano inteiro, a quem estes depois ignoraram, assim como acontece com muitas outras coisas “.

15.6 EM RITMO COM AS ERAS ZODIACAIS

Há evidências esmagadoras e exaustivas mostrando como o Egito atendeu à diferentes idades (eras) do zodíaco. Houve uma mudança de simbolismos, de Leo (o leão), Gemini (os gêmeos), para Taurus (o touro), para Aries (o carneiro). Essas mudanças coincidiram com as datas das precessões astronômicas. Egípcios aplicaram diferentes meios e modos de expressão para cada idade/era do zodíaco, que eram baseadas na natureza específica inerente de cada era.

A última era do zodíaco na história do Antigo Egito foi a Era de Áries (Carneiro) [2307-148 BCE].



Quando a Era de Áries (Carneiro) chegou, os registros Egípcios revelaram esta nova Era. As figuras com cabeça de carneiro passaram a dominar os edifícios Egípcios. Esfinges com cabeça de carneiro foram alinhados na entrada do Templo de Karnak[ver ilustração acima].

15.7 O CICLO SOTÍACO – A ESTRELA PRINCIPAL

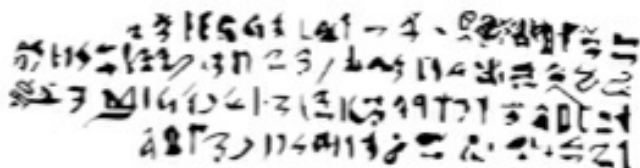
Durante os períodos mais remotos da história dos Antigos Egípcios, Isis era associada com estrela Sirius, a estrela mais brilhante no céu, que era chamada, como ela, de *o Grande Provedor*. O calendário engenhoso e muito preciso do Egito era baseado na observação e no estudo dos movimentos de Sirius no céu. Este fato é claramente reconhecido no dicionário Webster, que define o *ano Sotíaco* como:

- De ter relação com Sirius, a Estrela-Cão
- Designando um ciclo Egípcio Antigo ou período de tempo com base no ano fixo.

O conhecimento avançado dos Egípcios em astronomia, os quais se refletem no seu calendário, foi reconhecido pelo grande Strabo (64 BCE-25 CE), que escreveu:

Eles [os sacerdotes Egípcios] revelaram aos Gregos os segredos do ano cheio (inteiro), a quem estes depois ignoraram, assim como acontece com muitas outras coisas “.

A escrita mostrada aqui é um memorando do Supervisor do templo para Lectorpriest no Templo de Nubkaura em el-Lahun (durante o tempo de Senwosret II, 1897–1878 BCE), notificando-o de que Sirius subiria ao 16° dia do 4° mês, de modo a tomar nota da sua localização exata e do tempo, e inseri-lo nos registros do templo.



Os Antigos Egípcios sabiam que o ano era ligeiramente maior que $365\frac{1}{4}$ de dias. A Terra leva 365,25636 dias para completar sua rotação em torno do sol.

Pode notar-se que a cronologia de 3.000 anos de história Egípcia Antiga, feita pelos Egiptólogos modernos, só foi possível por causa da precisão do calendário Egípcio Antigo do Sotíaco, que se seguiu à elevação helíaca de Sirius – a Estrela Cão, com sua duração anual de 365,25636 dias.

Na prática os Antigos Egípcios usavam um calendário composto por 12 meses, todos iguais com 30 dias. Os ajustes necessários para fazer um ano completo, ou seja, a diferença entre 365,25636 dias e os 360 (30×12) dias, eram feitos como se segue:

1. A diferença de 5,25 dias vinha ao final dos anos Egípcios, através da adição de 5 dias a cada ano e um dia adicional a cada 4 anos. O Ano Egípcio Antigo começa atualmente (em 2016) em 11 de Setembro. Os 5/6 dias extras começam no dia 6 de setembro.
2. A diferença de 0,00636 dia ($365,25636 - 365\frac{1}{4}$ de dias) para cada ano requer a adição de mais um dia a cada ($1/0,00636$) $157\frac{1}{4}$ anos, o que os Egípcios continuaram a fazer até os nossos tempos atuais. Isto é conseguido através da adição de mais um dia a cada 157, 314, 471, e 629 ciclos de anos. O ajuste acima pelos Egípcios pode ser visto claramente nos últimos 2.000 anos quando se compara o calendário Egípcio Antigo com o calendário “Latino” [conforme explicado abaixo].

Os Gregos, os Romanos e outras fontes antigas afirmavam que os Egípcios consideravam Sirius como sendo o grande fogo central, sobre o qual orbita nosso sistema solar. Os movimentos de Sirius estão intimamente associados com outra estrela companheira. Sirius e sua companheira estão girando em torno de seu centro de gravidade comum ou, outras palavras, girando em torno uma da outra. O diâmetro de Sirius é inferior a duas vezes o diâmetro do nosso sol. A sua companheira, no entanto, tem um diâmetro cerca de apenas três vezes o diâmetro da terra, ainda que pese cerca de 250 mil vezes mais do que a terra. Seu material é compactado junto com tanta força, que é cerca de 5.000 vezes mais densa que o chumbo. Tal compressão da matéria significa que os átomos da companheira de Sirius não existem em seus estados normais, mas são espremidos tão estreitamente juntos, que muitos

núcleos atômicos ocupam um mesmo espaço anteriormente ocupado por um único átomo normal, ou seja, os elétrons destes átomos foram expulsos para fora de suas órbitas e movem-se livremente ao seu redor (um estado degenerado). Este é o Nun Egípcio, a sopa de nêutron – a origem de toda matéria e energia no universo.

O movimento do companheiro de Sirius sobre seu próprio eixo, e em torno de Sirius, sustenta toda a criação no espaço, e, como tal, é considerado o ponto de partida da criação.

Voltando ao calendário Egípcio de Sirius, depois que Júlio César visitou o Egito em 48 BCE, ele encomendou ao astrônomo Sosígenes (de Alexandria) para apresentar um calendário para o Império Romano. Isto resultou no calendário Juliano de 365 dias por ano, e 366 dias por ano bissexto. O calendário Romano (Juliano) era literalmente *adaptado para estar apto para um Rei*. O primeiro dia do ano era o dia da coroação do Rei Egípcio no fim do seu jubileu ou rejuvenescimento (renovação) anual [ver *Egyptian Mystics: Seekers of the Way*, pelo mesmo autor, para obter mais informações].

No entanto, o calendário Juliano não levou em conta que o ano é um pouco mais longo que $365\frac{1}{4}$ de dias. A diferença entre 365,25 dias e 365,25636 dias, a partir do momento da aprovação do calendário Juliano até o nosso tempo presente, é de 13 dias. Tal diferença explica a variação 13 dias nas observações anuais de inúmeros festivais Cristãos – entre ortodoxos e igrejas não ortodoxas. A razão é que um grupo seguiu o calendário Egípcio preciso, enquanto o outro grupo seguiu o calendário Juliano impreciso.

Desde a ocupação Islâmica / Árabe do Egito [641 CE], o calendário Egípcio Antigo tornou-se conhecido como o calendário “Copta”, apesar de ter sido desenvolvido milhares de anos antes do Cristianismo. Nos dias modernos, os Egípcios ainda seguem o calendário Egípcio Antigo, para praticamente todos os inúmeros festivais anuais, para a agricultura, clima e outros assuntos (com apenas algumas poucas exceções). É de longe o mais prático e preciso calendário em uso no mundo.

PARTE V : DE MORTAIS À IMORTAIS

CAPÍTULO 16 : A NOSSA VIAGEM TERRENA

16.1 O NOSSO PROPÓSITO NA TERRA

A humanidade está sempre tentando entender sua própria razão de existência, em relação ao universo e onde ele se encontra colocado.

De acordo com Antigos ensinamentos Egípcios, embora toda a criação é espiritual em sua origem, o homem nasceu mortal, mas contém dentro de si a semente divina. Seu propósito nesta vida é nutrir a semente, e sua recompensa, se bem-sucedida, é a vida eterna, onde ele se reunirá com sua origem divina. O objetivo último do homem terreno é desenvolver a sua consciência até a máxima perfeição; isso significa que ele/ela torna-se harmoniosamente sintonizado com a natureza.

O homem vem ao mundo com as faculdades divinas superiores, que são a essência de sua salvação, num estado não desperto. Os ensinamentos Egípcios visavam/visam, portanto, um sistema de práticas que busca despertar as faculdades superiores latentes.

Nossa existência terrena está basicamente num estado de coma, ou seja, num estado de total inconsciência. As pessoas pensam que estão acordadas e conscientes, mas não estão. Precisamos sair do coma. É assim que nossas almas, espíritos e essência da vida são capazes de passar deste mundo para os estados mais evoluídos da criação – para a união divina.

16.2 DO MORTAL AO IMORTAL

Desde o período inicial da história do Egito Antigo, os Egípcios acreditavam que Osíris era de origem divina: em parte divino e em parte humano, que se elevava dos mortos sem ter visto a corrupção. O que Osíris teria efetuado em

si mesmo, ele pode surtir efeito semelhante para o homem.

Como modelo, os Antigos Egípcios acreditavam que o que Osíris fazia, eles poderiam fazer. Porque ele tinha conquistado a morte, o justo também poderia conquistar a morte e alcançar a vida eterna. Eles ressuscitariam e alcançariam a vida eterna.

Osíris representa homem mortal carregando dentro de si a capacidade e o poder da salvação espiritual. Todos os Egípcios esperavam/esperam pela ressurreição em um corpo transformado e pela imortalidade, que só poderia ser realizada através da morte e ressurreição de Osíris dentro de cada pessoa

O Egiptólogo Britânico, Sir E.A. Wallis Budge, resumiu na página vii do seu livro, *Osíris e a Ressurreição Egípcia, Vol. I*, como segue:

“A figura central da antiga religião Egípcia era Osíris, e a crença em sua divindade, morte, ressurreição e controle absoluto dos destinos dos corpos e almas dos homens. O ponto central para cada Egípcio era sua esperança de ressurreição em um corpo transformado e na imortalidade, que só poderia ser realizado por ele através da morte e ressurreição de Osíris “.

A religião Egípcia era uma religião inclusiva onde Osíris vive dentro de cada um de nós, o que facilitou uma verdadeira compreensão de quem somos e a quem devemos nos tornar.

O princípio que faz a vida surgir da morte aparente foi/é chamado de Osíris, que simbolizava o poder da renovação. Osíris representa o processo, o crescimento e os aspectos cíclicos subjacentes do universo.

O tema no *Livro Egípcio das Cavernas* fala sobre a necessidade da morte e da dissolução (do carnal e do material), antes do nascimento do espiritual.

16.3 VÁ À SUA MANEIRA (MA-AT)

Chegamos à existência terrena em vários estágios de desenvolvimento/progressão espiritual.

É preciso viver sua própria vida, e cada um de nós deve seguir o seu próprio caminho, guiado por Ma-at. O conceito de Ma-at permeou todos os escritos Egípcios, desde os primeiros tempos e ao longo da história Egípcia. O conceito pelo qual não só os homens, mas também a própria *neteru* (deuses, deusas) se governaram. Ma-at não é facilmente traduzido ou definido por uma palavra. Basicamente, poderíamos dizer que isso significa que, de direito, poderia ser; O que está de acordo com a própria ordem e harmonia do cosmos, e da *neteru* e dos homens, que fazem parte dele.

Ma-at poderia ser bem comparado com o conceito Oriental de karma e o conceito Ocidental de *senso comum*.

Ma-at, O Caminho, engloba as virtudes, metas e deveres que definem uma interação social e o comportamento pessoal, se não ideal, aceitável. Ma-at é mantido no mundo pelas ações corretas e pela piedade pessoal de seus adeptos.

A sabedoria Egípcia Antiga sempre colocou grande ênfase no cultivo do comportamento ético e do serviço à sociedade. O tema constante nas literaturas da sabedoria Egípcia foi a ‘encenação’ da Verdade – Maa-Kheru – na terra.

Um resumo do conceito Egípcio de justiça pode ser encontrado no que é popularmente conhecido como as Confissões Negativas [como discutido mais adiante no próximo capítulo]. Uma imagem mais detalhada de um homem justo e a sua esperada conduta, e as ideias de responsabilidade e retribuição, podem ser obtidas das paredes das capelas nos túmulos, e em várias composições literárias que são normalmente denominadas como textos de sabedoria de instruções sistemáticas, compostos de máximas e preceitos. Entre eles estão os 30 capítulos do Ensino do Amenemope (Amenhotep III), o qual contém muitos textos de sabedoria que foram posteriormente adotados no Livro de Provérbios do Antigo Testamento.

Numerosos paralelos verbais ocorrem entre este texto Egípcio e a Bíblia, como as linhas iniciais do primeiro capítulo:

Dê seus ouvidos, ouça as palavras que são ditas, dê sua mente para interpretá-las. É proveitoso colocá-las em seu coração.

Haviam outros textos de sabedoria prática de instruções sistemáticas, compostos de máximas e preceitos que enfatizavam o Fazer e o Não Fazer. Aprende-se tanto por negar (abster-se) de vícios, como afirmar (cultivar) as virtudes.

Os ensinamentos Egípcios enfatizam que o indivíduo deve ser um participante ativo da sociedade, e aplicar aquilo que aprende servindo aos outros. O desempenho individual na sociedade é o verdadeiro teste do seu sucesso.

Todos os indivíduos devem ter um trabalho produtivo para sustentar a si mesmo e seus dependentes. Não há aposentadoria do mundo, isto é, nem monges ou eremitas. O modelo Egípcio enfatiza um equilíbrio entre viver no mundo e buscar por experiências espirituais.

[Para informações mais detalhadas, leia *Egyptian Mystics: Seekers of The Way* pelo mesmo autor.]

16.4 A PRÁTICA FAZ A PERFEIÇÃO

Os textos transformacionais (funerários) Egípcios Antigos são permeados de pureza como sendo um pré-requisito para avançar os reinos/céus superiores. O modelo Egípcio de misticismo enfatiza que a pureza só pode ser alcançada purificando o coração e praticando a intenção pura na vida ordinária diária.

O comportamento moral, por exemplo, não vem de meramente aprender certos valores, mas é adquirido tanto pela mente como adquirido pela experiência. A purificação interior deve ser completada praticando um bom comportamento social na vida cotidiana. Toda ação se expressa no coração.

O ser interior de uma pessoa é realmente o reflexo de seus atos e ações. Fazendo boas ações, assim se estabelece boas qualidades internas; as virtudes são impregnadas no coração, que por sua vez, governam as ações dos membros. Como cada ato, pensamento e ação gera uma imagem no coração, ele torna-se dessa forma um atributo da pessoa. Esta maturação da alma através dos atributos adquiridos leva a visões místicas progressivas, e a unificação final com o Divino.

A sabedoria Egípcia Antiga sempre colocou grande ênfase no cultivo do comportamento ético e do serviço à sociedade.

A progressão ao longo do Caminho espiritual é adquirida através do esforço, e é uma questão da ação e da disciplina conscientes. Cada consciência nova/elevada é equivalente a um novo despertar. Os níveis de consciência são referidos como a morte – renascimento. Tal pensamento tem permeado o Egito Antigo (e nos dias de hoje), onde o nascimento e o renascimento são temas constantes. A palavra morte é empregada num sentido figurado. O tema de que o homem deve “morrer antes de morrer”, ou que ele deve “nascer de novo” em sua vida presente é tomado simbolicamente, ou é comemorado por um ritual. Nesse sentido, o candidato deve passar por determinadas experiências específicas (tecnicamente denominadas “mortes”). Um bom exemplo é o batismo, que era o principal objetivo na Páscoa, depois da Quaresma – representando a morte do velho ‘eu’ pela imersão na água, e o surgimento do ‘eu’ novo/renovado saindo da água.

16.5 O BENEFÍCIO DA ALQUIMIA AVANÇADA – META DE OURO – SUFISMO

Alguns dos Egípcios Baladi dedicam-se a uma maior iluminação espiritual. Esses místicos do Egito são chamados de “Sufis” pelos demais. Assim como seus ancestrais, os místicos Egípcios atuais não gostam de receber qualquer nome inclusivo que possa forçá-los a uma conformidade doutrinária. No misticismo Egípcio (assim como no Sufismo) a palavra chave principal é a união – a identificação do Deus e do homem.

Um Buscador do Caminho é alguém que acredita que é possível ter experiência direta de Deus e que busca tal Caminho. O modelo Egípcio de misticismo é uma expressão natural da religião pessoal, em relação à expressão da religião como um assunto comum. Trata-se de uma afirmação do direito de uma pessoa em procurar contato com a fonte do ser e da realidade, ao contrário da religião institucionalizada, que se baseia na autoridade, uma relação Mestre-escravo unidirecional, com ênfase na observância ritual e moralidade legalista.

O misticismo Egípcio, agora conhecido como “sufismo”, é (agora) um nome sem realidade. Houve um tempo que era uma realidade sem um nome. Nós só

usamos o termo místicos ou Sufis aqui, para identificá-los aos leitores.

O modelo Egípcio de misticismo não é sobre o mundo exterior, ou uma comunidade de crentes, ou dogmas, escrituras, regras ou rituais. Não é simplesmente crer que Deus é este, ou Deus é isso ou aquilo. Não é simplesmente pedir a alguém para “acreditar”, e este está automaticamente nas graças de Deus. O modelo Egípcio de misticismo consiste em ideias e práticas que fornecem as ferramentas para que qualquer buscador espiritual possa progredir ao longo de cada Caminho alquímico, em direção à “união com o Divino”

Os membros de uma irmandade estão em vários estágios de desenvolvimento/progressão. Aqueles membros que estão mais avançados agem como guias/treinadores para outros. Não há uma linha clara de distinção entre o clero e os leigos, como há na Cristandade. Cada membro está aprendendo e, ao mesmo tempo, está transmitindo seus conhecimentos a um novo membro.

16.6 A META DE OURO – A ALQUIMIA

Alquimia significa o método/poder/processo de transmutação de uma coisa em algo melhor – simbolicamente como o chumbo em ouro.

O ouro na verdadeira alquimia é uma metáfora para a realização espiritual final; O alquimista genuíno não estava praticando uma forma equivocada de química, como os cientistas modernos gostam de acreditar; Ele estava envolvido em uma busca espiritual para transformar a matéria grosseira (chumbo) em um veículo para o espírito (ouro).

Esta tradição alquimista/Sufi – de transformar a matéria em ouro, é de origem Egípcia Antiga, como é refletido em sua linguagem da seguinte forma:

– A matéria caótica na língua Egípcia é chamada **Ben**, a qual possui vários significados relacionados: *a pedra primordial, a montanha da criação, o primeiro estado da matéria, oposição/negação, não é, não há, multiplicidade.*

– A imagem espelhada de **Ben** é **Neb** (Ben soletrado ao contrário), que

também tem vários significados relacionados: *ouro* (tradicionalmente o produto final aperfeiçoado – o objetivo do alquimista), *senhor, mestre, tudo, afirmação, puro*.

Thoth, o Antigo neter Egípcio (deus), é reconhecido por todos os primeiros (e mais tarde) escritores Sufis como o antigo modelo de alquimia, misticismo e de todos os assuntos relacionados. O tão conhecido escritor Sufi, Idries Shah, admite o papel do Egito por meio de Thoth e Dhu'I-Nun, no Sufismo e na alquimia como segue:

” . . . a tradição alquímica veio diretamente do Egito dos escritos de Thoth

. . . De acordo com a tradição Sufi, a tradição foi transmitida através de Dhu'i-Nun, o Egípcio, o Rei ou o Senhor dos Peixes, um dos mais famosos professores Sufis clássicos. [Os Sufis, 1964]

O nome de Thoth aparece entre os antigos senhores do que agora é chamado de *O Caminho dos Sufis*. Em outras palavras, tanto os Sufis quanto os alquimistas reconhecem Thoth como o fundamento de seu conhecimento.

Idries Shah também faz uma referência direta ao historiador Espanhol-Árabe, Said de Toledo (morto em 1069), é quem fornece esta tradição do Thoth Egípcio Antigo:

“Os sábios afirmam que todas as ciências antediluvianas se originam com o Egípcio Hermes [Thoth], no Alto Egito (chamado de Khmunu (Hermopolis)). Os Judeus chamam-lhe Enoque e os Muçulmanos de Idris. Ele foi o primeiro que falou sobre o material do mundo superior e dos movimentos planetários. . . Medicina e poesia eram suas funções. . . [assim como] as ciências, incluindo a alquimia e a magia. [Cf. Asin Palacios, Ibn Masarra, p. 13] Masarra significa Egípcio

O misticismo Egípcio abrange basicamente dois tipos de experiência espiritual.

1. Uma busca pelo autodesenvolvimento espiritual sob a forma de autocontrole ético, e de insights religiosos pessoal mundano. O aspirante que é capaz de purificar-se, está pronto agora para a segunda busca.

2. A busca para encontrar Deus no mundo manifestado, bem como encontrar o mundo manifestado em Deus. Isto é conseguido através da obtenção de conhecimento, usando tanto o intelecto e a intuição, a fim de transcender as limitações dos nossos sentidos humanos.

[Informações mais detalhadas sobre este assunto em *Egyptian Mystics: Seekers of The Way* pelo mesmo autor.]

CAPÍTULO 17 : SUBINDO A ESCADA CELESTIAL – A VIDA APÓS A TERRA

17.1 A TRANSMIGRAÇÃO DA ALMA

A preocupação dos Egípcios – quase obsessão – pelas ideias de nascimento e renascimento era o elemento fundamental de suas crenças funerárias: o renascimento era um dos estágios da existência no pós vida. Textos Egípcios declaram claramente que *“a alma está no céu, o corpo na terra”* [Túmulo de Pepi I], isto é, eles nunca esperavam que o corpo físico nascesse novamente.

A primeira referência conhecida de um “segundo nascimento” ocorre no CLXXXIIº Capítulo *do Livro da Revelação pela Luz*, onde Osíris é tratado como,

... ele [Osíris] que dá à luz homens e mulheres pela segunda vez.

“Os Egípcios”, segundo Heródoto, *“foram os primeiros a sustentar que a alma do homem é imortal”*. A doutrina da transmigração também é mencionada por Plutarco, Platão e outros escritores antigos como uma crença geral entre os Egípcios, e foi adotada por Pitágoras e seu preceptor Pherecydes, bem como outros filósofos da Grécia.

17.2 AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO

Num livro de instruções, um Rei Egípcio aconselhou seu filho, o príncipe, a atingir as mais altas qualidades, porque após sua morte, ele veria toda a sua vida em um único instante, e seu desempenho na Terra seria revisto e avaliado pelos juízes. Mesmo desde o período da 6ª Dinastia, encontramos a ideia de que o céu estava reservado para aqueles que haviam cumprido seu dever para com o homem e para com os Poderes Divinos enquanto

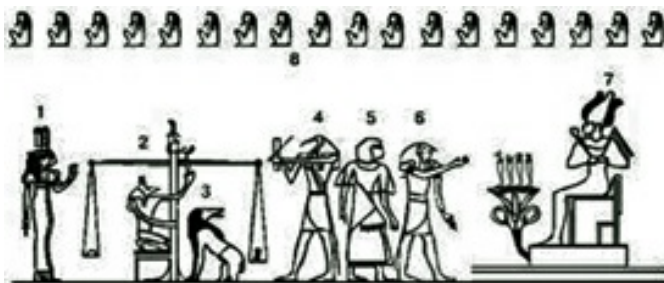
estivessem na Terra. Nenhuma exceção era feita ao Rei ou a qualquer outra pessoa.

Por exemplo, o Faraó Unas (2323 BCE), antes de estar pronto para voar da terra para o céu, não lhe foi permitido dar início, a menos que os neteru (que estavam prestes a ajudá-lo) estivessem satisfeitos quanto à realidade de seu valor moral. Eles exigiam que nenhum homem tivesse pronunciado uma palavra contra ele na terra, e que nenhuma queixa deveria ter sido feita contra ele no céu antes da neteru (deuses). Assim, no texto de Unas lemos:

***Nada foi falado contra Unas na terra antes dos homens,
Ele não foi acusado de pecado no céu antes da neteru*** (deuses, deusas).

Como afirmado anteriormente, os Antigos Egípcios expressavam suas crenças metafísicas em uma forma de história, como um drama sagrado ou um jogo de mistérios. A seguir estão as representações simbólicas dos Egípcios do processo do Jogo do Mistério do Dia do Juízo Final.

1. A alma do falecido é conduzida ao Salão do Julgamento do Duplo-Ma-at. Ela é dupla porque a escala equilibra apenas quando há uma igualdade de forças opostas. O símbolo de Ma-at é a pena de avestruz, representando o juízo ou a verdade. Sua pena está habitualmente colocada na balança.
2. Anubis, como abridor do caminho, guia o falecido para a balança e pesa o coração.



- | | |
|--------------------|---------------------------|
| 1 - Ma-at | 5 - O Falecido |
| 2 - Anbu (Anubis) | 6 - Heru (Horus) |
| 3 - Amam (Ammit) | 7 - Ausar (Osiris) |
| 4 - Tehuti (Thoth) | 8 - 42 Juizes/Avaliadores |

O coração, como uma metáfora para a consciência, é pesado contra a pena da verdade, para determinar o destino do falecido.

3. O Osíris assentado – preside no Salão da Justiça. O júri consiste de 42 juízes/avaliadores. Cada juiz tem uma jurisdição específica sobre um pecado ou culpa específica; cada um usa uma pena da verdade em sua cabeça.

4. O espírito do falecido nega cometer cada pecado/culpa diante do juiz designado, recitando as 42 Confissões Negativas. Estas Confissões Negativas vêm do Capítulo CXXV de *O Livro da Revelação pela Luz* (vulgarmente conhecido como *O Livro dos Mortos*).

O júri/juiz designado declarará sua aceitação declarando ***Maa-Kheru*** (Verdadeiro de Voz/Ação).

Aqui está uma tradução das 42 Confissões Negativas. Algumas delas podem parecer repetitivas, mas isso é causado pela incapacidade de traduzir a intenção exata e o significado da língua original.

- 1. Eu não tenho feito iniquidade.***
- 2. Eu não roubei com violência.***
- 3. Eu não roubei.***
- 4. Eu não cometi nenhum assassinato; Eu não fiz nenhum mal.***
- 5. Eu não defraudei ofertas.***
- 6. Eu não tenho obrigações diminuídas.***
- 7. Eu não saqueei a neteru.***
- 8. Eu não falei mentiras.***
- 9. Eu não proferi palavras malignas.***
- 10. Eu não causei dor.***
- 11. Eu não cometi fornicação.***
- 12. Eu não causei derramamento de lágrimas.***
- 13. Eu não lidei enganosamente.***
- 14. Eu não tenho transgredido.***
- 15. Eu não agi com astúcia.***
- 16. Eu não pus resíduos na terra lavrada.***
- 17. Eu não tenho sido um intruso.***
- 18. Eu não pus os meus lábios em movimento (contra qualquer***

homem).

19. Eu não fiquei com raiva ou irado, exceto por uma causa justa.

20. Eu não contaminei a esposa de qualquer homem.

21. Eu não tenho sido um homem de raiva.

22. Eu não me tenho poluído.

23. Eu não causei terror.

24. Eu não queimei de raiva.

25. Eu não parei meus ouvidos contra as palavras do Direito e da Verdade. (Ma-at).

26. Eu não trabalhei com tristeza.

27. Eu não agi com insolência.

28. Eu não provoquei conflitos.

29. Eu não julguei apressadamente.

30. Eu não busquei por distinções.

31. Eu não multipliquei palavras excessivamente.

32. Eu não fiz danos, nem mal.

33. Eu não amaldiçoei o Rei. (ou seja, violação das leis)

34. Eu não sujei a água.

35. Eu não falei com desprezo.

36. Eu nunca amaldiçoei a neteru.

37. Eu não roubei.

38. Eu não defraudei as ofertas da neteru.

39. Eu não saqueei as ofertas dos mortos abençoados.

40. Eu não roubei a comida de crianças.

41. Eu não pequei contra o neter de minha cidade natal.

42. Eu não abati com más intenções o rebanho do neter.

5. Toth, escriba da neteru (deuses, deusas), registra o veredito, assim como Anubis pesa o coração contra a pena da verdade. O resultado é:

a. Se as placas não se equilibrarem, isso significa que essa pessoa viveu simplesmente como matéria. Como resultado, Amam (Ammit) comerá esse coração. Amam é um mestiço multiforme.

A alma imperfeita renascerá novamente (reencarnado) em um novo veículo físico (corpo), a fim de proporcionar a alma uma oportunidade para o seu maior desenvolvimento na terra. Este ciclo de

vida/morte/renovação continua até que a alma seja aperfeiçoada, cumprindo as 42 Confissões Negativas, durante a sua vida na terra.

b. Se as duas painéis estiverem perfeitamente equilibradas, Osíris pronuncia-se favorável e dá seu final *Maa-Kheru* (O Verdadeiro de Voz).

A alma aperfeiçoada passará pelo processo de transformação e pelo subsequente renascimento. O resultado de sua avaliação determinará qual nível celestial (2-6) uma pessoa atinge.

17.3 OS TEXTOS TRANSFORMACIONAIS

O objeto de um e de todos os textos de transformação (funerários) Egípcios Antigos era o mesmo, a saber, obter a ressurreição e a imortalidade das pessoas em cujo nome elas foram escritas e recitadas. Os textos que acompanham o falecido variavam em conteúdo e estilo. Nenhum texto transformacional (“funerário”) de duas pessoas nunca era o mesmo. Estes textos eram adaptados para corresponder ao caminho de cada indivíduo. Encontramos a mesma individualidade dos textos nos chamados papiros “mágicos”. Os textos Egípcios descreveram em detalhes os estágios do processo de transformação da existência terrestre do homem para os diferentes reinos metafísicos.

Todos esses temas são tratados com uma profusão de detalhes no *Livro da Revelação pela Luz* (Per-em-hru), erroneamente traduzido e comumente conhecido como *O Livro Egípcio dos Mortos*. Consiste em mais de cem capítulos de comprimentos variados, que estão intimamente relacionados com os Textos Transformacionais (Funerários) de Unas em Saqqara. Este livro pode ser encontrado, em sua forma completa, somente nos rolos do papiro que foram envolvidos nos enfeites da múmia do falecido que foi enterrado com ele.

Outros escritos transformacionais (chamados funerários e religiosos) também estão intimamente relacionados com os Textos Transformacionais Funerários de Unas (Pirâmide) acima mencionados. Cada texto/escrita explora o mesmo tema base, vida/morte/renascimento, ou seja, a transformação da alma na

região do Duat após a morte, por diferentes ângulos. Uma vez que não há duas pessoas iguais, não há dois textos transformacionais iguais. Estas composições são conhecidas como: *O livro o Qual Está Em Duat* (ou Submundo), *O Livro dos Portões*, *O Livro das Cavernas*, *A Ladainha de Rá*, *O Livro de Aker*, *O Livro do Dia*, e *O Livro da Noite*.

17.4 A ENTRADA PARA O NOVO REINO

Como resultado da avaliação de desempenho, os espíritos partem para vários domínios – dependendo de cada nível de realização durante a sua existência terrena.

Os textos transformacionais põem em marcha o processo pelo qual a nova alma progride de um reino para outro. Ela/ele deve cumprir outros requisitos e ser aceito antes de prosseguir ainda mais. Para serem admitidos em um novo reino, os moradores de cada reino devem encontrar um recém-chegado qualificado e digno de se juntar a eles, ou passar por aquele reino. Os direitos dos inquilinos no mundo espiritual são os mesmos do reino terrestre. [Ver detalhes em um capítulo anterior deste livro.]

O recém-chegado precisa tanto da aceitação quanto de assistência de cada habitante do reino à medida que ele/ela sobe cada vez mais alto. Assim, no túmulo de Unas (em fragmentos da pirâmide) em Saqqara, encontramos que os habitantes dos reinos mais elevados – O Povo da Luz – encontraram Unas (~ 2323 BCE) como sendo um ser digno, e assim estão aceitando e ajudando-o a ascender e a viver entre eles:

Enunciado 336

***O Povo Da Luz testemunhou por ele;
as chuvas de granizo do céu tomaram conta dele.
Eles deixam Unas ascender ao Re.***

Enunciado 377

***Seu cheiro chega até Unas, a vós neteru (deuses, deusas),
o cheiro de Unas chega até você, a vós neteru.
Possa Unas estar convosco, a vós neteru,***

*possa você estar junto com Unas, a vós neteru.
Possa Unas viver contigo, a vós neteru,
possa você viver junto com Unas, a vós neteru.*

17.5 A GLÓRIA

Nos textos Egípcios Antigos, a alma realizada alcança a glória e junta-se a Origem Divina.

Depois de uma longa série de viagens de aventuras, a alma ressuscitada, justificada e regenerada, vai alcançar um lugar na comitiva da neteru (deuses, deusas) — as forças cósmicas — e eventualmente, tomar parte na ronda incessante da atividade que permite a existência continua do universo. A escrita Egípcia a descreve,

Torna-se uma estrela de ouro e se junta à companhia de Re, e navega com ele pelo céu em seu barco de milhões de anos.

GLOSSÁRIO

Amuleto – um encanto ou ornamento contendo poderes especiais ou representação simbólica.

Animismo – O conceito de que todas as coisas no universo são animadas (energizadas) pelas forças da vida. Isto concorre, cientificamente, com a teoria cinética, onde a cada minuto partículas de qualquer matéria está em movimento constante, isto é, energizadas com as forças de vida.

Baladi – a maioria silenciosa atual dos Egípcios que aderem às tradições Egípcias Antigas, com uma fina camada exterior do Islã. A população Cristã do Egito é uma minoria étnica que vieram como refugiados, da Judéia e da Síria no período Ptolomaico / Romano – governado por Alexandria. 2.000 anos mais tarde, eles são facilmente distinguíveis da maioria dos Egípcios nativos em olhares e maneirismos.

BCE – Antes da Era Comum (de Before Common Era em Inglês). Também se observa em outras referências como BC.

Livro da Revelação Pela Luz (Per-em-hru) – consiste em mais de cem capítulos de comprimentos variados, que estão intimamente relacionados com os Textos Transformacionais/ Funerários de Unas (também chamado de Pirâmide) em Sakkara. Este livro pode ser encontrado, em sua forma completa, somente nos rolos do papiro que foram envolvidos nos enfeites da múmia do falecido que foi enterrado com ele.

Livro dos Mortos – veja em *O Livro da Revelação Pela Luz*.

CE – Era Comum (de Common Era em Inglês). Também se observa em outras referências como AD.

Cosmologia – O estudo da origem, criação, estrutura e operação ordenada do

universo como um todo, e de suas partes relacionadas.

Duat/Tuat – O Submundo, onde a alma passa por uma transformação que leva à ressurreição.

Heb-Sed – Antigo festival Egípcio associado com o rejuvenescimento dos poderes espirituais e físicos do Faraó.

Matriarcado – Uma sociedade/estado/organização, cuja descendência, herança e governança são traçadas através das fêmeas. É a mulher que transmite os direitos políticos, e o marido que ela escolhe, então, age como seu agente executivo.

Matrilinear – Uma sociedade cuja descendência, herança e governança se baseiam na descendência através da linha materna.

mouled – A celebração anual do “aniversário” de um Wali (santo popular) no Egito e nos Baladi Antigos.

netter/netert – Um princípio divino/função/atributo do Grande Deus Uno. (Incorretamente traduzido como deus/deusa).

Papiro – pode significar: 1). Uma planta que é usada para fazer uma superfície de escrita. 2) Papel, como um meio de escrita. 3) O texto escrito sobre ele, como “O Papiro de Leiden”.

Textos da Pirâmide – uma coleção de literatura (funerária) transformacional que foi encontrada nos túmulos da 5ª e 6ª Dinastias (2465-2150 BCE).

Escaravelho -amuleto sob a forma de um besouro preto, símbolo de transformação. Veja também Khepri.

stele – (plural: stelae) – laje ou coluna de pedra ou de madeira inscrita com textos comemorativos.

Tet – um pilar simbólico, representando a espinha dorsal de Ausar (Osíris), o suporte da criação. Ele representa o canal através do qual o espírito divino pode elevar-se através da matéria para reunir-se à sua fonte.

ushabti – uma estatueta pequena, geralmente de barro, enterrada com a múmia.

Wali – Uma pessoa, tipo-santa, que os Baladi e Antigos Egípcios respeitam, visitam e pedem favores. Ao contrário dos santos cristãos, os Wali são escolhidos pelas pessoas comuns, com base no seu desempenho. Uma vez que as pessoas podem ver que essa pessoa realmente tem a capacidade de influenciar forças sobrenaturais, a fim de ajudar aqueles na terra, e como resultado cumpre seus desejos, então ele ou ela é considerado um Wali.

BIBLIOGRAFIA

Assmann, J. *Ägyptische Hymnen Und Gebete* (Papiro de Leiden p. 312-321). Zürich/München, 1975.

Breasted, James Henry. *Ancient Records of Egypt*, 3 Vols. Chicago, USA, 1927.

Budge, E.A. Wallis. *Amulets and Superstitions*. New York, 1978.

Budge, E.A. Wallis. *Egyptian Religion: Egyptian Ideas of the Future Life*. London, 1975.

Budge, E.A. Wallis. *From Fetish to God in Ancient Egypt*. London, 1934.

Budge, E.A. Wallis. *The Gods of the Egyptians*, 2 volumes. New York, 1969.

Budge, Wallis. *Osiris & The Egyptian Resurrection* (2 volumes). New York, 1973.

Clement Stromata Livro V, capítulo IV [www.piney.com/Clement-Stromata-Five.html]

Diodoro da Sicília. *Livros I, II, & IV*, tr. Por C.H. Oldfather. London, 1964

Livro Egípcio dos Mortos (O Livro da Revelação Pela Luz), O Papiro de Ani. USA, 1991.

Erman, Adolf. *Life in Ancient Egypt*. New York, 1971.

Farouk Ahmed Moustafa. *The Moulds: A Study in the Popular Customs and Traditions in Egypt*. Alexandria, 1981 [Texto Árabe].

Gadalla, Moustafa:

- *A Antiga Cultura Egípcia Revelada*- USA, 2007.
- *A Cosmologia Egípcia: O Universo Animado – 2ª edição*. USA, 2001.
- *Egyptian Divinities: The All Who Are THE ONE*. USA, 2001.
- *Egyptian Harmony: The Visual Music*. USA, 2000.
- *Egyptian Mystics: Seekers of the Way*. USA, 2003.
- *O Egito Antigo e as Raízes do Cristianismo*. USA, 2007.
- *Egyptian Rhythm: The Heavenly Melodies*. USA, 2002.
- *Egyptian Romany: The Essence of Hispania*. USA, 2004.
- *Historical Deception: The Untold Story of Ancient Egypt*. USA, 1999.

Gilsenan, Michael. *Saint and Sufi in Modern Egypt*. Oxford, 1973.

Horapollo. *The Hieroglyphics of Horapollo*. Tr. Por George Boas, New York, 1950.

Herodotus. *The Histories*, tr. A. de Selincourt. New York e Harmondsworth, 1954.

James, T.G.H. *An Introduction to Ancient Egypt*. London, 1979.

Kastor, Joseph. *Wings of the Falcon, Life and Thought of Ancient Egypt*. USA, 1968.

Kepler, Johannes. *The Harmony of the World*. Tr. por E. J. Aiton. USA, 1997.

Khaldûn, Ibn. *The Muqaddimah: An Introduction to History*, tr. Do Árabe por Franz Rosenthal, abreviado e editado por N.J. Dawood. Princeton, 1969.

Lambelet, Edouard. *Gods and Goddesses in Ancient Egypt*. Cairo, 1986.

Lane, E.W. *The Manners and Customs of the Modern Egyptians*. London, 1836.

Parkinson, R.B. *Voices From Ancient Egypt, An Anthology of Middle Kingdom Writings*. London, 1991.

Peet, T. Eric. *The Rhind Mathematical Papyrus*. London, 1923.

Piankoff, Alexandre. *The Litany of Re (A Ladainha de Re)*. New York, 1964.

Piankoff, Alexandre. *Mythological Papyri*. New York, 1957.

Piankoff, Alexandre. *The Pyramid of Unas Texts*. Princeton, NJ, USA, 1968.

Piankoff, Alexandre. *The Shrines of Tut-Ankh-Amon Texts*. New York, 1955.

Piankoff, Alexandre. *The Tomb of Ramesses VI*. New York, 1954.

Platão. *Os Diálogos Coletados de Platão incluindo as Cartas*. Editado por E. Hamilton & H. Cairns. New York, 1961.

Plotinus. *The Enneads*, nos 6 volumes, Tr. Por A.H. Armstrong. London, 1978.

Plotinus. *The Enneads*, Tr. Por Stephen MacKenna. London, 1991.

Plutarco. *De Iside Et Osiride*. Tr. Por J. Gwyn Griffiths. Wales, U.K., 1970.

Plutarco. *Moralia de Plutarco, Volume V*. Tr. por Frank Cole Babbitt. London, 1927.

Siculus, Diodorus. *Vol I*. Tr. por C.H. Oldfather. London.

Silverman, David and Torode, Brian. *The Material Word: Some Theories of Language and its Limits*. London, 1980.

West, John A. *The Travelers Key to Ancient Egypt*. New York, 1989.

Wilkinson, Richard H. *Reading Egyptian Art*. New York, 1994.

Wilkinson, Sir J. Gardner. *The Ancient Egyptians, Their Life and Customs*. London, 1988.

———. *Wings of the Falcon, Life and Thought of Ancient Egypt*, Tr. Joseph Kaster. USA, 1968.

Numerosas referências escritas em Árabe.

Várias fontes da Internet.

FONTES

Referências a fontes na seção anterior, Bibliografia são referenciadas apenas para os fatos, eventos e datas – não para interpretações de suas informações.

A ausência de várias referências na Bibliografia não significa que o autor não esteja familiarizado com elas. Isso só significa que, apesar de sua “popularidade”, elas não foram encontradas para ser fontes credíveis.

Deve-se notar que, se é feita uma referência a um dos livros do autor Moustafa Gadalla, que cada um de seus livros contém apêndices de sua extensa bibliografia, bem como fontes e notas detalhadas

Capítulo 1: Os Mais Religiosos

A Consciência Cósmica dos Egípcios – Todas as referências, mesmo se a maioria das referências a chamem de “superstição”, ainda continua a significar consciência cósmica.

A Unidade da Multiplicidade do Universo – Budge (todos), West, Piankoff (Re), Kaster. Gadalla (Cosmology 2a ed., Divinities)

Amen-Renef: O Indefinido – Budge (todos), West, Piankoff (todos), Kaster. Gadalla (Cosmology 2a ed., Divinities)

Capítulo 2: As Energias de Animação do Universo

Praticamente todas as referências, Budge (todos), West, Piankoff (todos), Kaster, Plutarco, Gadalla (Cosmology 2a ed., Divinities & Romany), Gadalla (sendo um Egípcio nativo), numerosos livros em Árabe.

Silverman, (Ibn) Khadun, West, Gadalla (Cosmology 2nd ed., Divinities, Rhythm & Harmony), Plutarco, Piankoff (Re), Horapollo, Budge.

Capítulo 3: As Contas do Processo da Creação Egípcio

Praticamente todas as referências, Assmann. Budge (todos), West, Piankoff (Re), Kaster, Gadalla (Cosmology 2a ed., Divinities & Romany)

Capítulo 4: A Numerologia do Processo da Creação

Assmann, Plutarch, Plotinus, West, Gadalla (Cosmology 2nd ed. & Harmony)

Capítulo 5: A Natureza Dualista

Piankoff (todas as referencias), Budge, West, Kaster. Plotinus, Lambelet, Gadalla (Egyptian Cosmology 2a ed., Harmony, Christianity, Mystics). O Livro da Revelação pela Luz, O Papiro de Ani, Gadalla (sendo um nativo Egípcio) e numerosos livros em Árabe.

Capítulo 6: O Três – A Trindade Unificada

Assmann, Piankoff (todas as referências), Plutarco, Diodorus, Budge, West, Kaster, Gadalla (Egyptian Cosmology 2nd ed., Harmony, Christianity, Mystics), Livro da Revelação Pela Luz, Papiro de Ani.

Capítulo 7: A Estabilidade do Quatro

Praticamente todas as referências. Gadalla (Egyptian Cosmology 2a ed., Mystics).

Os Quatro Elementos – Plutarco.

Papiro de Leiden – Assmann.

Tet Pillar – Budge.

Capítulo 8: A Quinta Estrela

Plutarco, Assmann, Budge, Gadalla (Egyptian Cosmology 2nd ed., Egyptian Harmony).

Capítulo 9: O Seis Cúbico

Gadalla (Egyptian Cosmology 2nd ed., Harmony, Mystics), West.

Capítulo 10: O Sete Cíclico

Budge, Piankoff (todas as referencias), Gadalla (Egyptian Cosmology 2nd ed., Divinities).

Capítulo 11: O Oito — A Oitava

Assmann, Parkinson (Textos do Caixão), Gadalla (Egyptian Cosmology 2nd ed., Divinities), Kaster, Erman

Capítulo 12: As Nove Vidas

Budge, Assmann, Kaster, Piankoff, Gadalla (Egyptian Cosmology 2nd ed., Divinities), Livro da Revelação Pela Luz, Papiro de Ani.

Capítulo 13: O Dez — o Novo Um

Budge, Assmann, Kaster, Piankoff, Gadalla (Egyptian Cosmology 2nd ed., Divinities).

Capítulo 14: O Ser Humano — A Réplica Universal

Budge, Painkoff (Re, Unas), Papyrus of Ani, Kaster, Wilkinson, R. H., Gadalla (Egyptian Cosmology, 2nd ed., Harmony), West

Capítulo 15: A Consciência Astronômica

Clement, Gadalla (Cosmology, 2nd ed., Rhythm, Mystics), Budge, West, Wilkinson, Kepler, Parkinson [re: o registo astronômico da Estrela Sabt (Sirius)], Gadalla sendo um Egípcio nativo.

Capítulo 16: A Nossa Viagem Terrena

Kaster, Gadalla (Christianity, Cosmology, 2nd ed., Mystics), Budge, Piankoff, praticamente todas as referências.

Capítulo 17: Subindo a Escada Celestial — A Vida após a Terra

Herodotus, Budge, Livro da Revelação Pela Luz, Papiro de Ani, Piankoff

(Unas, Mythological Papyri), Gadalla (Cosmology 2a ed., Mystics, Christianity), West, praticamente todas as referências.

PUBLICAÇÕES DA F.P.T.(FUNDAÇÃO DE PESQUISA TEHUTI)

A Fundação de Pesquisa Tehuti (F.P.T.) é uma organização internacional sem fins lucrativos, dedicada aos estudos Egípcios Antigos. Nossos livros são envolventes, factuais, bem pesquisados, práticos, interessantes e atraentes para o público em geral. Visite a nossa Página Web em:

<https://www.egypt-tehuti.org>

Endereço de E-mail: info@egypt-tehuti.org

As publicações listadas abaixo são de autoria do presidente da F.P.T., Moustafa Gadalla.

As publicações são divididas em quatro categorias:

[I] Publicações traduzidas atualmente para o idioma Português

{II} Publicações traduzidas atualmente para outros Idiomas que não é o Inglês [Francês, Alemão, Italiano, Japonês, Russo E Espanhol]

[III] Publicações atualmente no Idioma Inglês

[IV] Edições anteriores disponíveis no Idioma Inglês

[I] Publicações traduzidas atualmente no Idioma Português – disponível em Formato e-book.

Por favor, note que as edições impressas de todos os livros listados

abaixo podem ser encontradas em www.amazon.com

- **A Cultura do Antigo Egito Revelada, Segunda Edição**
- Esta nova edição ampliada revela vários aspectos da cultura egípcia antiga, tais como suas antiguidades, particularidades, crenças e práticas religiosas; seu sistema social/político; seus templos cósmicos; a riqueza de sua língua; sua herança musical e ciências abrangentes; sua medicina avançada; sua economia vibrante; excelentes produtos agrícolas e manufaturados; seu sistema de transporte; e muito mais.

- **Isis O Divino Feminino**
- Esta edição traduzida na língua Portuguesa explica o princípio divino feminino como a fonte da criação, tanto metafisicamente quanto fisicamente; a relação (e unicidade) dos princípios feminino e masculino; esclarece sobre cerca de vinte divindades femininas como sendo as manifestações dos atributos femininos; o papel ideológico de Isis em todo o mundo; e muito mais. Este livro irá preencher a mente com informações compreensivas, bem como o coração – com uma ampla gama de emoções.

- **A Origem Intocada do Egito – A importância do Antigo Egito**
- Esta edição traduzida para o idioma Português se destina a fornecer uma breve descrição concisa de alguns aspectos da antiga civilização Egípcia, que hoje em dia podem servir-nos bem em nossa vida diária, não importa onde estivermos neste mundo. O livro abrange questões como a auto capacitação, aperfeiçoamentos para apresentar as questões políticas, sociais, econômicas e ambientais, ao reconhecimento e implementações dos princípios harmônicos em nossas obras e ações, etc.

- **A Cosmologia Egípcia: O Universo Animado, Terceira Edição**
- Esta edição traduzida para a língua portuguesa examina a aplicabilidade dos conceitos cosmológicos Egípcios para a nossa compreensão moderna da natureza do universo, criação, ciência e filosofia. A cosmologia

Egípcia é humanista, coerente, abrangente, consistente e lógica, analítica e racional. Descubra o conceito Egípcio da matriz energética universal e as contagens do processo da criação. Leia sobre numerologia, dualidades, trindades, etc.; como o ser humano está relacionado com o universo; a consciência astronômica Egípcio; a viagem terrestre; subindo a escada celestial para se reunir com a Fonte; etc.

- **O Antigo Egito — As Raízes do Cristianismo**

- Esta edição traduzida para a língua portuguesa revela as antigas raízes Egípcias do Cristianismo, tanto historicamente como espiritualmente. Este livro demonstra que os contos sobre o “Jesus histórico” são baseados inteiramente na vida e morte do Faraó Egípcio, Twt/Tut-Ankh-Amen; e que o “Jesus da Fé” e os princípios Cristãos são todos de origem Egípcia – baseados na essência dos ensinamentos/mensagem, bem como os vários feriados religiosos.

- **Revisitando as Pirâmides Egípcias**

Um manual completo sobre as pirâmides do Antigo Egito durante a Era das Pirâmides. Contém: localizações das pirâmides; dimensões dos seus interiores e exteriores; sua história e seus construtores; teorias sobre sua construção; teorias sobre seu propósito e função; geometria sagrada incorporada ao projeto das pirâmides; e muito, muito mais.

>> Detalhes de todas as Publicações traduzidas podem ser encontrados em nosso website

> Verifique o website para saber sobre publicações traduzidas adicionais

{II} As Publicações Traduzidas atualmente em outros Idiomas não inglês [Francês, Alemão, Italiano, Japonês, Russo E Espanhol] – disponíveis no Formato e-book

>> Detalhes de todas as Publicações traduzidas podem ser encontrados em nosso website

[III] Current Publications in English Language

Please note that printed editions of all books listed below are to be found at www.amazon.com

The Untainted Egyptian Origin—Why Ancient Egypt Matters

A short concise overview of some aspects of the Ancient Egyptian civilization that can serve us well nowadays in our daily life no matter where we are in this world.

The Ancient Egyptian Culture Revealed, Expanded 2nd ed.

Revealing several aspects, such as its remote antiquities, religious beliefs and practices; social/political system; buildings; language; music, comprehensive sciences; astronomy, medicine; economy; etc.

Isis : The Divine Female

Explaining the metaphysical and physical divine female principle and about twenty female manifested attributes.

Egyptian Cosmology, The Animated Universe, Expanded 3rd edition

Surveys the applicability of Egyptian cosmological concepts to our modern understanding of the nature of the universe, creation, science, and philosophy.

Egyptian Alphabetical Letters of Creation Cycle

The relationship between the sequence of the creation cycle and the Egyptian 28 ABGD alphabet.

Egyptian Mystics: Seekers of the Way, Expanded 2nd ed.

Egyptian alchemy and Sufism, with a coherent explanation of fundamentals

and practices.

Egyptian Divinities: The All Who Are THE ONE, Expanded 2nd ed.

Details more than 80 Egyptian divinities (gods, goddesses) and their specific roles.

The Ancient Egyptian Roots of Christianity, 2nd ed.

Egyptian roots of Christianity, both historically and spiritually.

The Ancient Egyptian Metaphysical Architecture, Expanded Edition

Applications of sacred geometry, and number mysticism in Egyptian temples to generate cosmic energy.

Sacred Geometry and Numerology,

This document is an introductory course for learning the fundamentals of sacred geometry and numerology, in its true and complete form, as practiced in the Egyptian traditions.

The Egyptian Hieroglyph Metaphysical Language

Scientific/metaphysical realities of pictorial images (Hieroglyphs) as the ultimate medium for the human consciousness that interpret, process and maintain the meanings of such images

The Ancient Egyptian Universal Writing Modes

The Egyptian Alphabetical language is the MOTHER and origin of all languages; and how it was diffused to become other 'languages' throughout the world.

The Enduring Ancient Egyptian Musical System—Theory and Practice, Expanded Second Edition

Fundamentals (theory and practice) of music, musical instruments, playing techniques, functions, etc.

Egyptian Musical Instruments, 2nd ed.

This book presents the major Ancient Egyptian musical instruments, their ranges, and playing techniques.

The Musical Aspects of the Ancient Egyptian Vocalic Language

Shows that the fundamentals, structure, formations, grammar, and syntax are exactly the same in music and in the Egyptian alphabetical language.

Egyptian Romany: The Essence of Hispania, Expanded 2nd ed.

Shows the intimate relationship between Egypt and Hispania archeologically, historically, culturally, ethnologically, linguistically, etc.
